



UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA – UNILAB

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS – IHL

MESTRADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES – MIH

**Gênero e Trabalho no Maciço de Baturité: protagonismo, poder e artesanato de
mulheres.**

Santana Glícia Menezes Maia

REDENÇÃO - CE

2018



Santana Glícia Menezes Maia

Gênero e Trabalho no Maciço de Baturité: protagonismo, poder e artesanato de mulheres.

Defesa de dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Interdisciplinar em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como requisito para a obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Henrique Lopes Pinheiro

REDENÇÃO - CE

2018

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Maia, Santana Glicia Menezes..

M188g

Gênero e Trabalho no Maciço de Baturité: protagonismo, poder e artesanato de mulheres / Santana Glicia Menezes Maia. - Redenção, 2018.

149f: il.

Dissertação - Curso de Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Humanidades, Coord. do Curso De Mest. Interdisciplinar em Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2018.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Henrique Lopes Pinheiro.

Coorientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo de Oliveira Bezerra.

1. Mulheres - História. 2. Mulheres - Gênero. 3. Mulheres - Artesanato. 4. Mulheres - Poder. I. Título

CE/UF/BSCL

CDD 305.4



Gênero e Trabalho no Maciço de Baturité: protagonismo, poder e artesanato de mulheres.

Santana Glícia Menezes Maia

Defesa de dissertação aprovada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre junto ao Curso de Mestrado Interdisciplinar em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, pela seguinte banca examinadora:

A handwritten signature in blue ink, appearing to be 'C. H. Lopes Pinheiro', written over a horizontal line.

Prof. Dr. Carlos Henrique Lopes Pinheiro

(Orientador - UNILAB)

A handwritten signature in blue ink, appearing to be 'C. E. de Oliveira Bezerra', written over a horizontal line.

Prof. Dr. Carlos Eduardo de Oliveira Bezerra

(Coorientador - UNILAB)

A handwritten signature in blue ink, appearing to be 'Clébia Mardônia Freitas Silva', written over a horizontal line.

Profa. Dra. Clébia Mardônia Freitas Silva

(UNILAB)

A handwritten signature in blue ink, appearing to be 'F. D. Silva do Nascimento', written over a horizontal line.

Profª. Dra. Francisca Denise Silva do Nascimento

(UFC)

Defesa em: 09 de janeiro de 2018.

Dedico este trabalho à minha mãe e ao meu pai (*in memoriam*), maiores professorxs e amigxs:

Porque com ELA aprendi...

que tantas são as facetas que nos compõem, que nada mais podemos querer senão uma existência caleidoscópica;

que tantas são as fortalezas e fraquezas contidas em um único corpo, que todo ele é super heroico;

que tantas são as descrenças e os gestos de fé, que temor e coragem nos assombram e fortalecem todos os dias.

Porque com ELE aprendi...

que se há um dever a cumprir, não há motivos para não honrá-lo;

que ser honesto e verdadeiro é o melhor legado;

que a dureza da vida turva, mas não apaga, a poesia da alma.

Porque os dois não me saem do coração, dos sonhos, da memória...

Agradecimentos

Primeiramente, ao agradecer por tudo que me acontece com intensidade e verdade, faço silêncio. Depois, na especial tarefa de narrar o quão grata sou por este momento em que se cumpre tão importante etapa em minha trajetória, divido anúncios de agradecimentos em existenciais e acadêmicos - não que essas instâncias sejam separadas em minhas vivências, mas porque possuem tempos-afetivos diferentes e assim ficou mais fácil arrumá-los.

Existencialmente, agradeço:

Ao Deus do céu e à Deusa da terra pela vida lá e cá;

Aos meus pais (*in memoriam*) por sempre proporcionarem, promoverem e incentivarem minha educação e desenvolvimento;

À minha companheira de viver, pelo amor que me ensina a receber, pela inspiração de sua vida acadêmica vitoriosa, ética e criativa, pelo incentivo a romper limites em minhas zonas de conforto, pela colaboração logística, pelo apoio emocional sempre, pela paciência nos momentos difíceis;

À minha família: minha irmã; sobrinha; cunhadxs e sogra; pelo apoio durante o processo dissertativo e compreensão por algumas ausências minhas em momentos de convivência familiar.

À minha gatinha, pela companhia constante e pelo amor incondicional.

A(o)s amigxs que torceram e se alegraram por minhas conquistas.

Academicamente agradeço:

Ao orientador, pela generosidade com que me acolheu quando solicitei sua ajuda profissional, por não me deixar desistir da escolha temática pessoal, por ser mentor e ser humano na medida certa para mim;

À CAPES, pela concessão da bolsa de mestrado que possibilitou o apoio financeiro para a realização desta pesquisa e do mestrado;

À UNILAB e ao programa do Mestrado Interdisciplinar em Humanidades pela oportunidade de realização deste curso de pós-graduação ampliando minhas qualificações

profissionais, assim como aos funcionárixs do MIH e desta Universidade que viabilizaram todos os encaminhamentos necessários à conclusão dessa jornada;

Às professoras das bancas examinadoras de defesa e qualificação, que se disponibilizaram a participar deste momento e colaboraram com o resultado final deste trabalho;

Ao coorientador, corpo docente do mestrado e demais professorxs que contribuíram nesse caminho com a socialização de seus conhecimentos;

A(o)s colegxs do mestrado, pelas trocas de experiências e apoio;

E, especialmente, agradeço às artesãs do Maciço de Baturité e seus saberes compartilhados generosamente, sem os quais não teria levado essa pesquisa a termo.

Resumo

Esta pesquisa busca dar visibilidade às mulheres comuns como protagonistas da história, quando muitas vezes são ocultadas: delas sempre foi possível falar, definir, explicar, mas nem sempre ouvir; afirmar a importância de promover estudos de gênero que rompam com concepções universalistas e excludentes, primando pela investigação de cunho feminista e interdisciplinar ao produzir conhecimento. Para tal, parte das atuais vicissitudes do mundo do trabalho para pensar as ocupações femininas em suas peculiaridades e desafios; sendo múltiplas as atividades possíveis de serem exercidas pelas mulheres, procurou problematizar a esfera artesanal. Portanto, este estudo objetiva a compreensão do protagonismo das artesãs participantes de associações no Maciço de Baturité - CE, analisando no fazer artesanal diferentes exercícios de poder das mulheres no lugar de atuação profissional. A abordagem metodológica da pesquisa é qualitativa, usando o recurso da observação participante e das entrevistas semiestruturadas de narrativas de vida, ressaltando a escolha de compartilhar saberes entre pesquisadora e pesquisadas. Na perspectiva de construir conhecimento a partir de experiências narradas, este trabalho fala de mulheres produzindo peças, comercializando, criando, socializando, enfim, fazendo do artesanato uma atividade econômica e culturalmente referenciada em nossa sociedade, mas, sobretudo, do reconhecimento, das manifestações e usos do poder das e pelas mulheres.

Palavras-chave: Gênero; Trabalho; Artesanato; Poder; Interdisciplinaridade.

Abstract

This research seeks to give visibility to ordinary women as protagonists of history, where they are often hidden: it has always been possible to speak, define, explain, but not always listen; affirms the importance of promoting gender studies that break with universalist and exclusionary conceptions, emphasizing feminist and interdisciplinary research in producing knowledge. Against the current vicissitudes of the world of work it is necessary think about women's occupations, their peculiarities and their challenges. Being multiple activities possible to be exercised by women problematizes the artisanal sphere. Therefore, this study aims at understanding the protagonism of the artisans participating in associations in the Maciço de Baturité - CE, analyzing in the craftsmanship different exercises of women power in the place of professional performance. The methodological approach of the research is qualitative, using the resource of participant observation and semi-structured interviews of life narratives, highlighting the choice of sharing knowledge between researcher and researched. In the perspective of building knowledge from narrated experiences, this work speaks of women producing pieces, commercializing, creating, socializing, finally, making handicraft an economically and culturally referenced activity in our society, but above all, recognition, manifestations and uses of power by women.

Keywords: Gender; Work; Crafts; Power; Interdisciplinarity.

Lista de siglas

CAPS - Centro de Atenção Psicossocial.

CAPSi - Centro de Atenção Psicossocial Infanto-Juvenil.

CEART - Centro de Artesanato do Ceará.

CEBs - Comunidades Eclesiais de Base.

DOU - Diário Oficial da União.

INTESOL - Incubadora Tecnológica de Economia Solidária.

IPECE - Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará.

MINC - Ministério da Cultura.

MUNIC - Perfil dos Municípios Brasileiros.

PAB - Programa do Artesanato Brasileiro.

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas.

SEPLAG - Secretaria do Planejamento e Gestão do Estado do Ceará.

SENAR - Serviço Nacional de Aprendizagem Rural.

UNILAB - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

Lista de fotografias

Fotografia 1 – Renda, fita e barriga da palha da bananeira, respectivamente.....	38
Fotografia 2 – Palha da bananeira secando e sendo tecida.....	38
Fotografia 3 – Produtos artesanais de <i>Onde encontrei pássaros</i>	38
Fotografia 4 – Almofada pronta e sendo bordada em capitonê.....	72
Fotografia 5 – Bordado retratando a comunidade de <i>Onde encontrei flores</i>	78
Fotografia 6 – Galpão da estação ferroviária e corredor da loja e da oficina.....	91
Fotografia 7 – Entrada da loja de <i>Onde encontrei pássaros</i>	93
Fotografia 8 – Loja de <i>Onde encontrei pássaros</i>	94
Fotografia 9 – Rua de acesso a <i>Onde encontrei flores</i>	98
Fotografia 10 – Imagens da loja <i>Onde encontrei flores</i>	99
Fotografia 11 – Imagens de <i>coleções</i>	114
Fotografia 12 – Imagens de turistas e da comunidade.....	119

Sumário

Introdução – Artesanatos, trabalhos, lugares por onde andei.....	12
1. Referencial teórico - metodológico: tecendo modos sensíveis de conhecer.....	23
2. O Gênero no Trabalho: de que se ocupam as mulheres.....	44
2.1. O mundo do trabalho e suas vicissitudes.....	45
2.2. O poder dá trabalho!.....	52
2.3. O trabalho das mulheres e seus desafios.....	59
2.4. O trabalho artesanal.....	66
2.5. As mulheres sempre foram artesãs?.....	78
3. Vidas narradas, vidas imbricadas: as artesãs no Maciço de Baturité.....	86
3.1. Acessando os lugares na pesquisa.....	89
3.1.1. Onde encontrei pássaros.....	90
3.1.2. Onde encontrei flores.....	97
3.2. Acessando histórias na pesquisa.....	103
3.2.1. Aspectos da produção.....	109
3.2.2. Aspectos da comercialização.....	118
3.2.3. Aspectos grupais e individuais.....	124
Considerações finais.....	134
Referências.....	139
Anexo 1 – Roteiro de entrevista semiestruturada.....	147
Anexo 2 – Ofício de desocupação.....	148

Introdução – Artesanatos, trabalhos, lugares por onde andei.

Sermos mulheres juntas não era suficiente.

Nós éramos diferentes.

Audre Lorde¹

O trabalho frequentemente esteve presente na vida cotidiana das mais diversas mulheres, seja através de tarefas domésticas diretas ou administração dos assuntos referentes à organização do lar, seja na participação delas como integrantes do mercado de trabalho formal ou informal. Os lugares e as formas de participação das mulheres no mundo do trabalho, porém, podem ser destacados do universo geral dos trabalhadores para que de modo mais particular se possa perceber e discutir suas vicissitudes e peculiaridades. Assim, o que mudou na sociedade brasileira na última década do século XX e início do século XXI, quando pensamos mulher e trabalho?

Na atualidade é possível observar conquistas, avanços, retrocessos, resistências, reproduções de padrões, quebra de tabus, conformidade ao mercado, transgressões quanto à atuação da mulher no mundo do trabalho, diante do qual trava embates cotidianos. Uma visada cuidadosa e sem pressa sobre condições de inserção no mercado de trabalho, sobre o exercício do trabalho reprodutivo e produtivo para as mulheres, jornadas de trabalho fora e dentro do lar, escolhas profissionais, capacidades e habilidades pessoais consideradas pela influência de concepções patriarcais e do capitalismo global, presentes em nossos dias, as oportunidades de trabalho em regiões interioranas com baixa oferta de empregos – como no interior cearense - podem balizar e dizer algo mais sobre o que acontece no campo do trabalho feminino, em especial, sobre as mulheres que tem no artesanato uma atividade profissional. Conhecer experiências de coletivos de mulheres nesta atividade visa contribuir para subsidiar o fortalecimento do artesanato local, bem como mediar anseios econômicos e necessidades sociais da realidade local vislumbrando – separa a região elementos capazes de gerar desenvolvimento associado ao turismo, economia e cultura decorrentes de suas potencialidades, sem descaracterizar o artesanato.

¹ Trecho de poema da escritora americana de descendência caribenha, feminista lésbica e ativista na luta pelos direitos humanos. Disponível em: <https://pretaacademica.wordpress.com/2015/02/20/lesbicas-mulheres-negras-crise-de-representacao-a-partir-de-suas-multiplas-identidades/> Acesso em: 29.08.16.

O presente trabalho de pesquisa², desta forma, é um estudo voltado à compreensão do protagonismo das artesãs participantes de associações no Maciço de Baturité, analisando como o fazer artesanal possibilita diferentes exercícios de poderes às mulheres no lugar de atuação profissional em que se encontram.

De modo geral, as reflexões sobre as temáticas da pesquisa iniciaram-se através de observações realizadas ao longo de minhas vivências profissionais na docência e na clínica psicológica em Maceió – Alagoas, cujas experiências estavam ligadas às mulheres e suas opções, indecisões, limitações, possibilidades e impossibilidades frente à escolha profissional.

Nas experiências que tive com docência em cursos da área de Humanidades (tais como Psicologia, Serviço Social, Pedagogia) sempre me ficou visual e estatisticamente clara a maciça presença de mulheres; Iguamente me chamou atenção conteúdos compartilhados em rodas de conversa e/ou momentos de atividades de autoexpressão e identidade em sala de aula que me indicaram “problemáticas pertinentes ao universo feminino”, com alunas que tinham primeiro que cumprir as demandas domésticas de filhas, esposas e/ou mães - seguindo estereótipos do papel feminino clássico do cuidar e servir, para, só depois, poderem se dedicar às atividades acadêmicas. A relação existente entre gênero e escolha profissional, gênero e a inserção da mulher no mundo do trabalho tornou-se relevante.

Na experiência como psicóloga dentro do serviço público de saúde – mais, especificamente, no Centro de Atenção Psicossocial Infanto-Juvenil (CAPSi), em Maceió, percebi na própria formação da equipe multiprofissional, em área eminentemente ligada ao cuidado com o outro, a composição desigual de gênero: 14 mulheres e apenas 3 homens; nas práticas de triagem e análises de casos clínicos, observei que, predominantemente, as mães de usuários relatavam não possuir formação educacional formal ou vida profissional remunerada porque lhes cabia, exclusivamente, cuidar das filhas e filhos portadores de transtornos psicológico/psiquiátricos. Ressalte-se: algumas também eram usuárias do CAPS adulto. Os transtornos psicológicos atendidos na unidade de saúde infantil, no período lá trabalhado, eram acompanhados por preocupação das famílias com a reabilitação das crianças do sexo masculino e sua futura inserção no mundo do trabalho; para as meninas, era preconizada pela família, a reinserção social destituída de vínculo com expectativas trabalhistas, ou seja, para elas não havia projeção de ocupação fora as tarefas do lar.

² A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética da UNILAB sob o parecer nº 2.294.616 para a execução.

Como no âmbito da atuação em saúde mental uma das abordagens utilizadas era a da vivência com arte e artesanato como vias de expressão, socialização e, por que não dizer, de sobrevivência da população ali assistida, resolvi instrumentalizar-me e desenvolver habilidades artísticas para atuar em oficinas terapêuticas junto às famílias atendidas. Dessa maneira, na vida profissional, o artesanato se me apresentou de três formas: primeiro, surge como recurso e mediação para o trabalho com crianças que apresentavam transtornos mentais. Sua rápida aceitação (devido à proximidade com as coisas do cotidiano), atratividade sensorial (ao utilizar cores, formas e materiais diversos para manipulação) e possibilidade variada de execução (onde cabe o desenvolvimento do próprio modo de explorar, criar e construir objetos) transformaram os encontros em momentos mais prazerosos e profícuos nas oficinas terapêuticas; segundo, o reconhecimento de semelhante aceitação e resultados na aplicação do artesanato em grupos com as mães das crianças atendidas, apresentando e promovendo abertura para outras ações de apoio a este grupo relatado por colegas que trabalhavam na mesma equipe profissional; terceiro, através de meu processo individual de ressignificação das tensões laborais e aprendizagem por novas experiências criativas através das manualidades.

Essa trajetória despertou a reflexão sobre as possibilidades e efeitos da atividade artesanal para as pessoas; eu mesma viverei mudanças no meu cotidiano com a participação por dois anos em um grupo de artesanato com reciclagem no Centro de Belas Artes, de Alagoas. Ali tomei parte como membro-aprendiz e não no papel de facilitadora em atividade profissional. Tive minha própria experiência. Reafirmei a aprendizagem na força transformadora grupal que potencializava o despertar de novos gestos, gostos e troca de saberes. Nesse grupo de artesanato, deparei-me com a presença massiva de mulheres e comecei a conhecer o prazer de construir peças artesanais numa prática de convívio solidário, criativo e de desenvolvimento pessoal: se naquela oportunidade, *não me preocupei em entender*, pois *viver ultrapassou todo entendimento*, posteriormente, traí a *narradora* literária que mais prezo ao buscar me deter na construção do conhecimento a partir do vivido. E refletir sobre essa atividade artesanal para além da fruição, enquanto profissão.

Usando a memória e a vivência da presença massiva do sexo feminino no grupo artesanal que frequentei, fiz a escolha de trabalhar *as mulheres* como interlocutoras no desenvolvimento dessa pesquisa, talvez num desejo inconsciente de recriar, em outros moldes, aspectos de uma atividade que além de toda sua importância cultural e econômica, para mim era eminentemente relacional e de crescimento pessoal.

Assim, há alguns anos, quando mudei daquela cidade considerando as experiências acima mencionadas, pensei: será que essas imbricadas temáticas se apresentariam, seriam observadas em outros contextos, ou apenas seriam se dado na minha realidade vivida?

Ao fixar residência em Baturité, cidade-polo do Maciço de Baturité no estado do Ceará, pesquisei sobre as possibilidades de trabalho local com artesanato e busquei informações que caracterizassem a região. Segundo o Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável de 2010, o território do Maciço de Baturité tem uma área de 3.709 km² sendo dividido em três microrregiões ou microterritórios: a Sub-região Serrana (Corredor Verde), a Sub-região Vales/Sertão (Corredor Ferroviário) e a Sub-região de Transição (Sertão/Litoral), perfazendo um total de treze municípios na sua composição. São eles: Pacoti, Palmácia, Guaramiranga, Mulungu, Aratuba, Capistrano, Itapiúna, Baturité, Aracoiaba, Acarape, Redenção, Barreira e Ocara.

De modo geral, a região está ligada, no plano histórico, ao pioneirismo quanto à libertação dos escravizados³, à criação de gado e ao plantio da banana, e produção cafeeira – sendo que a produção do café não é significativa, atualmente, mas está sendo usada como atrativo histórico no plano turístico. O café cultivado no passado colonial em sítios e povoados espalhados pela serra propiciou que em torno destes fossem se constituindo os atuais municípios que formam o maciço. Como herança da produção cafeeira, encontra-se na cidade de Baturité um museu localizado na antiga estação ferroviária – um dos pontos turísticos da cidade. Anexos, ao local do museu, existem dois espaços destinados à produção e venda de artesanato: um funciona normalmente, até a presente data; o outro foi fechado em dezembro de 2016, por problemas de saúde e debilitadas condições físicas do artesão responsável pelo ateliê, não havendo outras pessoas que mantivessem, para esse profissional, a atividade artesanal no local de forma produtiva e/ou comercialmente.

Ainda na fase da pesquisa exploratória, identifiquei na cidade polo a presença do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), entidade mista que define como sua missão a promoção da competitividade e do desenvolvimento sustentável aos pequenos negócios, e do fomento ao empreendedorismo como via de fortalecimento

³ No Maciço de Baturité, o município de Redenção (antes chamado Vila do Acarape) entrou para a história do Brasil como a primeira cidade a libertar totalmente os escravizados. O fato histórico ocorreu por declaração, em 1º de janeiro de 1883, resultante de sugestão de Deocleciano Ribeiro de Menezes, com a entrega de 116 cartas de alforria. O ato se antecipou em mais de quatro anos à assinatura da Lei Áurea pela princesa Isabel. No entanto, a data oficial de comemoração da declaração da abolição da escravatura ficou registrada como 25 de março de 1884. Informações disponíveis em: <http://www.unilab.edu.br/historia-de-redencao-liberdade/>. Acesso: 13.06.17.

econômico. Partindo do pressuposto que uma instituição inscrita numa ordem capitalista de ampliação e exploração do mercado e da economia mantém informações ou indicativos das forças produtivas que compõe sua área de cobertura e de atuação, busquei contato para levantamento de possíveis registros sobre artesanato na região. Neste sentido, construí uma lista com quinze referências ligadas à prática de atividade artesanal denominadas como associações ou listados por nomes de pessoas. As referências englobavam as cidades de Baturité, Aracoiaba, Redenção, Guaramiranga, Pacoti e Itapiúna.⁴ O rol apontava as tipologias desenvolvidas por cada um desses componentes indicando o uso de fibras naturais e materiais como madeira, fibra de média densidade (MDF), pedras semipreciosas, *biscuit* (também conhecida como porcelana fria). Tal listagem pareceu-me indicativa de pujança quanto à atividade artesanal na região. Não à toa, segundo a Secretaria do Planejamento e Gestão do Estado do Ceará (SEPLAG),⁵ quase metade da população da região do maciço (47,8%) é composta de pessoas em idade produtiva, o que me trouxe algumas indagações: tal fato poderia indicar, mesmo que conjecturalmente, a necessidade de postos de trabalho para este contingente de pessoas? E que se assim for, não seria crucial examinar estratégias para políticas de geração de emprego, ocupação e renda? Talvez, um caminho viável e lógico poderia ser a implantação de ações de capacitação voltadas para as vocações regionais, e neste sentido, o artesanato, uma vocação regional, não se configuraria como forte alternativa à geração de renda. Quais seriam as motivações locais para a prática artesanal?

O perfil regional elaborado em 2014 pelo Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE)⁶ indicava uma crescente urbanização e vocação para o turismo na região do maciço de Baturité, como tendência desde 2004. Com a nova edição do Mapa do Turismo Brasileiro (2017), instrumento de orientação para a atuação do Ministério do Turismo no desenvolvimento de políticas públicas e que tem como foco a gestão, estruturação e promoção do turismo, de forma regionalizada e descentralizada, pudemos observar que dos

⁴ As informações referentes aos praticantes de artesanato foram colhidas através de conversa informal com funcionária do SEBRAE e do site da instituição por meio do catálogo intitulado “*Artesanato cearense: tradição que se renova*”, onde figuram produções artesanais de todo o estado do Ceará. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/CE/Anexos/Cat%C3%A1logo%20Artesanato%202014%20Digital%20Baixa.pdf>. Acesso em: 20.10.16

⁵ Informações da Secretaria do Planejamento e Gestão do Estado do Ceará (SEPLAG) estão disponíveis em: http://www2.seplag.ce.gov.br/content/aplicacao/SEAD/upload/PPA_2008_2011/PERFIL%20REGIONAL/Perfil%20Regional%20Baturite.doc. Acesso em: 20.10.16

⁶ Informações do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) estão disponíveis em: http://www2.ipece.ce.gov.br/estatistica/perfil_regional/Perfil_Regional_R6_Baturite_2014.pdf. Acesso em: 20.10.16

74 municípios cearenses presentes nesse Mapa, cinco se encontram no Maciço de Baturité: Baturité, Guaramiranga, Pacoti, Palmácia e Redenção. Mesmo sem obter destaque significativo nas categorias avaliativas⁷ do referido Ministério, o que significa figurar em lista tão seletiva de indicadores para o turismo? Conforme os achados da minha pesquisa, pode reconhecer nas relações entre turismo e produção artesanal potencialidades a serem discutidas - encarando as vantagens e desvantagens dessa articulação ao buscar observar ações ou a falta delas quanto a esta temática na região.

Se tomarmos a Política Nacional de Turismo, estabelecida pela Lei 11.771/2008⁸, veremos que a mesma trabalha sob a perspectiva de que mesmo um município que não possui uma clara vocação para o turismo - que não recebe o turista - pode se beneficiar desta atividade se esse município desempenhar um papel de provedor ou fornecedor de mão de obra ou de produtos, como é o caso do artesanato, destinados a atender ao turista. O trabalho regionalizado permite, assim, ganhos não só para o município que recebe o visitante, mas para toda a região. Talvez possa ser visto, desta maneira, o fluxo turístico que se observou na região, ligado à *Rota do Café Verde*. Esta *Rota* foi reativada pelo SEBRAE no primeiro semestre de 2016 e envolve os municípios de Baturité, Mulungu, Pacoti e Guaramiranga passando pelas sedes municipais e sítios envolvidos com a produção e a história do *Café de Sombra*, característico da região. Baturité, como local de passagem para a subida da serra, apresenta como ponto de parada das agências de turismo o já mencionado Museu Ferroviário. De tal sorte que se a região serrana concentra atrativos climáticos, ecológicos e também históricos interessantes para o turismo, cidades do entorno podem ser incluídas de forma integrada nessa economia, fornecendo produções artesanais regionais.

Somando-se a essas informações, temos a perspectiva do Ministério da Cultura (MINC) em resultados publicados no Suplemento de Cultura da pesquisa de informações básicas municipais no Perfil dos Municípios Brasileiros (MUNIC 2006)⁹. Tal pesquisa demonstra ser preciso levar em conta a diversidade cultural e territorial das municipalidades

⁷ As categorias avaliativas do Ministério vão de A até E. Elas se baseiam no desempenho econômico através de quatro variáveis: número de empregos; quantidade de estabelecimentos formais de hospedagem; estimativa de fluxo de turistas domésticos; e internacionais. As cidades citadas da região do Maciço ficaram com categorias C e D. Maiores informações sobre as categorias, legislação e as ações governamentais no setor ver <http://regionalizacao.turismo.gov.br/>

⁸ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111771.htm Acesso em: 20.10.16

⁹ Informações encontradas no portal do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) - www.ibge.gov.br, no suplemento de cultura do sítio Perfil dos Municípios Brasileiros - <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/perfilmunic/cultura2006/cultura2006.pdf>. Disponível também em: http://3nv1jy4u7zmsc.cloudfront.net/wp-content/uploads/itau_pdf000582.pdf. Acesso em: 20.10.16

existentes no país, trabalhando as questões culturais na associação profícua entre cultura local, turismo regional e produção artesanal. Essa percepção de que o município é o *locus* privilegiado do fazer e da fruição cultural, na medida em que é a instância mais próxima dos modos de vida da população, pode assumir posição decisiva do ponto de vista da gestão pública do setor cultural. No entanto, esses dados também informam que 42,1% dos municípios brasileiros não têm uma política cultural formulada, o que significa dizer que a cultura ainda não está incluída na agenda das políticas públicas de uma alta porcentagem dos governos municipais. Importante também é perceber que entre as atividades culturais, presentes nos municípios brasileiros no Suplemento de Cultura, aquelas de maior destaque foram: exposições de artesanato (57,7%), feiras de artes e artesanato (55,6%). Se aliados a esses dados forem analisadas as tipologias artesanais, o bordado aparece como a atividade mais representativa nos municípios brasileiros, encontrando-se em 75,4% deles, seguida das atividades com madeira (39,7%) e artesanato com barro (21,5%).

Os dados do MINC remetem às tipologias encontradas nas associações e grupos artesanais pertencentes ao Maciço de Baturité. Aqui, as associações e os grupos produtivos corroboram as estatísticas gerais estando predominantemente ligados à tipologia dos fios e tecidos – embora dentro da perspectiva desta produção, haja preponderância do bordado. Refletir sobre os dados elencados, correlacionando turismo, cultura, artesanato, emprego e população em idade produtiva é de igual maneira, estabelecer uma linha de pensamento diretamente relacionada às alternativas de desenvolvimento humano, social e econômico. De modo particular e também assumindo um recorte perceptivo, reconheço que as temáticas, referências e intersecções cotidianas de mulheres, trabalho e depois artesanato, impregnaram em mim de maneira que passaram a constituir objeto de observação intencional e a compor o desejo reflexivo e investigativo de estudar o assunto.

Assim sendo, algumas questões problematizadoras não me abandonaram: o trabalho enquanto categoria social e meio para a dignidade, sobrevivência, crescimento e realização humana está posto; a compreensão de que cada região é detentora de peculiaridades contextuais, também está posta; logo, o trabalho feminino compreendido como necessário econômica e existencialmente no Maciço de Baturité certamente possui nuances, particularidades passíveis de estudos específicos. Porém, nessa região, o trabalho com artesanato pode ser associado preponderantemente ao universo da mulher? De que forma? As mulheres são protagonistas no mundo do artesanato? Como as artesãs enfrentam aspectos produtivos e comerciais no fazer artesanal? As artesãs se organizam em grupos ou trabalham

sozinhas? Como exercitam poderes através do fazer artesanal? Isto contribui para lhes proporcionar autonomia?

Em vista disso, esclareço que quando menciono o termo *protagonista* - de *protos* que em grego significa principal, primeiro; e de *agonistes*, que quer dizer lutador; competidor (CUNHA, 2001) – faço-o para me referir à concepção de personagem principal e também como pessoa que luta para assumir posição de destaque em qualquer acontecimento, área ou situação: em oposição à ideia daquela que usufrui de semelhante status por concessão de privilégio. Igualmente, o uso da noção de *poder* apoia-se em sua concepção como uma prática cotidiana ocorrendo nas relações diretas entre pessoas e seu exercício entendido como disputas de forças presentes em todas as relações sociais. Sobre *autonomia*, adianto que o uso do termo procede de concepções feministas que o toma como autodeterminação para as mulheres, capacidade através da qual fazem escolhas significativas e vivem de acordo com estas. Assim, esta investigação propõe articular uma produção de conhecimento com a preocupação em dar vozes às mulheres, como necessária estratégia afirmativa, de tomar a expressão delas como ponto principal para desvendar aspectos pertinentes ao mundo do trabalho feminino em suas vicissitudes e desenvolvimento.

Quando se trata de trabalho, dentre outras atividades cotidianas, mulheres comuns do interior do Ceará, inclusive as residentes no Maciço de Baturité, apresentam o exercício da prática artesanal. Algumas o fazem como lazer, outras como ocupação remunerada. Esta pesquisa, portanto, aborda a autonomia presente em práticas de poder das artesãs no Maciço de Baturité através da produção artesanal, enquanto atividade profissional. Como ponto de partida, utilizei observações junto às associações locais de produção artesanal e dos relatos compartilhados das próprias mulheres que delas participaram, em trajetórias de vida perpassadas pela artesanaria.

O uso dissertativo da primeira pessoa neste trabalho se deu a partir da escolha por uma forma de fazer ciência que – apoiada nas palavras de Galeffi – aponta que “os fenômenos são acontecimentos percebidos por alguém que os percebe” (2009, p. 29). Assim, marcada como mulher e artesã, presentifiquei-me no texto para assumir *um ponto de vista*, um entre outros possíveis - pois são também plurais as formas de conhecer; para incluir, nesta ação, a perspectiva do *curador ferido*¹⁰ de um profissional – e aqui pesquisadora – lidando com o que

¹⁰ Expressão referente ao terapeuta que trata do sofrimento de seu cliente, levando em conta seus próprios pontos cegos e fragilidades como instrumento de sensibilização e empatia quanto à vulnerabilidade do outro sem, no

está fora (observável, interpretável, compreensível, descritível, entre outras formas) também considerando o que está dentro (natureza do conhecimento humano, limites corporais e mentais próprios, percepções e conceituações mediadas historicamente).

Na complexidade da composição temática que forjei para meus estudos, identifico um movimento importante de convidar para falar comigo interlocutores e saberes que me solicitam orquestrar múltiplos sentidos e modos de olhar fenômenos. Não posso prescindir de buscar na diversidade de ângulos as partes que estão amalgamadas, as forças, mediações e determinações múltiplas que produzem esta realidade, pois elas me sinalizam a intimidade necessária para ver as mulheres pesquisadas e mim mesma. Traço o caminho do exercício interdisciplinar na tentativa de me deixar atravessar pela compreensão do simples, do intrincado, das explicações e das contradições que findam ou iniciam revelando aspectos diferentes da realidade a que me dedico neste trabalho.

Como suporte para a pesquisa e para compreender a dimensão das mulheres na discussão de gênero, adoto, inicialmente, o entendimento de Scott (1995) na medida em que propõe avançar conceitualmente em oposição ao binarismo, evitando reproduzir as relações de dominação ainda vividas na sociedade. Também estabeleço como referencial, para refletir sobre as metamorfoses no mundo do trabalho, Antunes (2005, 2009, 2011) e Codo (1996, 2004, 2006); para o trabalho das mulheres, remeto-me às análises de Rago (2010), Hirata (2002, 2007, 2014), Bruschini (2000, 2007), Sorj (2004), Saffiotti (1969, 1981, 2004). No que se refere aos aspectos identificados como concernentes à economia feminista, a base conceitual segue as problematizações de Kabeer (2013a; 2013b), Moreno (2015), Federici (2004), da mesma maneira que a concepção de poder será tomada em perspectiva Foucaultiana (1990, 1996, 2009) nas relações cotidianas. Quanto à atividade laboral artesanal propriamente dita, sigo as delimitações pragmáticas em Sennett (2015), a base histórica de Porto Alegre (1988) destacando a caracterização do ser artesã(o) e da artesanaria. Quanto ao artesanato de mulheres, busco suporte em Simioni (2010) e Silva (2010; 2015), e para expor os contornos críticos a respeito da função sociocultural do artesanato, valho-me de Canclini (1997) e Paz (2016) - principalmente no que se relaciona à sua utilização pelo capitalismo.

Ao tomar um caminho epistemológico de perspectiva feminista, conforme esclarece Matos (2008), opto também pela concepção de conhecimento e sujeito conhecedor servindo

entanto, perder-se neste processo. Isto é, atuando paradoxalmente entre os campos subjetivos e objetivos do encontro e da relação (HYCNER, 1995).

não apenas aos interesses próprios, individuais, mas como agente social, coletivo e politicamente engajado, que se insurge contra a ordem patriarcal contingente às determinações capitalistas na regulação de mercados e de posições subalternas para as mulheres no labor e na sociedade. Faço uso da abordagem qualitativa valendo-me de Minayo (2004), Chizzotti (2006), Galeffi (2009), baseada em observações de campo (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2006; BRANDÃO, 2007; DIAS, 2009) e em narrativas de vida (JOSSO, 2010; DELGADO, 2006; LARROSA, 1994; FERRAROTTI, 2010;), assim como de análise textual discursiva (MORAES, 2003), buscando contribuir para a percepção das próprias artesãs, no sentido da conscientização e da valorização de si e de seu ofício, tal qual com o poder público e setores produtivos ligados a essa área, no sentido de destacar a importância e pertinência do fomento desta atividade, e, sobremaneira, para a problematização das desigualdades e estereótipos sociais de gênero que persistem na regulação ou na pretensão de regulação da vivência do feminino e de sua experiência no trabalho.

Dessa forma, no primeiro capítulo, tratarei das questões metodológicas e das estratégias traçadas no desenvolvimento da pesquisa para uma melhor investigação e conhecimento sobre as preocupações voltadas para o artesanato feito por mulheres: suas implicações, determinantes e desdobramentos enfatizam que nas diferentes linhas de trabalho há uma “incomensurabilidade de suas maneiras de ver o mundo e nele praticar sua ciência” (KUHN, 1998, p.23). A pesquisa que desenvolvi tem a intenção de compreender, no contexto artesanal, o protagonismo feminino no trabalho, seu processo e desenvolvimento no campo dos poderes exercidos pelas mulheres.

No segundo capítulo, problematizarei a concepção temática de gênero, trabalho e poder através da apresentação das vicissitudes que a categoria trabalho apresentou após a reestruturação produtiva e globalização, seus desdobramentos para as mulheres no mundo do trabalho e as articulações disto com o poder. Também tratarei das mulheres na esfera do trabalho artesanal. Não se tratando de uma abordagem apenas diagnóstica da condição da artesã, mas pretendendo inscrever a análise numa perspectiva maior de pensar as formas e as condições do trabalho da mulher no contexto atual, contribuindo para a compreensão da organização da vida social e para o debate sobre as desigualdades no mundo do trabalho. Assim como, foram postas questões relativas ao artesanato e seus significados para os sujeitos que atual e historicamente estão envolvidos em sua realização, em especial às mulheres.

No terceiro capítulo serão articulados os achados da pesquisa identificando e discutindo modos afirmativos das mulheres produzirem a si mesmas e às suas condições materiais pela via artesanal. Tomando como fonte de dados observações e narrativas de vida das artesãs, abordei os efeitos do poder em termos da apropriação e não-apropriação, de seu uso e não-uso, pelas mulheres artesãs em seu cotidiano. Aproximando a análise em tópicos, mostrarei aspectos de constituição das associações, exercício de produção, comercialização, finalizando com a abordagem dos aspectos grupais nas associações.

Nas considerações finais refletirei sobre os possíveis poderes das mulheres a partir dos fazeres do artesanato, oportunizando práticas que podem assumir para elas, feições de autonomia de vida - mesmo quando esses fazeres são regulados pelas agências de fomento, dando à atividade artesanal um enfoque mercantil.

1. Referencial Teórico-Metodológico: tecendo modos sensíveis de conhecer.

A reflexão sobre metodologia enquanto sistemática de abordagem da realidade é assunto para pesquisadores comuns que se exercitam em seus respectivos campos de conhecimento. Os gênios não precisam desse dispositivo [...]

Thomas Kuhn¹¹

Assim, não se trata de contrapor métodos e fazer a apologia de um deles, e sim de investigar radicalmente a natureza do conhecimento humano, o que nunca pode garantir nenhum alcance definitivo, porque é uma produção humana e o ser humano encontra-se sempre perspectivado [...]

Galeffi¹²

Minhas ideias sobre a importância das histórias e a narração de histórias [...] sobre a relação da ciência com a narrativa –[é que] a ciência é uma fonte de histórias que interpretam o caráter interconexo do universo.

David Peat¹³

[...] a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca.

Jorge Larrosa¹⁴

A temática do feminino tem permeado estudos e pesquisas ao problematizar a importância de se tratar as questões de gênero de forma a contribuir com a ampliação de saberes relacionada à construção e desconstrução de papéis fixos de gênero. No presente estudo, a forma de construir o conhecimento deu-se na escolha de compartilhar saberes entre pesquisadora e pesquisadas sobre vidas perpassadas pelo trabalho artesanal. Para estabelecer o entendimento sobre minha opção metodológica, buscarei contextualizar a discussão do mundo do trabalho das mulheres na esfera artesanal com as questões de gênero.

Neste capítulo, exponho métodos e técnicas que considero condizentes e pertinentes à obtenção dos dados necessários para a pesquisa. Elaboro e discorro sobre suas fases, seus procedimentos, e transporto para o texto os acontecimentos que me conformam a pesquisa. Sendo assim, narro passos de um caminho que se apresenta ladeado de afetividade e respeito pelo fazer criativo das mulheres em suas vidas e seus artesanatos.

¹¹ A Estrutura das Revoluções Científicas, 1970, p.26.

¹² O Rigor nas pesquisas qualitativas: *uma abordagem fenomenológica em chave transdisciplinar*, 2009, p.19.

¹³ Em PELLANDA, Nize M. C.; GUSTSACK, Felipe, *Autonarrativas e invenção de si*, 2015, p.44.

¹⁴ *Tecnologias do eu e educação*, 1994, p.13.

Na história do feminismo, Scott (1995) aponta a existência de três posições teóricas basilares na discussão do conceito de gênero: a explicação de gênero a partir das origens do patriarcado; a segunda, em torno das contribuições marxistas (na relação classe/gênero) e seu materialismo histórico; e, nos estudos pós-estruturalistas franceses e as escolas de psicanálise. É importante frisar, entretanto, que a categoria gênero passou a emergir com feição analítica somente em fins do século XX, pois, até então, muitas dessas teorias

[...] construíram sua lógica a partir das analogias com a oposição entre masculino/feminino, outras reconheceram “uma questão feminina”, outras ainda se preocuparam com a formulação da identidade sexual subjetiva, mas o gênero, como uma forma de falar sobre sistemas de relações sociais ou sexuais não tinha aparecido (SCOTT, 1995, p.85).

Na visão de Scott (1995), o conceito de gênero passa pelas relações sociais (símbolo, economia, política, cultura, conceitos normativos, linguagem, individualidade) e pelas relações de poder que permeiam as diferenças entre os sexos. Assim, tomando o artesanato como lugar de atividade relacional, tanto na sua organização (SENNETT, 2015), como quanto na obra propriamente dita (PAZ, 2016), busquei entender as relações de gênero refletidas nas formas como as artesãs se veem enquanto mulheres que atuam com artesanato, ou dito de outro modo, perceber como a(s) concepção(ões) que as mulheres construíram em suas vidas sobre serem mulheres, pautam ações, escolhas, valorização de si, perspectivas e projetos de futuro no e com o artesanato, sendo entendidas como restritivas ou, e também, emancipatórias. Ou ainda, como as determinações sociais sobre gênero contribuíram para suas atuais posições enquanto trabalhadoras artesanais. Se gênero, como categoria, pode ser analisado através dos quatro elementos constitutivos, elencados por Scott quando citada por Pinsk (2009) em: (i) símbolos; (ii) conceitos normativos; (iii) política, instituições e organização social; e (iv) identidade subjetiva; e, como um campo primário no qual ou por meio do qual o poder é articulado, cabe buscar as formas pelas quais os significados de gênero estruturam a organização concreta e simbólica de toda a vida social, as referências que estabelecem distribuições de poder. Poder tomado como controle ou acesso diferencial às fontes materiais e aos recursos simbólicos, mas igualmente controlado, exercitado nos discursos.

Louro (1997) quando se refere ao conceito de gênero enquanto categoria de análise, sugere seu uso para

[...] recolocar o debate no campo do social, pois é nele que se constroem e se reproduzem as relações (desiguais) entre sujeitos. As justificativas para as desigualdades precisam ser buscadas [...] nos arranjos sociais, na história, nas

condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação (LOURO, 1997, p.23).

A análise do trabalho artesanal de mulheres oportunizou compreender, dentro do contexto do Maciço de Baturité, quais foram os arranjos sociais que possivelmente determinaram, influenciaram, interferiram em suas condições e atuações de sujeitos. Partindo das trajetórias e entendimentos pessoais destas mulheres, sobre como foram construídos seus espaços no mundo do trabalho com o artesanato, tornou-se possível refletir sobre as condições experimentadas e as transposições das desigualdades que podem ter sido vividas. Através da pesquisa social debruçei-me sobre uma realidade complexa que transbordou em dinamismo, diversidade humana, cultural possuidora de camadas difíceis de compreensão e apreensão por estarem além do visível, interconectadas em nível individual e coletivo de forma indissociável.

Compreender as forças, mediações e determinações múltiplas que produzem a realidade torna-se uma necessidade e também um desafio, um problema, pois se submete a determinações históricas e materiais e limites advindos das relações sociais dominantes (FRIGOTTO, 1995), assim como conhecer, levando em conta que há uma demarcação ocidental no pensamento moderno que disputa epistemologicamente o estatuto da verdade, invisibilizando outros saberes e os colocando à margem (em fronteiras não científicas) produzindo distinções perversamente excludentes (SANTOS, 2007). Mas isso só impõe outro combate, que é o da construção de novas relações sociais que rompam com a exclusão e com a alienação. Fazer ciência, desse modo, também é se identificar com pressupostos e concepções que entrelaçam ética e pesquisa através de uma espécie de cidadania pensante; é relacionar a produção de conhecimento aos destinos possíveis em termos de alcance e uso social, sem apenas produzir e reproduzir as teorias e as justificativas das condições sociais com as quais nos deparamos atualmente.

Minha percepção sobre a contextualização das mulheres no espaço de pesquisa me impeliu a uma concepção não fragmentada de realidade, às relações horizontalizadas entre pesquisadora - pesquisadas, ao respeito pelas verdades produzidas pelos sujeitos sociais e àquilo que posso pretender interpretar dos achados da pesquisa com as artesãs. Pois os “múltiplos aspectos de uma realidade humana complexa só podem adquirir sentido se, em vez de ignorarem esta realidade, forem religados a ela” (MORIN, 2003, p.113). Historicamente, a especialização disciplinar determinou limites e dificuldades à abordagem de problemas pertencentes e/ou localizados nas fronteiras dos saberes entre as ciências. Sem conexão com

outras disciplinas “a fronteira disciplinar, sua linguagem e seus conceitos próprios vão isolar a disciplina em relação às outras e em relação aos problemas que se sobrepõem às disciplinas” (MORIN, 2003, p.106).

Refletir sobre as produções de conhecimento diz respeito às ‘ordens’ que vigoram nos discursos científicos. Assim, a partir do pensamento de Foucault (1999) sobre a disputa da verdade e sua produção, compreendi que a abertura para os sujeitos produtores de conhecimento, na pesquisa, quer sejam eles especialistas ou não, redimensiona as regras de ordenamento e autoridade na ‘sociedade de discurso’ a qual nos submetemos ou nos vinculamos: uma visão crítica dos usos e disputas do poder que circula no e do discurso científico e que nos remete às escolhas ontológicas, gnosiológicas, axiológicas, metodológicas aqui presentes e que se seguem.

Como pesquisadora, compreendo que os arranjos sociais e culturais de gênero precisam ser permeados, reflexivamente, por uma indagação crítica das mais diversas contradições ocorridas e reveladoras desse campo de análise na sociedade: a diversidade do mundo do trabalho a que as mulheres estão inseridas não está desvinculada desses amplos debates. A partir dessas reflexões, pensei em investigar as mulheres nas associações de artesanato por compreender que a relação gênero e trabalho com artesanato pode se dar para além do sexismo que determina o que é próprio ou adequado para homens e mulheres - ou que impõe a valorização feminina a partir de estritas e circunscritas percepções de tradição patriarcal - abrindo-se para um caminho de transformação no que diz respeito à subalternidade da mulher, seu protagonismo e exercício de poder.

No tocante aos aspectos que interligam trabalho e divisão sexual no Brasil, procurei acompanhar as discussões auferidas por Bruschini (2007) quando esta fala de avanços e atrasos no campo do trabalho feminino. Nos avanços, Bruschini faz referência à maior inserção de mulheres em postos de gerência, aumento da escolaridade e acesso à carreira profissional; nos atrasos, refere-se ao predomínio do trabalho feminino em atividades precárias e informais. Embora sua pesquisa não trate especificamente do artesanato, é salutar lembrar que muitas vezes o trabalho com artesanato se dá no campo da informalidade.

No caso específico desse estudo, é preciso entender se e como propostas de agências como SEBRAE, que atuam através de capacitações técnicas e gerenciais, têm alterado o fazer das mulheres no ramo artesanal; ou se, como problematiza Hirata (2002; 2014), alguns resultados analíticos da maior inserção feminina no mercado revelam sua ocorrência apenas

ligada às trabalhadoras altamente qualificadas, em oposição a outras trabalhadoras ditas não qualificadas, ocupando atividades mal remuneradas e não valorizadas socialmente. Daí uma questão: o trabalho das artesãs em associações constituídas somente por mulheres está inserido nos avanços gerenciais mencionados por Bruschini ou nos atrasos da informalidade e precariedade em sua atividade?

Para analisar as mulheres que trabalham, apesar das muitas mudanças nos dias atuais, é preciso pensar sobre a divisão sexual do trabalho, e tratar desta abordagem não nos remete a uma questão superada. Na obra *A dominação masculina* (BOURDIEU, 2002), o autor adverte sobre a necessidade de manter vigilância quanto ao exercício de dominação que a visão androcêntrica estabelece na ordem simbólica, e à construção dos discursos que se formam para indicar dado papel social às mulheres fundada para manutenção do poder do homem. Se por um lado, as mulheres ocupam cada vez mais postos no mercado brasileiro, segundo Bruschini (2007), por outro, ainda sofrem os efeitos da separação do trabalho *de homem e de mulher*, pela relação persistente de sua ocorrência se dar no conflito entre a esfera pública e a privada. É devido ao apelo socialmente construído, no que se refere aos cuidados relativos ao mundo familiar e doméstico, como atribuição e responsabilidade do feminino, que tantos problemas permeiam a inserção das mulheres no mundo do trabalho. Ainda há nas questões ligadas ao trabalho feminino (HIRATA, 2009; FEDERICI, 2004) reflexos do trabalho doméstico que, considerado como improdutivo pela economia política, ocupa o tempo das mulheres sem lhes agregar valor e, muitas vezes, determina suas chances no mercado de trabalho formal. Embora discutida nas análises feministas, essa condição não foi superada explicando muitas vezes a precarização das condições das mulheres quando entram no mercado de trabalho (SORJ, 2004) e revelando os muitos empecilhos aos quais as mulheres são expostas para que se sintam *livres* para realizar *trabalhos fora de casa*.

Quando reflito sobre o trabalho de mulheres que fazem artesanato, penso amplamente, também, nas questões sobre horas trabalhadas na atividade profissional. Este fator de ocupação as retira do trabalho doméstico, trazendo implicações para o contexto familiar. Também penso no lugar físico no qual exercem seus ofícios, quando permanecem em casa, como dividem as demandas familiares e do trabalho? Quando estão em outro espaço que não o doméstico, isso poderia ser tomado seguramente como inserção no espaço público produtivo?

O artesanato, enquanto atividade artística, cultural e produtiva, vem sendo discutido em perspectivas ligadas tanto à compreensão da sua importância na cultura popular (CANCLINI, 1997), como também por setores ligados ao comércio e ao desenvolvimento econômico (FACHONE, 2012). Estes, voltados às necessidades do mercado através da produção de bens simbólicos (BOURDIEU, 2007), aqueles, denotando interesse e preocupação histórica e identitária quanto às atividades artesanais. Mas, a compreensão da produção artesanal requer observância da prática que origina seu processo tanto de criação quanto de comercialização, porque, dependendo da realidade social de quem a constrói, tal atividade ganha sentidos diferentes (CANCLINI, 1997).

Na tradição ocidental, o estabelecimento de um sistema de classificação das modalidades artísticas colocou o artesanato feito por mulheres submetido a uma hierarquização generificada que lhes conferiu o lugar de desvalor frente às produções masculinas de arte (SIMIONI, 2010). Passando pelo estigma do trabalho feminino doméstico, do trabalho manual em oposição ao intelectual, o artesanato teve de lidar com duas cargas simbólicas negativas. Para a busca da superação das condicionantes de subalternidade e exclusão feminina na arte, é importante ressaltar que se fez fundamental a incorporação de uma perspectiva feminista, mesmo que, aqui no Brasil, o medo da discriminação estivesse presente para algumas artistas envolvidas no movimento de resistência e contestação da invisibilidade feminina nas artes (BARBOSA, 2016).

O artesanato como atividade de mulheres, seja como processo associado de sujeição ao papel social preestabelecido para elas, seja como instrumento de resistência e emancipação (SILVA, 2010; 2015), busca constantemente dar visibilidade às mulheres como protagonistas da história em que foram ocultadas e sobre as quais muitas vezes foi possível falar, definir, explicar, mas nem sempre ouvir - devido à “segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas [e que] tivera como consequência a sua ampla invisibilidade como sujeito - inclusive como sujeito da Ciência” (LOURO, 1997, p.17).

Atualmente, o mundo do artesanato está repleto de mulheres produzindo peças, comercializando, consumindo, ou, por outro lado, distraído-se, criando, promovendo a socialização em grupos geracionais diferentes, em contextos associativos leigos ou religiosos, enfim, como uma atividade histórica e culturalmente referenciada em nossa sociedade.

De pronto, penso que o artesanato, pela abrangência e capilaridade social adquiridas, pode ser útil às mulheres no propósito de emancipação enquanto alternativa de trabalho.

Entretanto, também sobre artesanato como uma espécie de arranjo econômico que as incorpora à cadeia produtiva de modo sobrecarregado, mantendo-as associadas cumulativamente às atividades de trabalho doméstico; sobretudo, indago-me sobre qual/quais perspectiva(s) sentir e adotar para compreender nuances e significações presentes nesse fenômeno.

A partir de Foucault (1990), percebo que a verdade produzida no mundo se dá pelas “múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que acolhe e faz funcionar como verdadeiros” (FOUCAULT, 1990, p.12). Portanto, ao ouvir as artesãs pretendi adentrar nesse regime e buscar perceber quais discursos, no contexto pesquisado, as artesãs acolhem como verdades que as fazem “funcionar” socialmente.

Procurei compreender as ligações presentes entre o artesanato e as mulheres através, também, das maneiras como as mulheres estruturam a produção e a comercialização do artesanato criado por elas mesmas no Maciço. E para conseguir compreender o protagonismo delas no fazer artesanal, para o desenvolvimento ou não desenvolvimento de seu processo de autonomia a partir do trabalho, a escolha do viés metodológico tornou-se imprescindível no processo de investigação. Através da autorreflexão sobre minhas próprias escolhas e motivações ao fazer artesanato, mediada por indagações exteriores a mim sobre as intenções e projetos de vida dentro desta atividade, percebi que minhas questões pessoais podiam ser questões de outras mulheres; e qualificar indagações e compreensões sociais, grupais e até mesmo pessoais é estabelecer relação com a vida de modo pleno, é mergulhar em mim mesma para fazer pesquisa. Maria Cecília Minayo nos ensina que

[...] o trabalho de campo permite a aproximação do pesquisador da realidade sobre a qual formulou uma pergunta, mas também estabelecer uma relação com os “atores” que conformam a realidade e, assim, constrói um conhecimento empírico importantíssimo para quem faz a pesquisa social (2004, p.61).

Tomando como base o que expõe a autora, percebo que como pesquisadora não desejo apenas formular uma pergunta *sobre* a realidade escolhida, mas em todo momento minha preocupação é estar *com* a vida vivida na relação de pesquisa. Apresento aqui, desta maneira, o emprego de uma metodologia qualitativa, de natureza aplicada, objetivando a construção de aspectos descritivos, compreensivos e explicativos sobre as relações de gênero refletidas no trabalho das mulheres com artesanato no Maciço de Baturité. Essa escolha foi realizada para buscar adentrar o mundo dos significados, das ações e das relações humanas entrelaçadas nos processos em análise e igualmente para compreender o objeto de estudo.

Verificar como as pessoas avaliam suas experiências, quais são suas opiniões, sentimentos e significados associados a determinados fenômenos - no caso, da atividade artesanal trazer para as mulheres um senso de autonomia. Através da abordagem qualitativa é possível imergir na esfera da subjetividade e do simbolismo, firmemente enraizados no contexto social do qual emergem, que, conforme Chizzotti (2006), implica numa partilha densa que possibilita acesso ao visível e ao latente do objeto de pesquisa, à aceitação dos fenômenos como igualmente importantes - sejam em sua constância, como em sua circunstancialidade; na frequência e na interrupção, na continuidade e na ruptura. Sem esquecer a recomendação de Galeffi (2009, p.23) sobre ser necessário “começar por duvidar de tudo”.

Faz-se necessário, ainda, abordar a adoção da perspectiva feminista que permeia esta pesquisa, abraçando a crítica ao pensamento excludente nas ciências humanas que utiliza os *universalismos* a serviço do colonialismo, da dominação, da opressão, e manutenção dos privilégios historicamente já estabelecidos. Procurei lançar mão de uma abordagem feminista que objetivou refletir sobre a conscientização das mulheres em suas condições de subalternidade via apropriação consciente da opressão gerada por uma ordem social patriarcal e androcêntrica, e possibilitar a percepção sobre essas mulheres por vezes, deslocadas e inferiorizadas em seu fazer, silenciadas e invisibilizadas dentro da história, para, através de lutas e resistências, também se tornarem sujeitos, agentes no próprio processo de libertação.

Assim, as perspectivas feministas, que possuem correntes e abordagens variadas, conforme nos ressalta Marlise Matos (2008) tanto na sua história junto a movimentos sociais como junto ao meio acadêmico, constituem-se partes contribuintes fundamentais na transformação dos estudos de gênero em um campo de conhecimento de caráter multicultural e emancipatório. Através das revisões feministas, defende Matos (2008), os estudos de gênero ao virem “[...] descentrando a razão universal que historicamente teria sido produto da dominação do gênero masculino, já conquistaram terreno legítimo no conhecimento” (MATOS, 2008, p.342). A ruptura quanto à tradição intelectual ocidental, dualista, binarizante, que separa universal do particular, cultura de natureza, razão e emoção, masculino do feminino, que tanto serviram ao propósito de justificar e reproduzir as relações de dominação, opressão, exploração, cede lugar para as questões da diversidade e do pluralismo.

Em países periféricos, como o Brasil, por exemplo, as desigualdades se acentuam, as discriminações e as violações de direitos se agravam, muitas vezes, as políticas de natureza

progressista se polarizaram em ações que visam corrigir as injustiças via redistribuição de recursos, e outras, via ações de reconhecimento das diferenças minoritárias. Segundo Fraser (2010), estamos enfrentando ao longo dos anos mudanças na gramática de criação política de reivindicações preocupantes devido à aceleração da globalização econômica. O que se torna premente, de acordo com a pensadora, é a busca por representação plural e paridade participativa enquanto ação que desbarate a atuação dos grupos hegemônicos, pois é fato exemplar que existem “[...] conexões (institucionalizadas nos mercados de trabalho) entre normas androcêntricas que desvalorizam atividades codificadas como “femininas”, por um lado, e os salários baixos das trabalhadoras femininas por outro” (FRASER, 2010, p. 118).

Nesse contexto de discussão, é importante frisar, em primeiro lugar, segundo Marlise Matos, que

Temos já consolidadas nas discussões de gênero e feministas algumas das alternativas mais substantivas às abordagens tradicionais sobre o conhecimento [...] já emerge nova concepção de conhecimento e de sujeito conhecedor que, ainda sendo indivíduo historicamente particular, é também agente social, coletivo e político corporificado (MATOS, 2008, p.344).

e, em segundo lugar, que a metodologia se constitui em um triângulo relacional formado pela teoria, técnica e investigador, sendo que

[...] o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade [...] inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade pessoal e sua sensibilidade) (MINAYO, 2004, p.14).

Minha abordagem de campo objetivou, através da observação participante (DIAS, 2009), partilhar do ambiente próprio das artesãs, para sentir e indagar suas ações cotidianas, rotinas, dinâmicas, vivências e experiências pessoais entrecruzadas às práticas profissionais. Privilegiadamente foram observados os espaços dos ateliês de produção e, eventualmente, ambientes outros destinados à comercialização.

É relevante dizer, ainda, que o fato de eu ser artesã se constituiu em um elemento inicialmente facilitador, propiciando-me alcançar uma inserção legítima e mais imediata nas associações de artesanato no Maciço de Baturité, com apresentações e conversas iniciais versando sobre o meu fazer artesanal. Foram esses contatos preliminares, em termos de semelhanças e diferenças com os produtos que as associações desenvolviam que me deram a segurança de ser essa uma abordagem metodológica natural de aproximação.

Assim, o convívio, propiciado pela técnica de observação participante, tornou-se um compartilhar *real* no grupo. Cada observação requereu o melhor de meu saber ouvir, escutar, ver, fazer uso de todos os sentidos, e escrever, pois me possibilitou mobilizar recursos vivenciais próprios a respeito do conhecimento dos materiais, instrumentos, rotinas, gestos e termos linguísticos utilizados no fazer artesanal. Igualmente, um exercício vigilante e constante de aproximação (enquanto artesã) e de afastamento (na posição de pesquisadora): se, ser artesã, neste campo, trouxe facilidades, por certo, redobrou-me as responsabilidades. Posso dizer que a implicação prática desta condição pessoal foi uma conjugação quase esquizofrênica de prazer e rigor.

Deste modo, como estratégia da fase exploratória de campo, estabeleci uma checagem preliminar das associações relacionadas com artesanato pelo SEBRAE, em continuidade à fase exploratória bibliográfica. Como a listagem com referências de atividade artesanal apresentava endereços imprecisos de seus integrantes, busquei junto à Incubadora Tecnológica de Economia Solidária (INTESOL), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), informações que constituíssem acréscimos, confirmações e dados complementares à lista que eu possuía. Lá, recebi outras indicações de artesã(o)s individuais, de grupo indígena e quilombola que possuíam produtos artesanais, no entanto, essas indicações não se alinharam com minha proposta de pesquisa naquele momento; concomitantemente, através de contato telefônico, busquei investigar a efetiva existência das associações listadas. Em um dos telefonemas de verificação sobre a existência de associações em Baturité, recebi a notícia, de uma delas, que “a associação existe só no nome, mas não funciona mais não...” (informante listada como responsável por uma associação no rol do SEBRAE). Elencadas como responsáveis para contato havia dez mulheres e cinco homens, ou seja, o número de mulheres que aparecia como primeira interlocução no acesso aos produtos artesanais era de 66,6%, número significativamente superior a dos homens.

Esse contingente pareceu, grosso modo, enfatizar a importância de investigar e compreender se a produção artesanal regional estaria centrada nas mulheres. A preponderância feminina poderia indicar uma posição socioeconômica significativa no Maciço. Detendo-me com maior comedimento à tarefa de verificar o rol das associações de artesanato, fiz visitas aos municípios de Aracoiaba, Pacoti, Guaramiranga, Redenção e Baturité com o intuito de obter informações presencialmente. Pretendia ali, também, fazer o reconhecimento dos possíveis espaços físicos, das fisionomias das pessoas com quem havia

falado ao telefone e estabelecer outras visões sensíveis que me proporcionassem significativos dados. Após algumas andanças pela região do Maciço de Baturité, fui percebendo que: seis dos profissionais listados trabalhavam particular e individualmente, que alguns dos grupos artesanais não constituíam mais uma associação na acepção da palavra e outros nomes do rol sequer permaneciam com as informações legítimas ou vigentes, tendo sido, conseqüentemente retirados do processo exploratório. Nas demais tentativas entendi, a despeito do registro de tantos grupos artesanais na região, que a composição numérica da(o)s associada(o)s ou participantes produtivos não era tão extensa, de fato.

A associação que possuía maior contingente de pessoas trabalhando em torno do artesanato era a que se dedicava à tipologia da madeira. Nesta, a composição era mista: com homens e mulheres envolvidos na produção. Os homens trabalhavam na marcenaria, beneficiando e produzindo pequenas unidades-base em madeira; e as mulheres montavam peças com essas unidades-base que constituíam os produtos artesanais finais. Elas recebiam as peças da marcenaria e executavam suas elaborações seguindo modelos pré-estabelecidos de peças, individualmente em suas respectivas residências.

Não foram encontradas associações que lidassem com a cerâmica ou couro. Havia em Itapiúna uma associação que trabalhava com pedras semipreciosas, mas à época do levantamento inicial da pesquisa, encontrava-se inativa.

Por fim, no exame das associações, privilegiei àquelas constituídas por mulheres, exclusivamente, por serem majoritárias em meu universo amostral. As associações, como coletivos de livre e voluntária adesão, cuja perspectiva de conjunto se sobrepõe à atuação individual na tentativa de encontrar soluções melhores para os conflitos que a vida em sociedade apresenta, possuíam organização própria em seu funcionamento e empregavam, mesmo que precariamente, um caráter de maior formalização do trabalho artesanal.

Estes elementos constituíam-se importantes para a pesquisa, pois nas tramas do grupo as configurações de poder podem ganhar nuanças e matizes de melhor apreensão das possíveis forças e debilidades referentes às esferas internas e externas ao grupo. A escolha pelas associações de mulheres torna possível garantir um maior número de sujeitos a ser interpelados propiciando abrangência e diversidade sobre as experiências femininas passíveis de se desenvolverem com autonomia. Assim como, possivelmente, garantiria boa representatividade em termos amostrais quanto ao contingente de artesãs na região.

E em levantamento exploratório, no entanto, foi possível perceber que os grupos de mulheres possuíam um registro de integrantes à realidade prática de atuação produtiva e do convívio cotidiano. Isto é, havia mais mulheres ditas como fazendo parte das associações que participando efetivamente destas organizações, seja de modo financeiro, seja produtivo ou presencialmente.

Segundo duas líderes de associação, a empolgação que existia quando da criação dos grupos, dos encontros de formação incentivados pelo SEBRAE já havia se perdido no tempo. As artesãs pareciam estar dispersas, desestimuladas, passivas perante a liderança da associação, aguardando uma demanda por trabalho, a partir de encomendas que não vinham. Conforme informado, as disputas políticas internas fizeram com que poucas mulheres persistissem ou se beneficiassem com a atividade artesanal. No entanto, a baixa remuneração e a falta de produção contínua, segundo alegaram essas líderes, teriam sido os fatores principais da desarticulação das artesãs.

De toda forma, permaneciam os relatos encerrados numa memória remota, sem exatidão cronológica, mas com nitidez quanto às tonalidades emotivo-saudosista indicando um passado de prosperidade, reportagens concedidas à imprensa, participação em eventos e exposições na capital do estado, entre outras falas que não sabiam localizar no curso do tempo, por exemplo, com datas exatas.

Ao interpretar suas expressões faciais sorridentes e olhares brilhantes, concluí serem tais evocações uma satisfação para elas. Identifiquei em mim igual prazer, pois a precedente experiência de valorização, sucesso e destaque pessoal via artesanato, poderia ser tomada como indicativo para retomadas presentes e futuras de incremento da atividade. A menção destes momentos transcorridos contrastava com a escassez de oportunidades dos negócios atuais.

Este momento da fase exploratória foi exaustivo e concomitantemente um tempo delicado. Exaustivo porque requereu a superação de longo período de informações evasivas e desconstruídas a respeito de onde e como contatar os membros das associações. Delicado, pois percebi que diante da simples tentativa de saber se havia funcionamento regular nas associações e do quantitativo de membros envolvidos, as informantes assumiam uma postura corporal e verbal de desconfiança. Tal postura somente se desfazia à medida que se certificavam e compreendiam meu papel e interesse de pesquisadora diante de tais informações - posteriormente, as informantes revelaram que a preocupação com o que estava

sendo exposto era referente ao temor de eu ser de alguma instituição do governo que pudesse avaliá-las negativamente e impedir a obtenção futura de convênios financeiros, participações em eventos, cursos ou mesmo encomendas de produtos. Percebi em uma das informantes, dissidente de outra associação, que havia certa preocupação em *contar sua versão* quanto ao afastamento do primeiro grupo e justificar o enfraquecimento de sua posição no mercado artesanal local. Houve, preliminarmente, indícios de disputas político-econômicas como fator desagregador para atuação das artesãs enquanto coletivo.

No universo amostral inicial, foram escolhidas duas associações artesanais demarcando o princípio da fase propriamente dita de observação no campo. Essas possuíam características significativamente relevantes para a pesquisa: eram constituídas apenas por mulheres – isto proporcionando perceber sua organização e funcionamento sem a presença física masculina, ou ainda, possibilitando a emergência de identificações, modelos generificados próprios ou não de gestão; realizavam sua produção de modo contínuo, a despeito do maior ou menor volume de vendas – que intenta captar significados atribuídos à relação entre atividade expressiva e mercado; possuíam espaço de produção coletivo, assim como horário e dias da semana (todas as tardes de segunda a sexta-feira) quando se reuniam para fazer artesanato – como possibilidade de assimilação da atividade realizada como configurando trabalho produtivo ou outros arranjos.

Seus produtos foram caracterizados dentro da base conceitual do que o Programa do Artesanato Brasileiro (PAB) denomina como correspondente à tipologia dos *Fios e Tecidos*, o que igualmente constitui destaque especial para a pesquisa, visto a relação histórica estabelecida entre os meios têxteis e o artesanato *feminino* (CASTRO E EGGERT, 2015).

As duas associações possuíam produtos com características conceituais de *artesanato de referência cultural* – que é aquele resultante de uma mediação planejada de artesã(o)s e designers no artesanato tradicional. Aqui o artesanato tradicional é tomado como aquele que se utiliza de temáticas representativas de seu lugar de origem, com elementos da natureza local e pontos turísticos ou históricos de seus municípios e região. Uma das associações utiliza também matéria-prima do próprio Maciço, como a palha da bananeira. Esta noção é importante para diferenciá-las conceitualmente de tantas outras produções, pois alguns itens produzidos na região corresponderiam às categorias de *trabalho manual*, mas são nomeados e popularmente referidos simplesmente como artesanato.

Não quero aqui valorar as *manualidades* como mais ou menos legítimas, criativas, importantes, pois como bem nos adverte Ricardo Gomes Lima (2017) quando aborda a questão da nomenclatura para definição artesanal, “existem palavras muito perigosas porque, quando empregadas, podem encobrir a realidade ao invés de desvelá-la e, mais do que isto, podem transformar-se em instrumento de discriminação, criando hierarquização entre objetos e pessoas” (LIMA, 2017, p.1). As manifestações e expressões artesanais são ricas e valorosas justamente pela sua diversidade. Apenas me utilizo de uma nomenclatura específica na caracterização do artesanato praticado pelas mulheres, nesta pesquisa, para traçar um contorno que permita constituir o campo com precisão. Tracei esse limite, também, para afirmar que a *concepção do fazer* está implicada em instâncias como a simbologia própria de um lugar e o reconhecimento de si através da identificação com os objetos que produzem ou os materiais que utilizam na sua fabricação. E que, concomitantemente, a produção também está implicada na observância das indicações sobre preferências mercadológicas feitas pelas designers do Centro de Artesanato do Ceará (CEART) e SEBRAE. E, portanto, é necessário refletir sobre o espaço em que se tocam o local e as intervenções *estrangeiras*, onde pode haver convergências e divergências de opiniões.

Ao mencionar a relação de reconhecimento de si e possíveis intervenções, explico, a seguir, sobre a denominação utilizada para as associações artesanais e artesãs que, devido a acordos éticos para a realização desta pesquisa, tiveram seus nomes originais omitidos.

A alteração dos nomes foi um tipo de *criação* elaborada a partir das artesãs. O uso de codinomes foi algo que se deu sem intervenção externa. Eu não sugeri, opinei, interfeirei em quaisquer dos nomes utilizados. Todos surgiram da construção coletiva. Elas mesmas escolheram uma espécie de ‘tema’ para sua autonegação. O agrupamento temático tornou-se a inspiração para que cada uma decidisse como seria chamada na pesquisa. Para mim era importante que na escolha fosse mantido o vínculo delas com a forma como seriam nomeadamente citadas. Eu estava apreensiva sobre essa certa *despessoalização*. Também não era a questão de apenas colocar outros nomes em substituição aos seus, pois era fundamental que fizessem sentido para elas, mobilizassem autoidentificação, ideia de pertencimento ou apropriação, cumprindo, assim, o seu papel de representá-las com respeito, não objetivando-as.

Então, para meu sossego epistemológico, observei significativa animação quanto ao processo de escolha. Ouso interpretar essa alegria como reconhecimento de algo muito

próprio das mentes criativas, que costumam se excitar diante da possibilidade de fazerem escolhas imaginativas e livres, de reinventarem (-se). Marcadamente nos grupos, elas sorriam, opinavam, se autoatribuíam características, gostos, comentavam as escolhas das outras, davam sugestões de forma descontraída.

Por consequência deste processo, a primeira associação de artesãs que contatei se tornou *Onde encontrei pássaros*. Contando com o registro de dezoito associadas, sendo relatada pela atual presidente a permanência de onze membros; percebidas como efetivamente presentes, desde as primeiras observações no campo, convivi com cinco artesãs. Nela, as artesãs se identificaram com os nomes de Águia, Maracanã, Rolinha, Beija-flor, Calopsita; no passado ainda encontramos Andorinha e Jandaia, que embora não fossem presenças constantes, também voaram por lá. Um parêntese: Águia foi a primeira a escolher dizendo que se identificava com o que a ave representava.

A segunda associação de artesãs que pesquisei se tornou *Onde encontrei flores*. Nesta as artesãs foram identificadas com os nomes de Rosa, Margarida, Orquídea, Flor de Laranjeira, Jasmim e Hortência. Houve uma participante que se ausentou do grupo cerca de um mês após o início da pesquisa, que eu denominei de Hera.

Nessas associações, o artesanato desenvolvido se enquadra na tipologia de fios e tecidos: os fios e tecidos podem ser confeccionados com fibras extraídas da natureza, livres de transformações químicas industriais, e beneficiadas pela(o)s artesã(o)s; existem as fibras de origem animal como seda, lã, peles e couro de animais, mas que não são trabalhadas na associação; e as de origem vegetal que utilizam bananeira, milho, algodão, juta, encontrados nas peças da associação, e, ainda, linho, rami, cânhamo, sisal, paineira, coco, entre outros.

A fibra vegetal é produzida de qualquer estrutura filamentosa, geralmente na forma de feixe. No caso da fibra da bananeira, grande peculiaridade e diferencial do grupo *Onde encontrei pássaros*, as mulheres trabalhavam em etapas que se sucediam da seguinte forma:

O caule da bananeira você corta o cacho onde fica o caule. Dessa bananeira nasce mais nada. Depois que dá o cacho pronto. Aí ela bróia, aí corta, aí ela vai nascendo. Do caule a gente tira a bita. Olha lá ainda tem duas bitinha ali. (Águia) São as duas últimas de dentro! (Rolinha) Do jeito que tá ali, a gente corta dois dedos. A tirinha aí vai abrindo. Aí tem que fazer essas três partes: a renda, a fita e a barriga. Dividir ela assim em três. Da fita faz o trançado. (Águia)

Fotografia 1 – Renda, fita e barriga da palha da bananeira, respectivamente.



Fonte: Acervo da pesquisadora, coletadas em 23.08.17.

Primeiro há separação do caule em folhas, a secagem – que leva aproximadamente três dias de sol, separação da renda, fita, barriga, preparação dos fios em cordas ou filamentos mais espessos, e a produção das peças e produtos.

Fotografia 2 – Palha da bananeira secando e sendo tecida.



Fonte: Acervo da pesquisadora, coletadas em 23.08.17.

São matérias-primas moles e flexíveis, que podem ser trançadas e costuradas. Seu uso é diversificado e pode ser visto em cestarias, jogos americanos, almofadas, bolsas, caixas, entre outros produtos.

Fotografia 3 – Produtos artesanais de *Onde encontrei pássaros*.



Fonte: Acervo da pesquisadora, coletadas em 08.04.17.

No campo, partindo de entrevistas preliminares abertas, a menção quanto à experiência das intervenções de outras profissionais *especialistas* em arte/artesanato adquiriu

pregnância quando ficou clara que diferentes formas de atuação destas geraram reações ou sentimentos diferenciados nas artesãs.

Em *Onde encontrei pássaros*, uma artesã se referiu à intervenção de uma designer do SEBRAE que realizou um trabalho com elas dizendo: “Eu gosto mais do SEBRAE, porque ela vem e desenha junto com a gente. Apaga, faz de novo. Ela pediu pra gente pesquisar flores por aqui [...] que é essa coleção nova! O tecido foi a gente que escolheu” (Margarida). Essa referência vinha em contraste à relação experimentada com outra profissional do CEART. Sobre esta profissional, Margarida relatou que veio até a associação, conversou sobre os pontos principais do município e foi embora, retornando com desenhos feitos e uma proposta já elaborada de projeto de coleção para as artesãs executarem, com aspectos de composição e valores estéticos pré-estabelecidos.

Outra prática reiteradamente mencionada pelas artesãs foi o padrão rígido de medidas que os produtos deveriam apresentar para o mercado intermediado por essas profissionais. Neste tipo de artesanato, o padrão funciona como uma regra que descarta as variações não planejadas. Com evidente denotação de insatisfação e crítica pessoal, Rolinha mencionou a ocasião em que Maracanã fazia uma peça de acordo com sua preferência e foi impelida a desfazer quando a designer chegou e discordou de sua criação. “A pessoa não faz... É fácil chegar e mandar desmanchar!” (Rolinha).

Estas considerações foram vistas como indicativos de que as relações de auxílio ou cooptação do artesanato pelos órgãos envolvidos com essa atividade deveriam constituir preocupação tanto teórica como prática, pois poderiam significar intervenções que visariam a reforçar a resistência cultural pela valorização e afirmação dos elementos presentes no cotidiano das mulheres ou promover a apropriação exploratória de bens simbólicos locais, visto que o presente trabalho também se destina a subsidiar reflexões quanto às iniciativas privadas e governamentais para o setor em estudo. Foi preciso observar como se integravam saberes e fazeres quando entravam em jogo oportunidades de ocupação e renda. Entender como é possível inserir a produção artesanal no sistema produtivo, mas fortalecendo o desenvolvimento pessoal e local de onde nascem tais produtos.

No intuito de conviver e compartilhar as situações cotidianas pelas quais passam as artesãs que compõem o universo da pesquisa, estabeleci periodicidade quinzenal de visitas para cada associação. No entanto, essa demarcação não foi rígida. Houve flexibilidade quanto aos dias da semana para realizá-las, ao que chamei de *espontaneidade sistemática*. Assim, foi

possível ampliar ou diminuir a periodicidade pela distância entre os dias da semana, comparecendo, alternadamente, no início, meio ou final da semana. Essa estratégia visava experimentar dinâmicas diversificadas com as mulheres, sem induzir presenças ou ausências. A estratégia pretendia burlar comportamentos tidos como artificialmente produzidos, minimizando expectativas prévias quanto às visitas preestabelecidas para a execução da pesquisa, deixando que *certo acaso* se estabelecesse.

Esta tomada de decisão partiu da reflexão subsequente à fala de uma artesã. Ela relatou que se o marido precisasse sair de casa às segundas-feiras, por exemplo, ela não compareceria à associação, mas “as outras entendem e aceitam. Já tá tudo combinado” (Hera). Percebi, aqui, que Hera tentava me mostrar sua dinâmica de comparecimento, e de igual modo, deixar claro sua implicação e compromisso com o grupo.

Nos contatos iniciais, em outra associação, uma líder também comentou sobre a dificuldade de fazer reuniões com as artesãs: “Não tem reunião porque as outra num comparecem... Espero ter um pouco de gente e faz de surpresa! (risos) Parece que têm trauma! Não sei por que elas não vêm?...” (Águia).

É importante ressaltar que a flexibilidade estratégica dos dias de observação não interferiu na percepção de suas rotinas, mas teve o intuito de possibilitar a captação de variações concretas no cotidiano dessas mulheres, registrando situações que não estivessem antecipadamente elaboradas. Com a informação de que algumas artesãs possuiriam resistência a junções do tipo “reunião”, e outras dependeriam das demandas familiares para comparecerem aos encontros do grupo, avaliei que abordagens mais individuais poderiam ser profícuas e melhor aceitas.

Concomitantemente à solução deste possível obstáculo, houve o interesse de saber, na percepção *de cada uma delas*, como o artesanato se constituiu em experiência de trabalho, reconstituindo nas diversas trajetórias os caminhos que as tornaram artesãs; bem como, as relações referentes ao grupo associativo em que estavam inseridas e seu significado para suas vidas.

Observações esporádicas também foram realizadas à medida que surgiram eventos externos relativos à exposição e comercialização de produtos.

Na pesquisa foram utilizadas entrevistas semiestruturadas gravadas com as mulheres dessas associações. A perspectiva de colher dados em narrativas de vida deu-se por entender,

nestas, fontes primeiras para a reconstituição de modos de vida e de costumes nos quais se ligariam as práticas e as questões relativas ao mundo do trabalho, ao artesanato e às relações de gênero em estudo. Narrar, portanto, significaria percorrer os caminhos da memória, reconstruindo a si mesmo nesse dado processo, possibilitando a ressignificação de sentidos das partícipes sobre as experiências vividas (OLINDA, 2016); ou, nas palavras de Larrosa, “[...] o sentido de quem somos depende das histórias que contamos [...] em particular das construções narrativas nas quais cada um de nós é, ao mesmo tempo, o autor, o narrador e o personagem principal” (LARROSA, 1994, p.48).

O interesse metodológico nessa abordagem esteve na importância relacional intrínseca e extrínseca de sua execução. Intrínseca na medida em que a organização da narrativa fez com que a narradora se voltasse para seu passado, reconstituindo o próprio percurso de vida, exercitando a reflexão e levando a uma tomada de consciência no plano individual e coletivo da sua existência. Todo ser que conta sua história, o faz entrelaçando seus próprios fragmentos experienciados nas vidas que tocou e pelas quais foi tocado, numa espécie de costura elaborada através de um espelho. Há um caráter formativo no método. Josso (2007) diz que a utilização deste recurso nos põe diante da oportunidade de transformação pessoal, tomadas de consciência de si e abertura à experiência das outras pessoas. Já Nize Pellanda e Felipe Gustsack (2015) discutem que a prática autonarrativa propicia a organização do caos interno, reconfigurando e potencializando a autocriação dos seres humanos.

A abordagem é ainda relacionalmente extrínseca porque é feita para outra pessoa, não simplesmente para um instrumento captador e registrador de voz, no caso, o gravador. Ela pressupõe uma escuta atenta e interessada, uma partilha. A narrativa não é um simples relatório de acontecimentos ou prestação de contas da experiência de vida, mas uma escolha de materiais, uma intenção comunicativa onde o narrado é revivido e atualizado, mediado pelas experiências atuais da narradora que se sucederam e possibilitaram a seleção, ou ainda censura das memórias, de acordo com a pregnância cognitiva e/ou afetiva que a gerou. Como afirma Ferrarotti, “toda entrevista biográfica é uma interação social completa, um sistema de papéis, de expectativas, de injunções de normas e de valores implícitos e, por vezes, até de sanções” (FERRAROTTI, 2010, p. 46).

A pesquisa, nesta perspectiva, buscou influências, lembranças, emoções e sentimentos, subjetividade e historicidade através dos relatos orais que levaram a

compreender a ação que orientou a interação indivíduo-sociedade. Para Saffioti (2004), a importância da pesquisa está na não fragmentação dos antagonismos sujeito-gênero, raça-etnia e classe que a autora afirma constituírem um nó, mas na possibilidade de reconstrução de seus nexos históricos a partir do singular de cada indivíduo.

A escolha do número de mulheres para as narrativas de vida ficou subordinada às condições efetivas de campo, sendo inicialmente estimado todas as dez artesãs pertencentes às duas associações em que se exerceram a observação e a pesquisa em termos práticos - haja vista as características e as exigências técnicas requeridas para a coleta e a apuração dessas narrativas. Como uma abordagem que privilegiou a subjetividade, não foram os contornos quantitativos os elementos principais que se buscou para a validade científica. Considerando, segundo Ferrarotti, a relação existente entre a história social e a história individual, a perspectiva que adotei na composição desta pesquisa foi que “[...] o nosso sistema social encontra-se integralmente em cada um dos nossos atos, em cada um dos nossos sonhos, delírios, obras, comportamentos. E a história deste sistema está contida por inteiro na história da nossa vida individual” (FERRAROTTI, 1988, p. 26 apud BUENO, 2002, p.19)

Embora esse tipo de investigação pudesse comportar intencionalidade nas escolhas e certo caráter subjetivo por parte da pesquisadora, já nos advertiu Paul Thompson quando referenciado por Delgado (2006), permanece igualmente um desafio - no que se refere à objetividade da coleta e da interpretação dos depoimentos. Algo que, contudo, não deveria ser enfrentado somente como um problema, já que também havia as possibilidades de recuperar memórias locais, comunitárias, regionais sob ângulos e olhares variados, assim como existia possibilidade de surgimento de novas versões sobre processos já analisados cruzando depoimentos e inferindo novas evidências.

Por certo, a concepção e a execução desse procedimento não desmereceu o aparato da pesquisa bibliográfica. Sua finalidade se confirmava na compreensão e sistematização da apresentação dos resultados como suportes teóricos imprescindíveis ao processo de discussão e reflexão acerca dos “achados” da pesquisa de campo, além de contribuir para a inserção e democratização do conhecimento construído diante/para da/a comunidade científica em geral. O risco do envolvimento exacerbado do pesquisadora com o seu objeto de estudo perpassa todas as abordagens qualitativas, mas de modo a buscar ajustar-se sempre conscientemente à diretriz da referência teórico-bibliográfica.

Dessa forma, o aporte metodológico e teórico apontados até aqui constituíram um aspecto importante para não falsear interpretações e análises, protegendo a pesquisa contra o viés emocional, que, por vezes, pode turvar ou impostar a realidade. Do que disso se segue, a metodologia apresentada tentou construir novas possibilidades às participantes - de se reconhecerem como condutoras de sua ação e de sua própria possibilidade de rearranjar a imagem de si mesmas e suas relações com o mundo.

O percurso que levou da ideia e/ou inquietação inicial até a escolha das técnicas a serem empregadas na pesquisa revelou a complexidade de abordar questões das mulheres e trabalho. O campo social onde se desenham e se reproduzem relações desiguais entre sujeitos precisa revelar suas fontes, formas, modos de entrelaçamento quanto à sustentação e manutenção dos arranjos hegemônicos. Portanto, considero indicativo juntar os dados qualitativos obtidos nas observações cotidianas e nas narrativas das mulheres sobre suas vidas entrelaçadas ao artesanato como uma rica, sensível, segura e profícua composição metodológica. Esta também é uma forma de fazê-las reviver, recontar e ressignificar as próprias experiências.

Percebi, ainda, no exercício constante de construir, desconstruir e reconstruir conhecimentos, que os caminhos percorridos não são lineares ou plenos de certeza. O campo e os sujeitos aos quais lancei meu olhar e preocupações indicaram, sutilmente, os meios de alcançá-los. Foi prudente respeitar esses sinais.

Embora tenha identificado elementos coerentes nessa elaboração metodológica para alcançar os dados necessários ao cumprimento da pesquisa que investigou um admissível processo de autonomia nas mulheres que executam trabalho artesanal em associações no Maciço de Baturité, foi igualmente necessário buscar a coerência de investigar e exercitar a artesanaria em mim, conjugando o desejo de reafirmar a importância e o lugar de destaque do artesanato e das mulheres na sociedade, e, com o rigor científico, buscar minha própria autonomia enquanto pesquisadora.

2. O Gênero no Trabalho: de que se ocupam as mulheres.

As mulheres sempre trabalharam. (...) Nem sempre as mulheres exerceram ofícios reconhecidos, que trouxessem remuneração.

Michelle Perrot¹⁵

Discurso aqui sobre a temática do trabalho articulada à temática de gênero para compreender aspectos e dimensões dessa articulação que possam revelar interferências mútuas, refletindo-se no cotidiano e na vida de artesãs no Maciço de Baturité pretendendo lançar luzes com a análise compreensiva e interpretativa da pesquisa sobre a possibilidade da atuação de mulheres, como protagonistas em suas atividades artesanais, experimentarem, em algum grau, processos de autonomia via exercício de poderes.

Partindo da importância humana do trabalho como meio de transformação do mundo concreto para atender às necessidades de sobrevivência, assim como sua relação com o mundo interno daqueles e daquelas que o exercitam, busquei estabelecer reflexões e relações sobre as circunstâncias e sob que concepções o trabalho se apresenta para as mulheres na atualidade.

Pensar trabalho e gênero requereu a abordagem do poder de uma forma geral, de como pode ser entendido e como pode servir de base analítica – pois o poder perpassa as relações sociais e estabelece formas de funcionar que são significativas para as mulheres.

Nesta análise, a ocupação feminina foi pensada levando-se em conta as reestruturações no mundo do trabalho a partir do capitalismo globalizado, da divisão sexual do trabalho e da noção de patriarcado presentes na sociedade brasileira, na medida em que interferem ou determinam as posições e papéis das mulheres quanto ao trabalho. Igualmente foram consideradas as contribuições e reflexões apontadas por estudiosas feministas relativas às mudanças conquistadas no mundo do trabalho, fruto dos avanços sociais e dos direitos das mulheres, assim como na denúncia das persistentes desigualdades no campo do trabalho para elas.

¹⁵ *Minha história de mulheres*, 2015, p.109.

Em seguida, proponho estender a compreensão das vicissitudes que acompanharam as mulheres no labor, à questão artesanal. O ponto inicial é o próprio enquadramento da atividade com artesanato, compreendendo-a em seus aspectos gerais para adentrar nas intersecções com o chamado artesanato feminino estabelecendo um olhar sobre a articulação entre mulheres e o fazer artesanal para buscar compreender suas presenças em duas associações no Maciço de Baturité.

2.1 - O mundo do trabalho e suas vicissitudes.

O trabalho é uma condição importante para o ser humano em seus aspectos objetivos e subjetivos. Sistemas econômicos e políticos que regem sua disposição na sociedade provocam consequências para os indivíduos. O trabalho, segundo Codo (1996, 2004, 2006), configura-se no comportamento humano de transformar a natureza colocando-a a serviço das pessoas. A forma como se dá essa transformação tem correspondência direta com os meios desenvolvidos para tal elaboração, ao longo do tempo. Sendo assim, no sistema capitalista, o modo de produção das condições materiais permeia de modo literal e indelével, segundo a concepção desse autor, a atividade¹⁶ do indivíduo. Seus gestos, relações interpessoais, linguagem, lazer, consumo, afeto, expectativas são determinados pela forma como o trabalho atua em sua vida. Existe uma mútua transformação do ser humano e do mundo mediados pelo trabalho.

Sobre essas transformações, Thiry-Cherques (2017) fala que a partir da obra de Foucault, embora não trate do tema diretamente, pode-se incluir, ao pensar o trabalho, as razões que nos obrigam a ele e a forma como ele é executado. Como uma ideia complexa construída historicamente, o trabalho refletiria manifestações das relações de poder. Segundo Thiry-Cherques (2017), essas relações construíram modos de viver, organizaram os processos de trabalho e controlaram os corpos para se adequarem a estes. Sobre isso tratarei mais adiante quando discorrer sobre a noção de poder.

Abordo inicialmente a perspectiva do trabalho como uma atividade que refletirá as dimensões internas e externas do indivíduo a partir do contexto em que está inserido. Isto é, o

¹⁶ Segundo Bock, Furtado e Teixeira (1999), a *atividade* “é a unidade básica fundamental do sujeito material” (p.142). Através dela o ser humano se apropria do mundo. Para a Psicologia Social, o indivíduo ao entrar em contato com os objetos – manuseando, desmontando, montando, vendo, ouvindo, entre outras tantas ações – coloca-os para dentro de si, transformando-os em imagens e ideia. Estas, por sua vez, “passam a habitar seu mundo interior” (p.143)

acesso aos meios de produção da própria sobrevivência, oportunidades de emprego, valores sociais aos quais o indivíduo está exposto e são passíveis de serem nele incutidos, os desejos e escolhas pessoais como aspectos imbricados que compõem a análise do que significa conceber e atuar através do trabalho (BOCK, FURTADO E TEIXEIRA, 1999).

O labor, então, exige a equação de fatores sociais, econômicos, políticos, pessoais para se concretizar no cotidiano das pessoas. Uma dimensão desta equação é a própria elaboração da escolha profissional. Quando refiro o termo *escolha* não adoto para este uma perspectiva de ato de eleição e determinação de preferência ou como ato proveniente de ação livre de assujeitamentos histórico-sociais. Utilizo o termo no sentido subjetivo de decifração, de solução psicoemocional perante a experiência pessoal de enfrentamento às contingências vividas, concretas, de prover a própria sobrevivência. Muito associada ao momento em que os jovens iniciam seu percurso rumo à profissionalização, a *escolha* profissional não se restringe apenas a esse período da vida. Ela pode ser entendida como uma questão que se apresenta potencialmente de forma constante, que pode ser experimentada pelos indivíduos ao longo de suas trajetórias.

Em muitos casos, Marcela Lagarde (2005) exemplifica: há situações críticas de vida que obrigam as mulheres a trabalharem, quer dizer, fatos irremediavelmente mais fortes as impulsionam ao trabalho mais que a possibilidade de não fazê-lo. Para algumas delas – casadas e anteriormente dependentes dos maridos – trabalhar vem a ser uma necessidade frente ao “[...] abandono conyugal, a la separación y a la pérdida del cónyuge (perdida social, econômica, amorosa, erótica, etcétera)” (LAGARDE, 2005p.140) em situações de alterações nas composições familiares, que também incluem morte ou afastamento dos sujeitos provedores em termo de abandono ou separação. Também há mudanças no cenário econômico onde surgem ou desaparecem postos de trabalho, contextos pessoais de ressignificação existencial da trabalhadora ou do trabalhador, em que os meios de promover a subexistência – função, tipo, local de trabalho – que influenciam na forma de viver, são questionados e avaliados - por vezes rejeitados, redirecionados para formas diversas das até então experimentadas – a orientação para a *escolha* profissional está presente. Diante de um modelo de produção dentro do sistema capitalista, a ocupação ou profissão consome a maior parte da energia e do tempo diário das pessoas, fazendo com que a escolha profissional assumam um papel importante.

Segundo Bock, Furtado e Teixeira (1999), a ideologia criada nesse sistema atribui a responsabilidade pela escolha profissional ao indivíduo que a estabelece. De modo a parecer uma solução personalista, essa concepção alija-se da percepção de suas próprias influências sociais limitantes, das condicionantes objetivas a que submete a opção final da profissão dos indivíduos, de sorte a camuflar as artimanhas de exclusão de seu sistema.

Sob a perspectiva do contexto social e a própria história das pessoas trazerem experiências marcantes ao que seria posteriormente influência sobre o trabalho a desempenhar ou a evitar, as dificuldades de *escolha* em relação ao trabalho foram assim apresentadas por Margarida:

Eu acho assim, que quando a gente era pequena, era muito de obrigação. A vida da gente foi muito difícil neh! Aí era muito na obrigação mermo. Ou fazia ou fazia! Ou então neh, apanhava! O negócio não era moleza, não. A vida foi muito difícil. Aí era assim, a gente sempre foi muito, desde muito criancinha, de trabalhar. O que hoje o pessoal diz que é exploração. É porque todos nós tínhamos que trabalhar neh?... Os meus menino até diz assim: *mãe os pai antigamente era mei doido, era mei...?* Aí eu digo: Não. Parece, assim, que dá a impressão - além de não ter esses métodos [contraceptivos] que hoje em dia tem neh - que eles tinham muito filho realmente pra ajudar neh! Porque todo mundo tinha muitos filhos e todos os filhos tinha que trabalhar! Começava muito cedo... tinha que fazer um monte de coisa neh! Botar água antes de ir pro roçado... Quando a gente chegava do roçado era só aquele tempo de passar no rio, se dá uma molhadinha, chegar em casa comer aqueles carocim de feijão e correr pra escola, né! (Itálico meu)

Ainda, conforme os autores acima citados, há fatores que sendo combinados, tomados em interação, caracterizam o panorama da escolha profissional de maneira abrangente. É preciso considerar na possibilidade de uma *escolha* profissional, o mercado de trabalho, a importância social da ocupação pleiteada com sua correspondente remuneração, e ainda, a relação entre o tipo de trabalho pretendido e as habilidades requeridas para o seu desempenho. Para o indivíduo,

Entram assim, em sua escolha, todos os elementos que ingressam em seu mundo psíquico. Suas expectativas em relação a si próprio, seus gostos, as habilidades que já desenvolveu até o momento, a profissão das pessoas que lhe são significativas, as imagens registradas no seu mundo interior relacionadas às profissões, a percepção que tem de suas condições materiais, seus limites e possibilidades, seus desejos, tudo aquilo que deseja negar, tudo aquilo que deseja afirmar, enfim, todo seu mundo interno é mobilizado para a escolha profissional, inclusive fatores inconscientes, que também entram em jogo, e com muita força (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999, p. 316).

Nas associações artesanais pesquisadas há mulheres participantes que anteriormente eram trabalhadoras rurais e viviam da agricultura. Algumas ainda o são. Há indícios de

pluriatividade¹⁷ (SCHNEIDER, 2007), de base agrária, caracterizada pela combinação de atividades agrícolas e novas atividades não-agrícolas que se manifestaram através da informalidade e da precariedade da venda da força de trabalho no meio rural. No caso, essa possibilidade de combinação surgiu como uma forma de remuneração complementar. Em *Onde encontrei flores* pareceu-me ser intenção tornar essa estratégia alternativa permanente, à medida que os resultados planejados de constância de renda se consolidavam. Naquele momento, ambas as atividades eram fontes importantes de renda para as famílias.

Aqui a gente trabalha com bordado, a gente trabalha em pintura, a gente faz costura, tudo aqui a gente faz aqui [...] trabalho em casa e trabalho em roçado. Eu tenho roçado. Eu vou mais meu marido pro roçado. A gente planta e é assim. É essa correria do dia a dia. De manhã pra mei dia lá e aí da mei dia pra tarde eu venho pra cá [...] feijão, milho, é o que a gente mais planta neh. Mas aqui acolá ele planta, lá no roçado, ele planta girmuzim, pipinete, que aqui acolá aparece neh!? O que a gente planta mais é o milho, é o feijão... (Flor de laranjeira)

Conforme adverte Schneider (2007), o risco que se corre pela ação de políticas públicas no setor a partir das mudanças do mercado de trabalho e das alterações identitárias das famílias no meio rural é que

Os programas de estímulo às atividades não-agrícolas como a prestação de serviços, o turismo rural, o artesanato e outros, podem não implicar na expansão da pluriatividade das famílias, pois pode haver uma transição direta da ocupação em atividades agrícolas para não-agrícolas (p.3).

Pois, segundo o autor não superaria aspectos como precarização e informalidade para as famílias dos agricultores. Entretanto, ele ainda ressalta que quando debatida, e, decorrente de análises de situações e contextos de ocorrência,

A pluriatividade pode ser entendida como uma estratégia de reação (*coping*), em face há uma situação de risco ou vulnerabilidade, ou uma estratégia de adaptação, que ocorre quando os indivíduos dotados de capacidade de escolha conseguem optar e decidir frente a um conjunto de oportunidades e possibilidades. Assim, a pluriatividade tem a ver com o exercício das capacidades e o poder de agência dos indivíduos (SCHNEIDER, 2007, p.5).

Serviria como uma forma de desenvolver a autonomia dos agricultores e a sustentabilidade dos modos de vida nos territórios rurais.

Na associação *Onde encontrei pássaros* também há presença de mulheres envolvidas com agricultura. Mas apenas duas como pluriatividade – inclusive na associação se utilizava da palha de bananeira como matéria prima. Segundo a percepção e avaliação da líder desse grupo, a relação de proximidade entre o material utilizado no artesanato e atividades

¹⁷ Fenômeno que pressupõem a combinação de pelo menos duas atividades, sendo uma delas a agricultura. Estas atividades são exercidas por indivíduos que pertencem a um grupo doméstico e se identificam como uma família, ocorrendo no meio rural (SCHNEIDER, 2007).

anteriormente desenvolvidas por algumas integrantes constituiu o principal motivo de interesse pelo trabalho produzido. Parecia haver uma identificação, uma relação com a terra e seus derivados para a produção artesanal - esta se reafirmando na importância dada ao uso feito de fibra da bananeira e a permanência da ligação telúrica que provavelmente buscava preservar. Portanto, é possível entrever a complexidade e a importância que envolveu a escolha, ou mesmo a impossibilidade de escolha, na atuação profissional dessas mulheres. No entanto, a profissão nem sempre corresponde o trabalho efetivo das pessoas. Assim, a conjugação de tantos aspectos acima elencados pode ser, na prática, alienada da ação concreta no trabalho.

Além da perspectiva mais individualizada, na compra e venda da força de trabalho, as regulamentações feitas pelo mercado de trabalho apontam saturações e carências no âmbito das profissões, escamoteando suas manobras de produção desse fenômeno. Em função da oferta de mão de obra, estabelece-se maior ou menor patamar salarial, atribui-se acentuação ou diminuição da importância e valor social às atividades, conforme também são necessárias a algum tipo de demanda social, sobremaneira ao aumento do capital (BOCK, FURTADO E TEIXEIRA, 1999). E, concomitantemente a todos esses processos, desenvolve-se o rol das habilidades humanas, atributos físicos, cognitivos, comportamentais que se constituem verdadeiros pré-requisitos à atuação profissional. Destaco que, sob esses requisitos, depositam-se *naturalizações* construídas e *essencializações* elaboradas por meio de produções sociais que circunscrevem - ou fazem essa tentativa - a atuação profissional feminina.

Cristina Bruschini (2007), por exemplo, fala dos percentuais elevados de conclusão no ensino técnico na área de serviços, por mulheres, em especialidades como Saúde e Artes. “É neste momento que começam a ser feitas as escolhas profissionais, que irão se consolidar no curso superior e, posteriormente se cristalizam no mercado de trabalho, no qual as mulheres predominam no setor de Serviços” (BRUSCHINI, 2007, p. 548). São exemplares as profissões tidas como feminizadas, ou pela autora denominada *guetos ocupacionais femininos*, tais como educação, saúde e bem-estar social, humanidades e artes. Mas é também possível observar este predomínio ocupacional em outros níveis de escolaridade, como é o caso das profissionais de beleza, telemarketing, recepcionista, auxiliares de limpeza e cozinha, babás, empregada doméstica entre outras.

No entanto, segundo Bruschini (2007), temos presenciado avanços quanto à ocupação feminina em carreiras tradicionalmente masculinas como nas áreas jurídica,

engenharias e medicina. Penso também que, mesmo diante do peso da determinação social, da colonização do pensamento que interpreta e conduz a vida em algumas circunstâncias de subalternidade existe um componente pessoal e íntimo que pode escapar, insurgir-se e combinar criativamente o que é esperado ou ofertado em termos de trabalho, e o que é conquistado, forjado e exercido de modo mais concreto e prático.

Sobre tais formas construídas de pensar as disposições sociais e sexuais das atividades de trabalho, presenciei, ainda na fase exploratória da pesquisa, uma artesã se referir ao artesanato feito em madeira como: “Madeira é coisa de homem!” (Rolinha), parecendo ignorar que o curso que ela havia feito sobre marchetaria se enquadrava nessa tipologia.

Na prática, os fatores relacionados ao sexo são imputados culturalmente à mulher como constituintes ou não constituintes de sua identidade e, portanto, parecem ser utilizados como elementos norteadores e definidores de suas escolhas profissionais. São tais *ofertas* de trabalho, mediadas por construções culturais e históricas hegemônicas, somadas às mais íntimas aspirações pessoais que compõem multidimensionalmente a compreensão das *escolhas* dos indivíduos no mundo do trabalho. Tomado como uma atividade vital em si e por si, o trabalho quando revelado em associação à exploração, alienação e infelicidade dos seres sociais, poderia ser repensado. As transformações decorrentes do avanço do capitalismo, segundo Antunes (2005), agravam tanto a exploração do trabalho como a alienação do(a) trabalhador(a), constituindo-se no cenário e contextualização atuais necessários à investigação aqui adotada – pois, na medida em que essas transformações afetam os processos de trabalho e as relações de produção, também afetam e causam impacto sobre os trabalhadores e trabalhadoras.

Segundo Antunes (2009), o neoliberalismo, com a privatização do Estado, as desregulações dos direitos do(a) trabalhador(a) e a desmontagem do setor produtivo do Estado, foi a resposta do capital à sua própria crise na contemporaneidade. Organizando-se ideológica e politicamente quanto a sua dominação, o capital promove a reestruturação no mundo do trabalho e traz em seu bojo muitas transformações. No entanto, estas transformações não são reais mudanças na *relação de exploração* entre países chamados desenvolvidos e em desenvolvimento, ou mesmo em relação aos problemas de gênero dentro destes.

Na perspectiva de Santos (2007), permanecem exclusões cotidianas decorrentes da existência de linhas abissais globais que não se transformaram completamente até nossos dias.

Superar o pensamento abissal exige o reconhecimento de sua persistência. A confusão ocorre porque, segundo o autor, as linhas abissais que historicamente sofreram deslocamentos, também a cada momento histórico são fixadas em posições fortemente vigiadas para que esse fenômeno seja percebido de modo parcial e se mantenha. As forças hegemônicas propagam a ideia de preservação e defesa dos direitos humanos, embora estes sejam violados – de ser a vida salvaguardada (mesmo quando eliminada) e, de que, na emergência de um governo indireto entregue a atores não-estatais pertencentes à iniciativa privada que controlam a vida e o bem-estar da população sob seus termos, não há contradição e conflito de interesses. É o que Santos (2007) descreve como ascensão do fascismo social, entendido como um regime social de relações de poder extremamente desiguais que se manifesta, por exemplo, no *fascismo contratual*, descrito como aquele que

Ocorre nas situações em que a diferença de poder entre as partes do contrato de direito civil (seja ele um contrato de trabalho ou um contrato de fornecimento de bens ou serviços) é de tal ordem que a parte mais fraca, vulnerabilizada por não ter alternativa ao contrato, aceita as condições que lhe são impostas pela parte mais poderosa, por mais onerosas e despóticas que sejam. O projeto neoliberal de transformar o contrato de trabalho num contrato de direito civil como qualquer outro configura uma situação de fascismo contratual (SANTOS, 2007, p.81).

É neste cenário que lutar por justiça social global impõe mudança de pensamento, reflexão, desconstrução da ideologia hegemônica e construção de novos saberes norteadores de compreensões sociais outras. Se justificativas neoliberais foram criadas e difundidas para explicar os caminhos traçados, as concepções e critérios de eficiência (para a racionalidade e a economia na produção de mercadorias) ao serem implantadas, não buscaram evidenciar o movimento de potencialização da lucratividade a serviço da necessidade de autorreprodução de si, pelo capital. E essas mudanças nos processos de trabalho e nas relações de produção têm impacto sobre o conjunto de trabalhadores e trabalhadoras, no sentido do sacrifício de uns pavimentarem a felicidade de outros (ANTUNES, 2009).

Ainda segundo Antunes (2009; 2011), características encontradas atualmente, no mundo do trabalho como gestão participativa, qualidade total, acumulação flexível, descentralização produtiva, produção *just in time* de mercadorias variadas, resultam em alternativas organizacionais que, na prática, geram metamorfoses no sistema de produção, sem deixar de fabricar, concomitantemente, desemprego, precarização do trabalho e destruição da natureza em escala globalizada. Ou, nos termos que discute Dal Rosso (2008), dentro da abrangência das mudanças no mundo do trabalho houve a intensificação do labor,

um processo que despendia mais energia vital – seja física, intelectual e ou relacional, de trabalhadores e trabalhadoras para atingir resultados mais elevados de trabalho. Todo esse conjunto de aspectos tem sido colocado a serviço da maximização da exploração.

O trabalho precarizado, terceirizado, parcial, temporário, desregulamentado, informal e intensivo além de atingir mais intensamente os países subordinados de industrialização intermediária, traz também, em seu bojo, consequências relacionadas ao trabalho feminino, conforme Antunes (2009). Assim, veremos que “as vantagens que a classe capitalista extraiu da diferenciação entre trabalho agrícola e industrial e dentro do trabalho industrial [...] atenuam-se em comparação às extraídas da degradação do trabalho e da posição social das mulheres” (FEDERICI, 2004, p. 213). Nos meandros destas transformações torna-se necessário observar o sexismo, o machismo, o racismo persistentes e que envolvem esses aspectos gerais das transformações no mundo do trabalho como lugar profissional ocupado pelas mulheres.

2.2. O Poder dá trabalho!

Na esteira das transformações do mundo do trabalho, passando por diversos modelos de produção de massa, Foucault, em sua analítica do poder, mostrou-nos como historicamente se articularam processos de trabalho, controle e resistência - embora a categoria trabalho não tenha aparecido como tema principal em seus estudos; também refletiu como o saber integra o poder e como funcionam os mecanismos regulamentadores que atuam nas relações sociais, inclusive em torno do trabalho, e, assim, desenvolver uma percepção das razões que nos impele ao trabalho e ao modo como trabalhamos.

A sensação de bem estar, ou mesmo felicidade, provocada, por exemplo, pela posse de uma atividade remunerada não se vincula, em muitos casos, à satisfação pelo que se faz. É muito comum haver descontentamento com a atividade, mas faz-se crer que ela por si, mesmo desconsiderando-se o pagamento, deve ser capaz de trazer um sentimento de realização, de prazer, simplesmente por se estar livre do não fazer nada. Por outro lado, é comum a existência de um sentimento de profundo pesar quando da falta de trabalho que vai além da eventual escassez de recursos que esta pode causar. A sensação de inutilidade provocada pela não realização de atividade considerada produtiva, assim como o regozijo de trabalhar, parecem dar forma a um mecanismo de controle que articula trabalho, capitalismo e sujeição (BATISTA; GUIMARÃES, 2009, p.130).

Assim, olhar o trabalho é também perceber como sua construção conceitual ideológica nos remete para além da execução concreta, atingindo nossa atividade.

A concepção de poder, que recorri neste estudo, é tomada a partir de Foucault (1990) como uma ocorrência microfísica. Isto significa que sua apresentação é feita como algo exercido e compreendido para além das macroestruturas, dos domínios do Estado no campo político e do direito. O poder não se concebe encontrado somente no Estado como um ponto central – onde a detenção territorial e a administração das leis, do direito dão soberania a seu representante – mas também lhe institui um domínio em que a legitimação do poder corresponderia à obrigação de obediência:

[...] no caso da teoria jurídica clássica o poder é considerado como um direito de que se seria possuidor como de um bem e que se poderia, por conseguinte, transferir ou alienar, total ou parcialmente, por um ato jurídico ou um ato fundador de direito, que seria da ordem da cessão ou do contrato. O poder é o poder concreto que cada indivíduo detém e que cederia, total ou parcialmente, para constituir um poder político, uma soberania política (FOUCAULT, 1990, p.174).

Na sua investigação sobre poder, Foucault desloca o olhar sobre a estrita formulação da ciência política tratando-o além de um lugar ou ponto específico de instância superior na sociedade – no qual indivíduos cedem direitos segundo o modelo de operação jurídica de troca contratual. Isto significa conceber que o Estado não funda todas as formas de manifestação de poder. Este ocorre em níveis variados, em nexos distintos, de maneira heterogênea no tecido social estando integrado ou não ao Estado.

Igualmente, esse autor não despreza o poder centrado na economia, mas apesar do reconhecimento das imbricações entre política e economia, Foucault reflete como é possível fazer uma análise não subordinada às relações estritamente econômicas do poder. Isto é, sem considerar a economia como essência para o exercício do poder. Ele diz:

Dispomos da afirmação que o poder não se dá, não se troca nem se retoma, mas se exerce, só existe em ação, como também da afirmação que o poder não é principalmente manutenção e reprodução das relações econômicas, mas acima de tudo uma relação de força (FOUCAULT, 1990, p.175).

E as relações de força não são exclusivamente ligadas aos interesses econômicos, no entanto, ambas as perspectivas analíticas anteriores, das ciências políticas e econômicas, são tidas em sua historicidade e contingência como reveladoras de formas de poder.

Foucault (1995) refere que poder emanado de um ponto, em lugar estavelmente determinado, não dá conta de muitos fenômenos; afirma que a natureza do poder está na intenção investida nas práticas reais e efetivas, na relação direta com seu campo de aplicação, no cotidiano. É preciso evidenciar a circulação do poder no campo social, na variabilidade dos fenômenos. Como Guacira L. Louro explica:

Foucault desorganiza as concepções convencionais — que usualmente remetem à centralidade e à posse do poder — e propõe que observemos o poder sendo exercido em muitas e variadas direções, como se fosse uma rede que, ‘capilarmente’, se constitui por toda a sociedade. Para ele, o poder deveria ser concebido mais como ‘uma estratégia’; ele não seria, portanto, um privilégio que alguém possui (e transmite) ou do qual alguém se ‘apropria’ (LOURO, 1997, p. 38).

O poder que se diferente de um domínio fixado é exercido em atos diários pelos sujeitos através das suas relações. É, portanto, fundamentalmente reconhecido como estando em todo lugar, pois há pessoas e relações em toda parte. Somos seres sociáveis, que interagem e agem de acordo com nossas forças. Enquanto exercício, o poder é praticado por participantes sempre em atividade, em ação e reação, pergunta e resposta, em jogos e trocas que caracterizam sua disposição em rede, em circulação. O exercício do poder

[...] é um conjunto de ações sobre ações possíveis; ele opera sobre o campo de possibilidade onde se inscreve o comportamento dos sujeitos ativos; ele incita, induz, desvia, facilita ou torna mais difícil, amplia ou limita, torna mais ou menos provável; no limite, ele coage ou impede absolutamente, mas é sempre uma maneira de agir sobre um ou vários sujeitos ativos, e o quanto eles agem ou são suscetíveis de agir. Uma ação sobre ações (FOUCAULT, 1995, p.243).

É na análise do poder, ocorrendo e funcionando em rede, presente em todas as relações e não sendo objeto de apropriação como um bem, que se evidencia o olhar de Foucault para os efeitos do poder vinculados a manobras, táticas, técnicas e modos de funcionamento. Dentro de um contexto histórico, o autor nos esclarece que:

[...] nos séculos XVII e XVIII, viram-se aparecer técnicas de poder que eram essencialmente centradas no corpo, no corpo individual. Eram todos aqueles procedimentos pelos quais se assegurava a distribuição espacial dos corpos individuais (sua separação, seu alinhamento, sua colocação em série e em vigilância) e a organização, em torno desses corpos individuais, de todo um campo de visibilidade. Eram também as técnicas pelas quais se incumbiam desses corpos, tentavam aumentar lhes a força útil através do exercício, do treinamento, etc. Eram igualmente técnicas de racionalização e de economia estrita de um poder que devia se exercer, da maneira menos onerosa possível, mediante todo um sistema de vigilância, de hierarquias, de inspeções, de escriturações, de relatórios: toda essa tecnologia, que podemos chamar de tecnologia disciplinar do trabalho. Ela se instala já no final do século XVII e no decorrer do século XVIII (FOUCAULT, 2005, p. 288).

Na análise do poder, não se trata de buscar causas. Trata-se de observar precauções que visam, segundo Foucault, favorecer a análise por “orientá-la para a dominação, os operadores materiais, as formas de sujeição, os usos e as conexões da sujeição pelos sistemas locais e os dispositivos estratégicos” (FOUCAULT, 1990, p.186). Ou dito de outro modo, trata-se da observação do sistema de diferenciações criando distinções para a emergência e efeito de relações de poder, do objetivo pretendido, das modalidades instrumentais utilizadas,

das formas já institucionalizadas de produção das relações de poder e das medidas que conferem grau de efetividade de tudo isso.

Dentro do sistema de diferenciações destaquei como aspectos de maior relevância para compreensão da pesquisa a diferença econômica, por remeter ao lugar que a pessoa se encontra no processo produtivo e às competências ou modos de saber fazer.

No tocante aos objetivos, pincei a manutenção de privilégios como ainda presentes nas relações de gênero; nas modalidades de utilização de instrumentos, destaquei o uso do discurso e dos mecanismos de controle disciplinar.

No sistema de diferenciação de exercícios de poder, Foucault (1995) chama atenção para as várias diferenças que são instituídas entre as pessoas. Essas diferenças constituem as condições de aparição das relações de poder e, ao mesmo tempo, são resultados produzidos dessas mesmas condições. Diferenças são os privilégios, de ordem jurídica ou não, desigualdades no acesso aos recursos, distintos lugares ocupados para produção dos bens nas competências variadas, nos saberes diversos, nas formas linguísticas singulares. Tal sistema relaciona-se, no caso deste estudo, aos privilégios masculinos advindos de uma ordem patriarcal (SAFFIOTI, 2004; LAGARDE, 2005) produtora de papéis de gênero que, por sua vez, refletem-se no processo produtivo. Aqui, as mulheres se sobrecarregam com a ideia de que é sua responsabilidade o conjunto de atenções e cuidados necessários para o sustento da vida, resultando em maior dificuldade para entrar na cadeia produtiva, julgando suas competências como aptidões naturalizadas e não como especializações, demarcando prejuízo em sua remuneração e oferecendo regime de tempo parcial em cargos e ocupações, pois assim conciliam tais cuidados com as necessidades de gerarem renda.

Quanto à diferença, é possível dizer que ela seja um atributo que só faz sentido ou só pode se constituir em uma relação [...] Continuamente, as marcas da diferença são inscritas e reinscritas pelas políticas e pelos saberes legitimados, reiteradas por variadas práticas sociais e pedagogias culturais (LOURO, 2008, p. 22).

Desse modo, as ideias que se pretende consolidar são repetidas, obscurecendo seu caráter arbitrário e deixando a sensação que a marca da diferença é algo que faz parte da compreensão e ordenamento da vida. Pelo estabelecimento da diferença se promove a comparação, que ajuda a gerar o que acabará por se tornar norma.

A norma não emana de um único lugar, não é enunciada por um soberano, mas, em vez disso, está em toda parte. Expressa-se por meio de recomendações repetidas e observadas cotidianamente, que servem de referência a todos. Daí por que a norma se faz penetrante, daí por que ela é capaz de se naturalizar (LOURO, 2008, p. 22).

Nas relações das artesãs com suas famílias, percebi que o trabalho reprodutivo surgiu no contexto de poder relativo à manutenção de um modelo patriarcal naturalizado. Sobre todas as artesãs recaía, em maior ou menor grau, o trabalho de manutenção dos espaços e bens domésticos. No entanto, a divisão do tempo para esta demanda e àquela advinda da produção artesanal abria possibilidades de negociação no uso do tempo gasto com a família. Assim, sob o olhar de hipótese emancipatória, pareceu-me abrir-se para as mulheres a percepção sobre os espaços limitados que a posição de dona de casa mantinha, quando exercida como atividade exclusiva.

Percebi existir um entrelaçamento das modalidades instrumentais do poder e a percepção de um papel de dona de casa, principalmente, quando uma atividade que trazia potencial de renda interferia na disparidade econômica dentro das famílias, ou seja, quando mulheres dependentes economicamente começavam a gerar recursos financeiros. O discurso sobre a participação no orçamento familiar passou a ser incorporado na atividade produtiva, porém, mantendo-se pouco valorizado socialmente visto ser um *complemento* ao recurso principal.

Foucault em estudos sobre o poder ainda chamou atenção para saberes e discursos que legitimam as diferenças, definem, contornam, limitam, descrevem o que é padrão-norma; por conseguinte, também o que se desvia da norma, gerando procedimentos de exclusão. Então, as diferenças são efeitos e constituintes das relações de poder. Os saberes e discursos são fundamentais às diferenças porque mediam procedimentos de exclusão (FOUCAULT, 1995). As diferenças são produzidas discursivamente, assim como são transmitidas e ensinadas. Portanto,

[...] a linguagem não apenas expressa relações, poderes, lugares, ela os *institui*; ela não apenas veicula, mas produz e pretende *fixar* diferenças. (...) E impossível esquecer que uma das primeiras e mais sólidas aprendizagens de uma menina, na escola, consiste em saber que, sempre que a professora disser que "os alunos que acabarem a tarefa podem ir para o recreio", *ela* deve se sentir incluída. Mas ela está sendo, efetivamente, incluída ou escondida nessa fala? (LOURO, 1997, p. 65-66).

Esse efeito de verdade discursivo precisa ser confrontado com outras vozes que possam trazer oposições a essas construções para *desfixá-las*.

Nesse sentido, o discurso, para Foucault (1999), possui função normativa e reguladora exercida através de um conjunto de enunciados. Os discursos sofrem influências das regras sociais institucionais e detentoras de saber que garantem aos discursos o poder de ser aceito como verdadeiro. Existem recursos e procedimentos que limitam as enunciações,

criando condições de produção e controle, de modo interior, aos indivíduos que o formulam, de forma mais abrangente no modo de funcionamento, exigências, qualificação, seleção quanto aos indivíduos que falam. O discurso serve como instrumento que faz funcionar e organizar o real. Por isso, “[...] que em toda sociedade sua produção é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório” (FOUCAULT, 1999, p. 8-9).

Interessa-se Foucault (1995) pela relação de dominação que exerce o controle no e sobre o cotidiano, que está próximo ao e no corpo das pessoas agindo sobre gestos, discursos e desejos. “O indivíduo é um efeito do poder e simultaneamente, ou pelo próprio fato de ser um efeito, é seu centro de transmissão. O poder passa através do indivíduo que ele constituiu” (FOUCAULT, 1990, p. 183). E sua descrição deveria se dar de maneira articulada através das práticas, saberes, instituições (família, associação, entre outras a citar).

A importância de entender poder, deste modo, dá-se por sua não localização em forças opostas estáticas. Então, não se pensa pessoas numa dicotomia entre aquelas que detêm o poder e as despossuídas deste. Há um jogo de constituição mútua e de micropoderes que transitam entre as partes que se relacionam. Isto ocorre no sentido de perceber que mesmo a(o)s subalternizada(o)s têm aspecto e situações que demonstram força e resistência. “Na medida em que as relações de poder estão em todo lugar, a resistência é a possibilidade de criar espaços de lutas e de agenciar possibilidades de transformação em toda parte” (REVEL, 2005, p.74).

A respeito de resistir e confrontar padrões propagados em sua igreja, mesmo em forte contexto discursivo de controle e transmissão de normas para as mulheres, narrou Hortência:

O pastor disse que pegar no martelo e pregar um prego era coisa para homem! Porque mulher ia entortar o prego, não ia saber fazer... Eu disse, eu não fico quieta mesmo, aí eu disse: - *Há controvérsias!* Minha filha até me cutucou. - “Mãe, não fala!” Mas eu disse: - *Eu prego e não tem isso! Hoje em dia não tem mais essas coisas!* Você viu naquele dia eu com uma furadeira, não é? Que antes diziam que essas coisa é de homem. Não, neh! Aí o melhor presente que eu ganhei foi uma furadeira. O pai disse: “O quê que tu falta tu furar mais?” Por que, não, esperar somente pela mão do homem, neh?! Eu sei que eu posso colocar!(Itálico meu).

A resistência, para Foucault (2001) relaciona-se ao poder como oposição e constituição. Só há poder onde há resistência. Assim como há várias formas de exercício de poder, há igual multiplicidade de pontos de resistência.

De uma forma geral, pode-se dizer que há três tipos de lutas: a) aquelas que se opõem às formas de dominação (étnicas, sociais e religiosas); b) aquelas que denunciam as formas de exploração que separam o indivíduo daquilo que produz; c) e aquelas que combatem tudo o que liga o indivíduo a ele mesmo e asseguram assim a submissão aos outros (lutas contra a sujeição, contra as diversas formas de subjetividade e de submissão) (FOUCAULT, 1995, p. 234-235).

Guacira Louro refletindo sobre o percurso dos estudos feministas, lembra que ênfase está sendo dada às formas e locais de resistências femininas, pois “o esquema polarizado linear não dá conta da complexidade social” (LOURO, 1997, p. 38). Há situações de mulheres em que, mesmo subalternizadas, são encontrados aspectos e momentos de escape, confronto e negociação em suas relações de força que demonstram poder, ou seja, resistência à dominação. A estudiosa ainda afirma que, embora haja manobras de poder que subordinam e submetem aquelas e aqueles que não compartilham do padrão e da norma hegemônica, as pessoas não são anuladas como sujeitos, pois existe um amplo campo de lutas contrapondo-se às relações de poder. Enfim, as resistências se orientam para a dominação, os operadores materiais, as formas de sujeição, os usos e as conexões da sujeição pelos sistemas locais e os dispositivos estratégicos.

Não é, portanto, fundamentalmente contra o poder que nascem as lutas, mas contra certos efeitos de poder, contra certos estados de dominação, num espaço que foi, paradoxalmente, aberto pelas relações de poder. [...] Trata-se de analisar as relações de poder através do afrontamento de estratégias (REVEL, 2005, p.76).

Por sua vez, Rowlands (1997) fala do uso de estratégias em dimensão pessoal nas relações próximas e no coletivo para as lutas de mulheres contra opressões generificadas. A primeira delas consiste em desenvolver confiança e capacidade individual – transformando a internalização da opressão. No plano relacional, a ação se dá no sentido de influenciar e negociar tomadas de decisão dentro das relações, assim como suas próprias naturezas opressoras. E no plano da coletividade, alcançar maior impacto que ações individuais agindo conjuntamente para ampliar a participação política ou mesmo para gerar ações centradas no modelo cooperativo e não competitivo.

A autora elenca quatro tipos de poder que servem de base em sua análise. São eles: *Poder sobre* – é aquele onde a habilidade de pessoa/grupo pode fazer outra pessoa/grupo agir contra seu desejo; aqui são utilizadas a coerção, manipulação e o uso de informações falsas para causar influência. O *poder de dentro* – é relativo à aceitação e respeito por si mesmo, habilidade para resistir ao poder do outro rechaçando demandas indesejadas, crença no êxito de seus esforços de mudança e nas prioridades definidas por si mesmo; a partir da autoaceitação promover a aceitação dos outros como iguais. O *poder para* – é aquele que

desenvolve aprendizagem de habilidades, linguagens, protocolos, destreza, de como algo funciona, estimulando a atividade do outro e elevando o ânimo; promove novas possibilidades e ações sem dominação. O *poder com* – diz respeito a novas formas de organização em que se fortalece a sensação de não estar só, multiplicando poderes individuais, construindo redes sociais e de solidariedade. Ressaltando que poder para e poder com são tipos que, ao se desenvolverem, aumentam positivamente o poder total disponível de seu contexto.

Wieringa (1997) aponta como categorias gerais para as mudanças que as mulheres podem experimentar e manifestar como uso de seus poderes: sentir segurança e vislumbrar um futuro; conseguir ganhar a vida; ser capaz de atuar na esfera pública; ter maior poder de decisão no lar; participar de grupos fora da família, como recurso de informação e apoio solidário; apresentar mobilidade e visibilidade na comunidade.

2.3. O trabalho das mulheres e seus desafios.

É pelo trabalho que a mulher vem diminuindo a distância que a separava do homem, somente o trabalho poderá garantir-lhe uma independência concreta.

Simone de Beauvoir¹⁸

Iniciar a apresentação deste tópico com a frase de Simone de Beauvoir é considerar que para além das relações de desigualdades entre os sexos, o trabalho pode se constituir como uma via de autonomia feminina. Neste campo, várias ações concretas podem ser problematizadas com vistas a compreender suas formas de exercer diferentes poderes. Nas relações das mulheres com a atividade que exercem e com os demais agentes envolvidos, uma das consequências é dar início e desenvolver conhecimento de processos e práticas de autonomia.

Compreender os arranjos sociais e culturais de gênero, assim, é buscar uma análise crítica das mais diversas contradições reveladoras desse campo na sociedade, além de tomar reflexivamente sua configuração no mundo do trabalho. Nesse sentido, ao tentar contextualizar historicamente as experiências de mulheres na divisão social do trabalho,

¹⁸ Encontrado em MEDEIROS, P. P. S. **Grandes expressões filosóficas: conhecendo a ti mesmo**, 2015, p.34.

recorro preliminarmente aos estudos de Heleieth Saffioti (1969; 1981), quando a autora nos mostra que as funções tradicionais relacionadas à maternidade e ao cuidado dos filhos no lar e ou mesmo no trabalho remunerado no espaço privado do lar, constituem-se numa mão de obra externa de reserva, passível de ser requisitada pelo mercado sempre que necessário – deixando as mulheres em condição vulnerável. Para Saffioti (1969), participar do mundo do trabalho, inicialmente, significava sair do âmbito da “natureza” para fazer parte da cultura. Ao participar do mundo público, a mulher se sentia sujeito da própria história, com capacidade de construí-la, deixando de lado a insegurança de sua posição subalterna na sociedade.

Já Margareth Rago (2010), corroborando com Saffioti, mostra que a participação no mundo do trabalho não foi nada fácil para as mulheres. Segundo essa autora, houve uma progressiva substituição e expulsão das mulheres do universo fabril nas primeiras décadas do século XX, ratificada em discursos de setores da sociedade (médicos e higienistas, principalmente) que defendiam a ideia de ser a fábrica um espaço adverso à honra feminina.

Para Maria Cristina Bruschini (2007), o mercado de trabalho atual para a mulher brasileira apresenta tendências possíveis de análise em seus aspectos de avanço e também em seus atrasos: se por um lado, desde a última década do século XX, encontramos consideráveis mudanças nos padrões culturais e nos valores sociais do papel da mulher estabelecidos pelo mercado, por outro lado, mesmo com a melhoria no nível de escolaridade e a crescente presença feminina em carreiras e ou profissões de maior prestígio, segundo Hirata e Kergoat (2007), persistem as desigualdades salariais, as atividades precárias e informais de trabalho, além da sobrecarga histórica e cultural da responsabilização feminina com os cuidados dos filhos e afazeres domésticos.

Tomando como base a reestruturação no mundo do trabalho globalizado, lanço mão de Hirata (2002) para problematizar os desdobramentos dessas circunstâncias para a profissionalização das mulheres. Os novos arranjos na produção estabeleceram entre os sexos uma divisão persistente em hierarquias e exploração. Dependendo do tipo de trabalho, manual ou intelectual, e sua organização, pode-se observar bipolarizações.

Quanto à inserção profissional, encontra-se, de um lado, mulheres em profissões ditas superiores e de boa remuneração decorrentes dos processos de aprimoramento educacional e, por outro, trabalhadoras não qualificadas, não valorizadas socialmente, mal remuneradas formando amplo contingente que exerce ocupações mais rotineiras, repetitivas, que exigem menos ou nenhuma tomada de decisões – e, principalmente, são mulheres que

mais se encontram em trabalhos temporários, de menor remuneração, desvalorizados, de tempo parcial, terceirizados e precarizados.

Na política de gestão das organizações é possível encontrar discriminação de mulheres quanto ao estado civil, idade e qualificação profissional no processo de seleção. Elas são menos solicitadas para dar sugestões de melhorias técnicas e, por exemplo, no *modelo da competência* - que envolvem iniciativa, responsabilidade, inteligência prática e capacidade de mobilizar outros agentes de trabalho, assim como liderar trabalhos em equipe – a análise de Helena Hirata quando referida por Antunes (2009) aponta que é privilegiado o contingente masculino. O curioso é perceber, conforme indica Kergoat (2014), que as capacidades relacionais valorizadas nesse tipo de gestão sofrem um processo inverso de desvalorização quando se apresentam em mulheres. As capacidades relacionais são consideradas como qualidades do feminino e não qualificações para o trabalho, no entanto, quando estas mesmas características são observadas nos homens assumem o caráter de aprimoramento funcional: o que constitui, para Kergoat (2014), uma afirmação sexista das *competências*.

Souza (2006) explica que, como no patriarcado a educação de gênero provoca o superdesenvolvimento da racionalidade nos homens e da emotividade nas mulheres, as habilidades das mulheres são competências naturalizadas, e, que quando cooptadas pelo capitalismo na função de controle da força de trabalho, não necessitam de uma formação específica para seu uso – *vêm de casa*, portanto se tornam menos valorizadas. A estudiosa trata das mudanças no trabalho reestruturado através do entendimento de Ricardo Antunes (2009) ao discutir como a feminização no trabalho mudou a *qualidade* da classe trabalhadora, ou melhor, “o capital vem incorporando as mulheres de forma desigual em relação aos homens, porque tem sabido apropriar-se da polivalência das mulheres” (SOUZA, 2006, p.233), na sua facilidade de lidar com as emoções, na atenção especial a sentimentos do outro, intuição, intimismo – habilidades comumente treinadas pela educação de gênero.

Segundo Souza, a multifuncionalidade no trabalho

[...] repete apenas a flexibilização ocorrida na reprodução (mundo doméstico), em que as mulheres têm não só que dar conta de tarefas tão díspares como fazer comida, limpar, lavar e passar roupas, para os demais membros da família, como educar os/as filhos/as, cuidando da construção do seu caráter, da moral e da ética, bem como da educação sentimental deles/as. E ideologicamente todas essas tarefas são desvalorizadas, vistas como não importantes, dessa forma a mulher incorpora uma imagem de si como não importante (SOUZA, 2006, p.315).

No que se refere à capacidade feminina de integração de grupo, a autora também argumenta que, na forma patriarcal de família na sociedade capitalista, às mulheres se destinam

[...] as tarefas de construção do lar como *locus* de afeto das classes trabalhadoras, construindo uma ideologia mítica de que o lar significaria, para o sujeito [produtivo], o descanso das opressões. Porém o sujeito para quem o lar é preparado é o homem adulto, o que significa que as mulheres e as crianças e mesmo os/as velhos/as (não mais produtivos) são submetidos à opressão patriarcal. Cabe então às mulheres relevar as diferenças, buscar harmonizar as relações, em um complicado (e infrutífero) exercício de integração (SOUZA, 2006, p.316).

Esta capacidade em corporações também se transportaria a interesses quanto à gestão de conflitos, quando

[...] é necessário que se crie um clima de integração entre todos, que o interesse do patrão apareça como se fosse interesse de todos, como se não houvera classes com interesses antagônicos, mas uma 'grande família', com interesses diferentes mas não antagônicos, interesses que se podem conciliar, se todos se integrarem, integração que tende à harmonia e nega a luta de classes (SOUZA, 2006, p.316)..

Enfim, as competências generificadas são utilizadas mantendo a hegemonia capitalista, não sendo exatamente reconhecidas para a superação das diferenças no mundo do trabalho. É possível observar nessas estratégias de poder sobre as capacidades das mulheres, a abrangência do regime do disciplinamento dos corpos e das mentes que relaciona a geração de utilidades produtivas à docilidade e domesticidade de trabalhadoras e trabalhadores.

Quando comenta pesquisas realizadas no Brasil por Nadia Araujo Guimarães, Hirata (2014) ressalta a importância de análises interseccionais quanto ao fenômeno do emprego e desemprego nacionais. São articuladas as categorias de raça e gênero para explicar desigualdades. As pesquisas mencionadas mostram que homens brancos possuem os mais altos salários, seguidos dos homens negros e das mulheres brancas, e por último as mulheres negras. Quanto às condições de trabalho, homens brancos e negros possuem maior trajetória em trabalhos formais e autônomos que as mulheres, sendo os homens negros mais suscetíveis à instabilidade no emprego.

Para essa estudiosa, as mulheres, majoritariamente, ocupam posições de menor prestígio, com piores condições de trabalho, com preponderância de mulheres negras exercendo serviços domésticos. Igualmente é possível observar o predomínio das mulheres em empregos de serviços ditos de proximidade, também chamados serviços de cuidado ou *care*: estes serviços constituem-se por cuidado e assistência a idosos, pessoas juridicamente tidas como incapazes, e portadores de deficiências; nesse rol encontramos profissionais de nível técnico e qualificado, ou pessoal prático.

Em pesquisa realizada em 2010-2011 por Hirata e Kergoat entre Brasil, França e Japão, Helena Hirata aponta que “a divisão social, sexual e racial no trabalho do *care* aparece claramente a partir da pesquisa comparativa” (HIRATA, 2014, p.67). Hirata afirma estarem envolvidas na atividade mulheres de extratos sociais mais modestos, provenientes de imigração interna, como no caso do Brasil.

Os serviços do *care*, mesmo quando remunerados, são rebaixados em termos de status social e constantemente desvalorizados. Conforme Hirata (2014), existem duas hipóteses que lançam luzes sobre esta questão baseadas nas teorias do *care*. Uma hipótese apresentada por Patrícia Paperman (*apud* HIRATA, 2014) atribui a desvalorização do trabalho do *care* como uma espécie de reflexo quanto à desvalorização social imputada a idosos e pessoas com deficiência, denominados *destinatários*, e que são prevalentes no uso deste tipo de serviço. Outra, proveniente de concepções feministas, associa a desvalorização desse trabalho com o trabalho reprodutivo feminino gratuito.

Sob a ótica de gênero, adverte Sorj (2004), as reestruturações produtivas não podem ser encaradas somente em seus aspectos visíveis, pois elas afetam a posição social das mulheres de forma mais ampla e reforçam sua identidade doméstica. É necessária uma renegociação, do que a autora refere como divisão sexual do trabalho doméstico, via contrato sexual, visto que se atribui preponderantemente as tarefas e responsabilidades no âmbito dos cuidados familiares e afazeres domésticos às mulheres. Segundo a autora, sem ações neste sentido, a inserção no mercado de trabalho se torna desigual para homens e mulheres, e suas posições se tornam qualitativamente diferentes. Este é um elemento central para conceber as chances e posições assumidas pelas mulheres no mercado de trabalho e de forma clara revela que “as mulheres quando entram no mercado não estão livres, da mesma maneira que os homens, para o trabalho contratado e o fazem a partir de uma posição inferiorizada pelo trabalho doméstico” (SORJ, 2004, p. 144).

Nas associações pesquisadas o horário de trabalho refletia a condição de ausência ou desproporcionalidade na divisão do trabalho doméstico entre os demais membros da família, à medida em que ocupava o turno da tarde. Este turno se constituía como um tempo entre as tarefas da manhã e da noite nos cuidados com a casa e familiares. Todas as artesãs se denominavam “donas de casa”, o que culturalmente remete ao trabalho reprodutivo. Quanto ao trabalho doméstico uma artesã-flor disse: “Deixo tudo feito de manhã. Minha mãe é doente e não pode fazer nada. À tarde meu marido fica com ela e aí eu venho” (Hera). Quanto à

percepção do volume de afazeres neste tipo de atividade, a referência das mulheres é de que ele “é muito!” (Hera), “ô” (disse Hortência revolvendo os olhos e assentindo com a cabeça. Este movimento foi repetido pelas demais artesãs presentes denotando concordância com sua expressão). Quanto ao retorno à residência e ao serviço doméstico no final da tarde, ainda é comentado: “Volta a trabalhadeira toda de novo!” (Hera).

Além de sobrecarregar as mulheres há desvalorização do trabalho reprodutivo feminino. Na fala de Margarida fica evidente a insatisfação com o trabalho doméstico quando essa aponta sua invisibilidade em contraposição a outras atividades:

Não é pequeno meu sonho! É ter um terreno pra me sustentar da terra! Porque eu gosto. Eu digo, tem muitos agricultor que são agricultor só no nome, neh! Porque eu sou uma pessoa assim (risos) esquisita... o jeito, néh?! Porque pra mim, varrer a casa, lavar os prato é obrigação. Mas tem dia que eu faço, não porque faço, porque tem que fazer! Porque é uma coisa que não me faz feliz, tá entendendo?! É as menina que acha graça, minha mãe mesmo, até minha irmã... Se tiver um roçado pra limpar, um pedaço de mato pra limpar e uma casa pra passar o pano, espanar, essas coisa, eu digo assim: *me dê o pedaço de roçado pra mim limpar!* Porque é tipo assim, se você for cuidar duma coisa você vê o resultado. Parece assim, você vai limpando, depois tu olha pra trás e tu vê aquele resultado! A louça, a casa, às vez antes de tu terminar já tem gente que tem sujado de novo! Eh... (Itálico meu)

Há semelhanças e diferenças entre os dois trabalhos abordados por Margarida. Ambos são penosos e exigem de seu corpo, empregam energia e são necessários em seu contexto familiar. Porém, somente o que pode ser realizado com reconhecimento e valor social, de modo não compulsório para ela, reveste-se de aspectos almejados – inclusive é visto como sonho na medida da grandeza que a distancia de determinações de gênero opressoras.

Aspectos problematizados por Antunes (2009; 2011) como intensidade do trabalho, atuação em multitarefas como atividade rotineira no trabalho feminino, podem ser facilmente atribuídos ao trabalho doméstico.

O dia-a-dia? Muito atarefado! Muito, muito mesmo! Em casa é assim. Mas, eu é aquela coisa passa o dia faço uma coisa, faço outra e a noite tô na mesa pintando. Às vezes, eu fico até... nem percebo. Já tá quase chegando o outro dia. Três horas, o horário de dormir é esse aí três horas, duas horas... porque eu fico na mesa pintando. Tem dia que eu tô tão cansada, que eu jogo tudo na mesa. Aí vou pegar o pincel já adormeci em cima de tudo! Já me acordei e tinha dormido assim quase meia hora de sono... *Ah não! Não aguento mais. Vou pra a cama!* Já cheguei até a sujar os panos com cansaço e o sono. Aí derrubei o pincel em cima do tecido. Ali eu já vou formar uma borboletinha, alguma coisa onde eu borrei. É meu dia a dia. É esse aí. Não para não. Muito corrido. Cuidar da casa, das minhas filhas, mesmo tendo uma casada. Eu já tenho duas netinhas! Eu fico na mesma coisa. Mesmo a outra, vou lá ver como é que ela tá cuidando da menina... É assim, muito atarefada como eu te falei! (Andorinha, itálico meu).

E diante de um mundo do trabalho onde “os laços empregatícios tornam-se cada vez mais precários com o aumento do desemprego de longa duração, formas instáveis de emprego, flexibilidade no uso da mão-de-obra” (HIRATA, 2002, p.344) às mulheres são destinados trabalhos que conjuguem o tempo gasto na esfera pública e privada de suas atuações, assim, tornando-se preponderantes em serviços de tempo parcial e com menor formalização. Enquanto trabalho e responsabilidades domésticas forem predominantemente femininas, com a recaída sobre seus ombros a conciliação da vida profissional e vida familiar, estarão mantidas as bases da divisão sexual do trabalho.

Eu especialmente só venho à tarde. Eu tomo de conta da minha mãe também. Ela é paciente de CA [câncer]. Ela está bem, mas nem tudo ela faz. O serviço pesado só mais eu que ajudo. Lavar roupa pesada, pegar peso, tudo sou eu. Eu por ela, neh. No caso, é a minha casa e a dela. E, às vezes, quando é que dia de sábado, eu nunca venho porque eu tenho uma filha que trabalha na feira. Ela vai para feira e eu fico cuidando dos filhos dela, das duas meninas dela. Eu tenho que me virar! (Beija-flor)

Apesar dos percalços, porém, o trabalho tem sido um campo de conquistas das mulheres. Resultados de pesquisas como os do Programa Pathways¹⁹ - Trilhas do Empoderamento de Mulheres, analisadas sob a ótica feminista mostraram que, ações de desenvolvimento econômico voltadas para mulheres e suas noções de agenciamento, reafirmaram a importância das mulheres trabalharem para mudanças sociais positivas.

Kabeer (2013b) analisou o potencial de transformação positiva de vida para mulheres ser favorecido pelo trabalho remunerado, e apontou que o trabalho que retirava as mulheres de casa tendia a lhes impactar também mais positivamente. Em contextos como Gana, Egito e Bangladesh, ampliaram-se com isso, as condições de mobilidade, participação nas decisões no lar, autoconfiança, direito à voz nas relações interpessoais e possibilidade de engajamento em atividades associativas para as mulheres. Em contraposição, possibilitaram efeitos adversos como maior exposição ao assédio sexual, à pressão excessiva que interfere nos níveis de saúde mental e na sobrecarga de tarefas pela baixa negociação de trabalho do tipo doméstico.

Acrescente-se que, segundo Cornwall (2013), no plano do desenvolvimento internacional e dos setores corporativos, não houve, em algumas das iniciativas analisadas, a

¹⁹ Programa desenvolvido durante cinco anos pelo Institute of Development Studies (IDS), Inglaterra, com financiamento e apoio também dos governos da Noruega e Suécia, e outras agências de fomento. Articulou um consórcio de cinco instituições de pesquisa de diferentes regiões do mundo, como núcleos no Oriente Médio, América Latina (NEIM/UFBa), Bangladesh e região do Sul da Ásia, África Ocidental e um quinto núcleo na sede do IDS que se voltou para instituições de políticas globais e para o mundo do auxílio internacional (*Aidland*). Fonte: Cornwall (2013)

incorporação de intervenções que trabalhassem as estruturas de desigualdade e de discriminação de gênero. O que recolocou a crítica feminista frente a projetos que “[...] oferecem às mulheres pequenos empréstimos e as engajam em atividades de geração de renda, tais como a produção de artesanato para venda” (CORNWALL, 2013, p. 2) como um fim em si mesmo.

Num contexto de políticas neoliberais (ROCHA, 2008; KABEER, 2013a), só fazer confluir poder com dinheiro para as mulheres não redefine princípios e bases ideológicas excludentes que as atingem. O embuste estaria em afirmar tais ações como promotoras de igualdade, “como se uma vez de posse do seu próprio dinheiro, as mulheres tivessem uma varinha de condão para fazer desaparecer, da noite para o dia, as normas sociais, instituições e relações que forjam suas condições de vida” (CORNWALL, 2013, p. 2).

Ao estabelecer essa análise, as considerações anteriormente apresentadas auxiliam a embasar como compreender a inserção da mão de obra feminina, quando se analisa o acesso a carreiras e profissões de prestígio para as mulheres escolarizadas nos últimos anos e se há recriação dos padrões discriminatórios e desiguais para outras mulheres que representam extrato sócio econômico mais baixo.

2.4. O trabalho artesanal.

“Podemos alcançar uma vida material mais humana, se pelo menos entendermos como são feitas as coisas.”

Richard Sennett²⁰

A compreensão precedente das transformações atuais no mundo do trabalho estabelece o suporte que apresenta um cenário no qual o trabalho artesanal está incluído. Sem considerarmos as demandas, os arranjos, a ideologia capitalista presente em nossa sociedade se torna difícil perceber as possibilidades existentes para ocorrência deste labor. No entanto, há peculiaridades na constituição do trabalho com artesanato (ao longo do tempo), características próprias associadas aos seus e às suas agentes que precisam ser apresentadas. Aspectos que versam, de modo geral, sobre definição conceitual da atividade, habilidades

²⁰ O artífice, 2015, p.18.

envolvidas na sua execução e como o país incorpora, regulamenta e define sua política para o empreendimento artesanal.

A reestruturação produtiva, a globalização consolidadas mediante o projeto econômico, social e político neoliberal têm configurado mudanças nas atividades que precisam ser observadas. As novas formas de relações trabalhistas, o trabalho em tempo parcial, o de período determinado, temporário, a subcontratação, comportam menor segurança no trabalho, criando oportunidades para a formação de pequenos negócios, originando condições para a existência de trabalhos alternativos configurados como trabalho informal em suas diversas expressões, forjado na exclusão de considerável contingente de pessoas do mercado formal (ANTUNES, 2009; 2011).

Nesse contexto, o artesanato pode constituir-se como um meio de garantir a sobrevivência das pessoas, transformando-se num tipo de trabalho acessível quando elas estão fora do mercado formal. Nele, persiste a ausência de garantias trabalhistas (como estabilidade, férias, registro em carteira de trabalho, 13º salário, fundo de garantia entre outras conquistas): mas, de certo auferem renda a trabalhadoras e trabalhadores.

Com a regulamentação da profissão do artesão pela Lei Nº 13.180, de 22 de outubro de 2015, ocorreu um marco legal que promoveu a valorização da profissão mediante seu reconhecimento, incluindo acesso à seguridade social pelo segmento. No artigo terceiro da lei há um dispositivo que institui o registro do profissional pela Carteira Nacional do Artesão, no entanto, é condicionada a renovação da certificação à comprovação das contribuições sociais. Das artesãs-pássaro apenas duas tinham registro atualizado: Beija-flor estava tentando aposentadoria, mas como trabalhadora rural; quanto ao outro grupo pesquisado, nenhuma das mulheres pagava seguridade social na categoria de artesã.

Na presente realidade financeira e educacional de parte da população brasileira é possível inferir que a lei pouco lhes faz perceber garantias em termos de direitos – fato corroborado pelas recentes alterações trabalhistas promovidas no país, onde contribuições e tributos aumentam e poucos benefícios parecem retornar à população. No caso das artesãs e dos artesãos, o dispêndio monetário que financia a seguridade social da categoria não gera atração *per se*, mas o faz perceber a contribuição como uma despesa de pouco ou nenhum retorno, conforme conversas informais com trabalhadoras do setor. Margarida comenta que “tanto *os deveres* quanto *os direitos* que os trabalhadores têm neh, também legislação neh, essas coisa aí tá é acabando com tudo tudo! Deus queira que essa reforma aí não passe. Tudo

isso aí é do povo do Brasil. Mas não deixam nem pro povo!” (Itálico meu). A artesã materializa, na forma linguística, a desproporcionalidade do que oferece ao governo e o que recebe em contrapartida desse, na medida que o dever se pluraliza e o direito é dito no singular precedido de artigo no plural. É como se intuitivamente soubesse que esses elementos que deveriam se equivaler, no fundo, não se equivalem. E na prática de seu cotidiano, a língua que erra a concordância nominal, acerta na experiência vivida.

Devido ao apelo de proximidade cotidiana e de sua fabricação requerer literalmente apenas as mãos, a atividade artesanal parece ser confundida com o comércio de objetos produzidos a partir de impressos, revistas, livros, programas televisivos, em que habilidades aprendidas não correspondem à destreza manual que modifica o objeto, refletindo a personalidade de quem o produz ou o contexto sociocultural em que se vê emergir (LIMA, 2005). Essas práticas muitas vezes restringem-se a simples montagem de peças industrializadas, utilização exclusiva de moldes pré-concebidos por outrem, sem transformação de matéria-prima, identidade cultural ou criação própria, qualidade de acabamento na produção: instâncias que não são consideradas artesanato – embora possam causar confusão conceitual à medida que também representam fonte de renda (VIEIRA, 2014).

O artesanato, quando desenvolvido em meio a formas precárias e informais, mistura-se a uma miríade de outros produtos ofertados que através do baixo custo e alta penetração no cotidiano das pessoas, acaba por atravessar sua relação com a sociedade enfraquecendo em prestígio e valor. Como atividade criativa, cultural e econômica, o artesanato, antes de tudo, significa um fazer ou um objeto do fazer que originado na prática eminentemente manual, constitui-se numa produção determinada pelo gesto humano que impõe sua marca no produto construído (LIMA, 2005).

Segundo Geruza Silva de Oliveira Vieira (2014), a perspectiva da(o)s artesã(o)s sobre o que constitui a autenticidade do artesanato, aponta existência de algumas etapas a serem observadas. A autenticidade do fazer artesanal está, então, no processo de produção, precedido por uma fase de exploração e escolha de materiais, na aplicação da criatividade e habilidade ao produto, e só quando ultrapassados esses pontos se encontra o produto finalizado e pronto para exposição e venda. A concepção captada pela autora das próprias artesãs e artesãos parece alinhada com o que conceitua o Ministério do Desenvolvimento,

Indústria e Comércio Exterior na portaria nº 29, de 5 de outubro de 2010, da Base Conceitual do Artesanato Brasileiro, no Programa do Artesanato Brasileiro (PAB), onde artesanato é:

[...] toda a produção resultante da transformação de matérias-primas, com predominância manual, por indivíduo que detenha o domínio integral de uma ou mais técnicas, aliando criatividade, habilidade e valor cultural (possui valor simbólico e identidade cultural), podendo no processo de sua atividade ocorrer o auxílio limitado de máquinas, ferramentas, artefatos e utensílios (p.100).

O documento oficial ainda define características de quem exerce a profissão do artesanato:

É o trabalhador que de forma individual exerce um ofício manual, transformando a matéria-prima bruta ou manufaturada em produto acabado. Tem o domínio técnico sobre materiais, ferramentas e processos de produção artesanal na sua especialidade, criando ou produzindo trabalhos que tenham dimensão cultural, utilizando técnica predominantemente manual, podendo contar com o auxílio de equipamentos, desde que não sejam automáticos ou duplicadores de peças (DOU Nº 192, seção 1, 2010, p.100).

Apesar de considerar a importância das definições mencionadas, Roriz (2010) critica a ausência de aspectos indicativos de qualidade nas conceituações. O que não permitiria discutir parâmetros avaliativos dos órgãos instituidores de certificação profissional. As definições oficiais acabam por nortear programas e ações no setor artesanal, a exemplo do Programa Artesanato Solidário²¹ e do Projeto Brasil Original²². A partir das definições, podem-se lançar olhares sobre diferentes aspectos do artesanato e construir diversidade de discursos. Para estudiosos como Ricardo Gomes Lima (2011), pesquisador do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, o cerne da questão para definição do artesanato se concentra na relação entre contexto sociocultural e técnica manual para a elaboração de rol classificatório. A diversificação do que se chama artesanato vem da diversificação de fazeres, dos materiais utilizados na elaboração dos produtos e da participação de ferramentas e máquinas complementares.

Então, ainda segundo o estudioso, são necessárias ações e políticas que abranjam a toda(o)s num plano geral, ou segmentem em ações específicas, mas promovam tanto os artesãos e artesãs que não têm a tradição cultural do fazer, que produzem objetos orientados por um mercado urbano, de acordo com as tendências ditadas pela moda, quanto o(a)s que possuem identidade de grupos e a tradição do fazer (LIMA, 2011).

²¹ Organização da sociedade civil que tem como missão a geração de trabalho e renda por meio da valorização do artesanato de tradição. Disponível em: www.artesol.org.br/portal/ Acesso: 01.12.2017.

²² Projeto nacional desenvolvido pelo SEBRAE nos estados. Apresenta como objetivo reposicionar o artesanato perante o mercado, tanto nacional quanto internacional (VIEIRA, 2014, p.51).

Há de se ressaltar a discussão de Juliana Pereira Ramalho (2012) que traz uma caracterização dos tipos de consumidora(e)s, para quem se faz artesanato. A autora aborda as diferentes expectativas e relações estabelecidas entre aquela(e)s que compram um produto artesanal e aquela(e)s que produzem o artesanato e as peças em si. Para ela, a(o)s consumidora(e)s tanto buscam a peça que representa, em termos artísticos, culturais e sociais, a região de origem (numa forma de transportar esses elementos para a casa de quem a adquirir, como almejam encontrar a representação autoral da(o) artesã(o) – numa correlação direta desta(e)s com a concepção socialmente compartilhada do que é ser artista - aquela(e) que deixa seu nome como parte constituinte do valor de sua obra). A(o)s consumidora(e)s buscam um vínculo de coparticipação com o artesanato produzido – na medida que procuram aconselhar, sugerir, interferir junto a(o) artesã(o) com sua visão de consumidor para transformar aquele objeto com o qual se deparam em uma peça que atenda aos seus anseios mais particularizados.

Nessas diferentes condições de ligação se percebe a afirmação da riqueza de relações encontradas no seio desta atividade e da pluralidade de possibilidades artesanais. Igualmente é possível perceber que há um jogo de forças de invenção na tradição versus os processos de massificação da artesanaria, que perpassam tanto os contornos conceituais oficiais de regulação da atividade quanto os consumidores reguladores últimos de seus resultados.

Para facilitar a compreensão da pluralidade da atividade em questão, é fundamental conhecer as categorias da base conceitual do artesanato brasileiro que padronizam e estabelecem os parâmetros de atuação do PAB (2010) em todo o território nacional. Elas definem a classificação do artesanato em: *Artesanato indígena* – objetos produzidos por comunidades indígenas de forma autoral coletiva, destinados ao uso cotidiano ou ritualístico, e ainda decorativo para outros grupos sociais; *Artesanato conceitual* - proveniente de segmento geralmente urbano, incorpora na produção de objetos conceitos e estilos provenientes de ateliês ou artistas com alguma formação artística, acadêmica ou não, partindo de conhecimentos técnicos tradicionais com produção em pequenas séries e comercialização na própria oficina de produção, ou em lojas e feiras especializadas em produtos similares, onde se preserva o sentido de produto exclusivo destinado a um público de maior nível cultural e maior poder aquisitivo; *Artesanato tradicional* - conjunto de artefatos representativos de uma cultura local, produzidos por técnicas transmitidas geracionalmente por familiares ou grupos próximos, trazem em si a expressão de sua própria origem, traduzindo uma identidade, seja de um indivíduo ou de uma coletividade e possuindo grande

diferencial comercial em decorrência disto; *Artesanato de reciclagem* – produzido a partir do uso de matéria-prima reutilizada contribuindo para redução da extração de recursos naturais e destinação de materiais que seriam encaminhados ao lixo; e *Artesanato de referência cultural* – geralmente resultantes da parceria de artesã(o)s e designers, são produtos que utilizam e transportam a iconografia típica da região onde são produzidos associando técnicas de elaboração tradicionais da(o)s artesã(o)s. A incorporação de elementos culturais tradicionais da região e a intervenção artística planejada tem o objetivo de promover a diversificação nos produtos e otimizar custos. Organizados em coleções ou famílias esses produtos possuem etiquetas de contextualização explicativas quanto à origem e produção. São produções feitas a partir de demanda do mercado, direcionadas ao consumidor e identificadas por meio de estudos prévios deste mesmo mercado consumidor.

Em termos de conceituações básicas para o PAB (2010) ainda se faz importante explicitar o que são: *Industrianato* - refere-se a produtos semi-industriais produzidos em maior escala, por pessoas conhecedoras apenas de partes do processo, utilizando moldes, formas, máquinas e equipamentos de reprodução, sendo predominantemente caracterizado pelo baixo custo na produção e revenda, são normalmente utilizados como recordações de viagem, sendo que seu volume tende a saturar o mercado; e *Trabalhos manuais* - produtos onde a matéria-prima não sofre transformação, resultantes do emprego de moldes e padrões predefinidos, do uso de técnicas de domínio público, produção assistemática, proveniente de ocupação secundária ou passatempo, não representa culturalmente sua região de origem ou a/o artesã/artesão que produziu, é pouco valorizado pelo mercado consumidor; não são classificados como artesanato e são alijados como segmento por agências como SEBRAE e CEART.

A pluralidade de termos e classificações confundem as mulheres de *Onde encontrei flores*. Como seu ingresso no mundo artesanal foi fomentado por capacitações que visavam desenvolver a atividade como negócio, deu-se ênfase mais às habilidades técnicas que às ações compreensivas e críticas do que estavam se propondo a fazer. Após dois anos na atividade artesanal com pelo menos dois cursos de capacitação, e ao ser perguntada sobre o que seria artesanato, Margarida disse:

Tu quer saber o quê a definição ou trabalhos manuais?! Ou essas coisas que eles querem dizer que uma coisa é outra?! Pra CEART artesanato é diferente de trabalhos

manuais. Essas almofadas que eu faço não é artesanato²³! Ela é muito artificial. O tecido dela é tudo artificial. Artesanato pra eles é quanto mais natural, quanto mais rústico, tá entendendo? Eu já até sugeri o tecido de algodão com conta de madeira. Eu sugeri pra ela e ela disse que não passaria. Não. Eu não sei porque essas linha de crochê - essas brilhosa - qualquer coisa que tu fizer com ela, não é considerada artesanato!

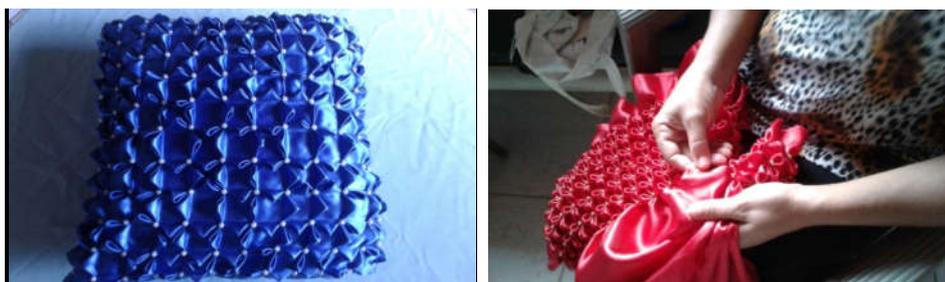
Artesanato é considerado assim, sementes... Quanto mais natural. Essas tua bichinha aqui já não seria. O fio eu não sei, mas o crochê seria. Já as perolazinha seria. Os fios tudo - pra eles - tinha que ser 100% algodão, neh?! Essas outras coisas é. Bordado tem que ser nessa linha de algodão. Se for brilhosa não passaria.

E o trabalho manual? É negocio de feltro. O feltro não é o que é esses outro aí. Essas [peças] tipo essas bonequinha que a [Rosa] faz, com esses vestidinho lindo, não é! É trabalhos manuais. Não seria artesanato!

Mas na televisão a gente vê eles dizendo que é artesanato, neh! Mais pra CEART não é. Fibra da bananeira é. Palha da bananeira é. Aquelas com do coco é. É mais essas coisa assim... Pra mim é, porque pra mim é! Você faz!

A fala reflete a tentativa de entender e também assumir uma delimitação mais ou menos aprendida para o que seria artesanato. De modo peculiar, a interlocutora nomeia o que fez de artificial. Adota claramente um discurso imposto. Não entende sobre a relação entre técnica e matéria prima, ou seja, por que crochê com linha de algodão seria artesanal enquanto capitonê com material semelhante não o seria. Ela ainda ressalta, “*você faz*”, como algo que na sua experiência prévia findaria por definir a questão.

Fotografia 4 - Almofada pronta e sendo bordada em capitonê.



Fonte: Acervo da pesquisadora, coletadas em 06.09.17.

Por sua vez, Águia brinca de testar a percepção de produtos baseada nos padrões de artesanato já assimilados:

²³ As almofadas eram feitas com a técnica de bordado denominada em capitonê. Esta técnica de confecção consiste em fazer desenho gráfico produzido através de quadrados retilíneos riscados e costurados para delinear formas geométricas ou orgânicas. A técnica pode ser aplicada em tecido ou outros materiais.

Mostra aí [Rolinha] esse saquinho. É da moça [de uma loja de artesanato] veio pedir umas peças para botar lá, pra exposição. Quando eu dei as peças, ela me deu esse saquinho de café. Aí, ela botou o café mesmo neh, ficou bonitinho. Olha aí, o que foi que tu não achou bonito, aí? Que não é artesanal?...Diz aí?! Pois é. Essa fita não tem nada a ver, essa fitinha neh. Mas aí ela botou a fitinha. Nós não pode botar uma fita dessa.

Águia se referia a uma fita decorativa de material industrializado em fibra sintética e denotava a internalização da norma artesanal apregoada pela CEART. Assim como em outra ocasião, ela declarou: “Porque tudo que a gente for fazer tem que ser na tabela da CEART!”

Em termo de tipologia, no artigo 14 do PAB, há também classificação com referência à matéria-prima predominante e sua funcionalidade artesanal, dividida em: matéria-prima natural (de origem animal, vegetal e mineral); matéria-prima de origem processada (artesanalmente, industrialmente e com processos mistos); e produtos que exigem certificação de uso. Quanto à funcionalidade, as tipologias podem ser: adornos e/ou acessórios, adereços; decorativos; educativos; lúdicos; religiosos/míticos; utilitários; profanos; lembrancinha ou souvenir (DOU Nº 192, seção 1, 2010, p.100-102).

É preciso ressaltar que as definições das categorias artesanais são flexíveis, interpenetráveis e, por vezes, subvertem o que está preestabelecido. O intuito não é restringir a prática artesanal ou suas obras, mas entrever a complexidade dinâmica de seus contornos. Segundo Fachone (2012), estudos existentes sobre as categorias artesanais apontam regularidades quanto a aspectos como manualidade; mesmo com algum uso de ferramentas, o primordial é o trabalho com as mãos, a funcionalidade dos objetos, a seriação, a durabilidade e a intenção estética de sua prática. Destas observações, excetua-se o industriano.

Apesar das citadas regularidades, o que se depreende destes contornos são tensões e interações de cunho econômico, social e cultura que impulsionam mudanças na atividade. Ou, como demonstra Ricardo Lima (2005), os debates em torno da questão do segmento artesanal tramam inquietações em duas vertentes: uma discursa sobre as condições de produção artesanal; e outra advoga quanto à adequação do artesanato à contemporaneidade. Para esse autor os temas a serem observados remetem ao valor artesanal tradicional para além da finalidade mercantil, das imperfeições que lhe caracterizam as peças diferentemente dos artigos industrializados, da prevalência da autoria, do ritmo próprio de produção e das suas transformações ao longo do tempo.

Nas associações acompanhadas, não pude ignorar a adequação do artesanato ao fim mercantil, mas as motivações financeiras foram traspassadas por outras significações.

Andorinha, ao declarar “para mim é uma profissão, neh. E também que eu gosto. Gosto demais!”, revelou uma concepção de ser artesã que se associa ao transcendente. Para ela, se “[...] a gente já tem um dom e a gente tem que neh estabelecer, cuidar do dom que Deus dá pra gente”, trazendo a ideia de artesanato como trabalho e missão.

Já Águia experimentou seu fazer quase como um vício, uma forma de lidar com as inquietações:

Quando eu tô com uma preocupação, tu acredita, que quando eu tô com uma preocupação, pode chegar quem chegar, eu conversando com a pessoa “*mulher deixa dessa mania tu conversando com a pessoa olho no olho não, é só trabalhando*”. Mas é mania! Meu tempo é ocupado todim no artesanato! Aí eu acho assim, se eu ficar sentada fazendo sala, eu tô perdendo tempo. Porque o tempo que eu passei dava pra mim bordar uma flor uma... qualquer coisa! Aí eu não tenho tempo pensar coisa de jeito maneira. Mas num penso mesmo! Antes eu pensava muita besteira, mas agora penso mais não (Itálico meu).

Para Hortência, o artesanato trouxe a oportunidade de nova identidade profissional em construção:

E através dessas... do artesanato, fez com que eu neh, abrisse mais a mente. E descobrir mais coisas, e saber que eu sou capaz e posso criar alguma coisa. Porque antes, até pra costurar alguma coisa, eu me achava... Costurava o dedo! Porque eu já venho, já venho do meio totalmente diferente do... Eu sou confeiteira. Aí vim, deixei a minha profissão de confeiteira pra vir morar aqui. Eu sou de fortaleza. Vim morar aqui, parei tudo, só pra tomar de conta da minha mãe. Não, eu sempre achei bonito, sempre tive vontade, mas nunca dei dava aquele passo: *Olha, como é legal. Isso aqui a gente pode fazer. Isso aqui a gente...* Mas nunca tinha aquela neh, de deixar neh um tempo pra fazer. Porque eu achava que eu não era capaz. Aí agora eu sei que eu sou capaz! E graças a Deus, tamo por aqui devagarzinho neh?

Lá era uma vida corrida, uma vida angustiante e agora não. Eu trabalhava no Seara Praia Hotel e de lá - porque ali são vários hotéis do mesmo dono - aí eu trabalhei no Ponta Mar, por alí tudo neh! A diferença neh, de lá, é porque lá é um trabalho que você sabe que ganha bem, mas você se mata neh?! E aqui não. Você trabalha no que você não gostava porque achava que não era capaz, e acaba gostando, entendeu? É muito bom isso. Eu gosto muito. Eu pensava que eu sabia fazer só aquilo. E menino, tu é doido, eu fiz curso por cima de curso! Trabalhei até pro governador! Bolo de aniversário e tudo, eu faço. Tudo é de sobremesas finas, tudo. Que eu trabalhava, eu era chefe. Deixar tudo, neh? Vir assim pra outra realidade assim... E a ultima?! Ligaro até de lá. - Hortência o que é que tu tá fazendo?! *Eu já tô é já tô bem*. Por que lá a gente não consegue viver, a gente só trabalha! Só vive pra trabalhar! (Itálico meu).

Sobre a intensidade e quantidade de horas de trabalho, Hortência disse:

O quê, eu?! Quatro horas da manhã às doze da noite! E você tem aquela responsabilidade! Porque você tá a frente daquele trabalho, tem que, neh, tem que ver o que é que tá certo. Tem que entregar! Porque, neh, não é só você que trabalha, são várias pessoas. Então você tem que prestar atenção o que é que as pessoas tão fazendo neh? Aí, sim, se não tá ali à frente você vê que vão falar de ti. Não vão falar pra eles [funcionários que comandava] tem que chamar a [Hortência]! Aí de repente o pessoal tá falando: - [Hortência], o que é que tu tá fazendo?!... *Eu agora sou artesã!* - Não acredito!... Como é que pode? Não [Hortência]! *Pois é! É sou artesã.* -

Mulher tu é doida é?! Como é que pode?! Mulher tu é uma profissional! *Sim, agora eu sou uma profissional, não da área. Não deixo de fazer, mas também eu gosto de fazer. Eu tô me sentindo bem, entendeu?!* Porque a gente trabalhava com muita pressão. É muita pressão. É eu lá, a gente fica no automático direto neh?! Aí a gente vem pra cá é outros ares. Outras coisas neh? É muito bom. Pois é, é muito bom! Não, tá bom! - Hortência vem pra cá! Eu disse: *Não, não. Deixa quieto!* (Itálico meu).

Através de particulares mudanças de vida, Hortência fez reflexões que, ainda aparentando estar sendo digeridas, pareciam pautar suas escolhas.

O primordial no artesanato é que a destreza manual esteja a serviço da característica própria e criativa da artesã ou artesão, refletindo sua identidade e contexto sociocultural. Mas há que se observar na história da humanidade, em versão ocidental, a partir da Revolução Industrial, a demarcação da dicotomia entre o fazer manual e o fazer industrial. Problematizando o valor atribuído ao artesanato, encontramos ainda outras duas dicotomias que lhe impõe “desvantagens”: diferenças entre trabalho manual e intelectual; discussões acerca da distinção entre artesanato e arte - todas incluídas nos subterfúgios capitalistas sobre as classes sociais vigentes. Portanto, na medida em que, na ideologia capitalista se dissociam o trabalho intelectual do trabalho manual, respectivamente vinculados à elite e ao povo, condena-se a produção popular ao domínio da irracionalidade, da inconsciência, da espontaneidade do fazer: enquanto pesquisas realizadas junto a grupos sociais específicos têm demonstrado que uma das qualidades da produção artesanal reside justamente na integração da atividade manual com a intelectual, enquanto processo de trabalho na associação entre a obra produzida e seu autor (ALVIM, 1983; ALEGRE, 1985; 1994).

Richard Sennett (2015) em sua obra *O Artífice*, apresenta a tese de que as habilidades, até mesmo as mais abstratas, têm início como práticas corporais. O diálogo entre práticas concretas e ideias se faz na medida em que repetição e criação se encontram na rotina do exercício, dando ênfase ao conhecimento proveniente do toque e do movimento realizados pela mão: à medida do fazer é que se lhe modifica a feitura e sua concepção. Segundo Sennett (2015), “[...] as pessoas são capazes de sentir plenamente e pensar profundamente o que estão fazendo quando o fazem bem” (SENNETT, 2015, p.30), assim para ele o nível de maestria é adquirido por meio do treino. No caso das habilidades artesanais de mestre, ele atribui ser necessário cerca de 10.000 horas de experiência. Diante dos percalços e da autorreflexão sobre a ação concreta mediada pelos próprios materiais com os quais se tem contato é que são impulsionados novos rumos e novos objetivos de uma prática. Quanto mais engajados no trabalho, mais “podemos entender os processos imaginativos que nos capacitam a fazer

melhor as coisas” (SENNETT, 2015, p.21). Essa dinâmica de realizar uma atividade e observar ação e o resultado concreto desta é que desenvolve a transformação nas ações e nos conceitos e deflagra um novo modo de capacitação.

Sennett (2015) se apoia na noção de *Consciência Material* para explicar a consciência das coisas, que seriam os pensamentos e as ideias vinculadas às coisas em si. A consciência material dos próprios materiais leva-nos a pensar sobre o seu valor, seja ele cultural, social, econômico ou pessoal. Neste plano, o artesanato (matéria) dispõe de uma consciência material. O trabalho executado com as mãos também agrega valores de originalidade e autoconhecimento no que diz respeito ao artista e sua obra. Assim a artesã e o artesão são tomados como artífices. Artífice simboliza aquela e aquele que são capazes de intervir e transformar o material que produzem manualmente, incorporando seus valores e apresentando consciência material engajada. A/O artífice é curioso, interessada(o) naquilo que pode ser modificado em seu trabalho, ou nas formas como executa o mesmo. Um exemplo do exposto, temos no relato da artesã: “A menina disse até assim: - Tu vai fazer um curso de uma coisa que tu já sabe? Eu disse: *Mas eu quero aprimorar mais os meus conhecimentos!* E me ajudou muito neh, porque através desse curso eu aprendi a fazer outros produtos” (Rosa, *itálico meu*). Outra artesã, ao participar de um curso fora de seu universo de técnicas, revelou que “tem coisa que é pra gente, tem coisa que não” (Águia). Mesmo assim, ficou observando e disse saber executar o que foi ensinado. Em ambos os casos é possível perceber a aquisição do conhecimento técnico como sendo de interesse maior que sua aplicabilidade imediata no trabalho artesanal produzido: o contato com diferentes modos de fazer e materiais variados não significa que a especialização seja dispensável e a dedicação do fazer não se volte para opções preferenciais.

A habilidade artesanal se realiza como um fazer intrínseco à vida cotidiana da artesã e do artesão interligada às suas visões de mundo, junto à utilização das ferramentas e técnicas para se atingir os objetivos adequados, fazendo-se essencial no tratamento do material em que a motivação é fazer bem feito; e o talento, como peça fundamental para que a habilidade artesanal se desenvolva e o orgulho pelo próprio trabalho, pode ser tomado como cerne, e não como destino e limitação. O desejo de qualidade da(o) artesã(o) faz com que ela(e) realize o seu trabalho numa constante busca pela perfeição em longo prazo. Existe um(a) artífice em toda(o) artesã(o) quando busca desenvolver-se, aperfeiçoar-se, amadurecer no que faz, não apenas imitando algo ou alguém, mas desenvolvendo técnicas. Durante o fazer artesanal, o pensar maduro, de forma que seu construir não está dissociado do pensar.

Octávio Paz (2006) fala da disciplina prática do trabalho artesanal para discorrer sobre as características imaginativas, lúdicas, sensíveis e táteis constituintes do microcosmo que é o ateliê do artesão ou artesã. Esta oficina, segundo o autor, é o espaço do divertimento, da criatividade, do trabalho, onde se conversa com outras pessoas, transgridem-se modos de fazer, ditam-se o tempo e o ritmo da concepção e execução das peças. Ali, o objeto feito à mão remete à sociedade humana: “[...] o artesanato é um tipo de festa do objeto: ele transforma o utensílio do dia-a-dia em um signo de participação” (PAZ, 2006, p.4). Sendo, segundo minha percepção, um espaço onde existe a possibilidade do exercício de autonomia.

No entanto, para Néstor Garcia Canclini (1983; 1997), os objetos artesanais devem ser analisados a partir das mudanças empreendidas pelo capitalismo. Há uma crítica aos valores da sociedade capitalista na qual as máquinas de reprodução em série substituem a habilidade artesanal e produzem velozmente, em grande quantidade. Há uma preocupação no que diz respeito às representações identitárias, ao fazer e ao pensar, identificados pela mão que executa e a cabeça que idealiza. Há uma crítica à subordinação no processo artesanal e nas relações sociais a partir da incorporação dos objetos artesanais produzidos às leis do mercado capitalista. Para esse autor, a pauperização da população mitigada pela inclusão mercantil da atividade artesanal também deve ser objeto de intensa crítica, pois se constitui num movimento de cooptação que mais invisibiliza os subalternizados pelo poderio econômico, que soluciona as disparidades sociais e de subexistência. A sobrevivência da(o)s artistas-artesã(o)s, historicamente instável, sofre com a ingerência do capitalismo em seus processos de produção e criação à medida que, pela via do turismo, aponta Canclini, serve à reprodução do capital e da cultura hegemônica solapando o que de mais autêntico essa expressão laboral apresentaria. Essa crítica é centrada no artesanato de cunho tradicional e que no Brasil representa apenas uma parcela da produção nacional.

No presente trabalho, inclusive, as artesãs que se utilizaram de elementos da tradição de seu lugar, como paisagens e flora ou mesmo matéria-prima da região, não chegaram, conceitualmente, a se enquadrar no que se convencionou de *artesanato tradicional*. A importância disso, na análise, deve-se ao fato dos produtos encontrados nas associações selecionadas no Maciço estarem envolvidos com uma concepção de produção que também se vincula ao designer, enfrentando certa subalternização laboral.

Fotografia 5 – Bordado retratando a comunidade de *Onde encontrei flores*.



Fonte: Acervo da pesquisadora, coletadas em 16.08.17.

2.5. As mulheres sempre foram artesãs?

Para refletir sobre o artesanato das mulheres, parti inicialmente de um plano histórico ocidental geral sobre o ofício artesanal. Com o intuito de investigar a pertinência do fazer artesanal como uma alternativa de protagonismo, emancipação pessoal e socioeconômica para mulheres, lancei um olhar sobre as contingências que apartaram essa atividade do conceito de arte e busquei entender a desvalorização desse ofício. Como a atividade artesanal em suas imbricações com as mulheres foi sendo construída de tal sorte a se transformar numa atividade subalternizada, igualmente procurei as correspondências nacionais desta divisão ocorrida na Europa, trazendo acréscimos ao entendimento geral do tema e contribuições para o campo de pesquisa.

Pensar o artesanato como atividade realizada por mulheres significa ter de igual modo de percorrer os caminhos que separaram o artesanato da arte. Trafegar por uma via pavimentada com a intencionalidade de contestar e desconstruir os saberes canônicos, considerando os espaços de atuação desta atividade, sua forma de realização e alguns sentidos atribuídos a essa prática (SIMIONI, 2010).

Considerada como *artes aplicadas*, a criação artística de objetos e peças orientadas ao mundo cotidiano, úteis à vida diária, foi classificada como uma arte de menor valor hierárquico pela tradição ocidental moderna. As criações eram executadas nas corporações de ofício através do sistema de guildas nas oficinas de artífices: lugares onde trabalho e vida se misturavam. Nessas, a presença das mulheres se destinava às atividades de limpeza e cozinha, não sendo permitida a participação como membros aprendizes de ofício. Sua contribuição na

produção ocorria para ajudar aos maridos. Todo trabalho por elas realizado, segundo explica Federici (2004), era um não-trabalho e fazia parte de *tarefas de dona de casa*. Com o propósito de salvaguardar os preços pagos por seus trabalhos e evitar que competissem em termos salariais, visto que a remuneração já era menor que a masculina, os artesãos promoveram a expulsão e exclusão das mulheres como trabalhadoras de ofício. Elas, no entanto, não ficariam sem função econômica, passando a ser *imprescindíveis e indispensáveis* para a administração do lar – evitando, em tempos de finanças difíceis, a total falência das guildas. As mulheres hábeis para o trabalho produtivo foram deslocadas para o reprodutivo a fim garantir que os homens se mantivessem trabalhando por remuneração. Nas guildas, estabeleceu-se o momento da autoridade exclusivamente masculina, consolidada a partir da relação de aprendizado entre mestre e aprendiz – entre homens – assim, o sistema de construção do artesanato passou toda autoridade aos mestres, que, em decorrência de suas capacitações e experiências retroalimentava o poder masculino no artesanato (SENNETT, 2015). Segundo Imbroisi e Kubrusly (2011), embora bordassem, costurassem, fizessem renda, tricô, crochê com habilidade e produzissem suas peças, as mulheres não eram admitidas nas oficinas dos artesãos, nas guildas medievais.

Além das razões acima dispostas, Sennett (2015) também associa esta ausência das mulheres como independentes trabalhadoras das guildas, a concepções religiosas que, na moralidade medieval, consideravam o tempo livre como uma tentação ou convite à indolência, o que exigia o disciplinamento feminino apartado da presença masculina, afastando as mulheres das atividades semelhantes e interativas com os homens. E ainda, consideravam as mulheres em especial tendentes à licenciosidade sexual caso não se mantivesse ocupadas. Eram precisamente as mãos que deveriam ser contidas pela ocupação. No caso, a contenção era feita através do uso da agulha, pois a menor distração seria punida com a dor imediata de furar-se. Tal dedicação ao coser posteriormente viria a se tornar motivo de honra pela representativa denegação sexual.

Assim, segundo Federici (2004), mesmo apresentando domínio técnico no fazer e no pensar artesanal, as mulheres não eram consideradas artesãs ou sequer participavam de grupos de trabalho. Suas habilidades foram relacionadas aos atributos esperados de quem pretendia se casar – à época, fato realmente necessário, pois as mulheres precisavam do casamento para manter-se já que não conseguiam trabalho com remuneração por suas habilidades. Essas habilidades exercidas em casa eram para uso estritamente doméstico e familiar, ou seja, o

lugar de suas ocorrências se transformou em aprisionamento (do que se constituiu, um dia, em trabalho público).

No final do século XVIII, enquanto lutavam por sobrevivência, as oficinas se viram perdendo grande parte do prestígio para as então criadas academias de arte. Tais academias se constituíam de espaços privilegiados de formação artística onde dotes intelectuais e teóricos se distanciaram do trabalho manual habilidoso. Nesses espaços e momento histórico é que o termo *belas-artes* em oposição às *artes aplicadas* entra na ordem do dia, figurando como sinônimo de arte acadêmica, separando artistas e mestres de ofício. Segundo Hauser (1998), através da operação de substituição da autoridade dos antigos mestres das guildas pelo processo puramente intelectual na relação professor-aluno, construiu-se, de forma marcante, uma separação entre arte e artesanato. Entretanto, inicialmente, ou como parte de uma transição de sistemas de organização, o ateliê do “*artista*” manteve um espírito comunitário no processo de elaboração artística, na sua produção, na natureza das encomendas recebidas, com grande quantidade de artigos de artesanato. Hauser (1998) aponta, ainda, que ao se emancipar do monopólio da Igreja e se distanciar das guildas, a partir da Renascença no ocidente, aquele que produzia obras de arte, o artista, foi definido como artesão de grau superior, como um indivíduo cujas habilidades técnicas e capacidades intelectuais o diferenciavam dos demais na elaboração de uma obra. Razão e técnica criaram posteriormente a possibilidade da elaboração de um *estilo próprio*, o que também viria a caracterizar esse ofício.

Nas academias de arte, os estudos de modelos vivos nus como aprimoramento técnico-artístico fazia parte da formação e obedeciam aos aprendizados da nova perspectiva racional científica da época. A função da obra de arte passa a ser a manifestação da criatividade do artista na procura da beleza, objetivo de suas pesquisas, oferecida à contemplação do espectador. Nesse processo, as mulheres foram impedidas de cursar tais aulas, sob a prerrogativa do decoro e da moral vigentes nesse período foi proibido. O ingresso feminino aos estudos das belas-artes via investigação anatômica dos corpos para composição dos retratos foi proibido.

Como aponta Simioni (2010), as mulheres nas academias foram encaminhadas à formação de pinturas em miniaturas, porcelana, natureza-morta, tapeçaria, bordados, entre outras modalidades. Além de submetidas à moralidade da época, foram envolvidas em um círculo pernicioso de exclusão: não faziam trabalhos de arte elevada porque foram

encaminhadas para as artes manuais; conseqüentemente, desabilitadas na era da razão, eram vistas como intelectualmente inferiores, e assim, por sua vez, não sendo consideradas propriamente ‘artistas’. No entanto, como o que executavam tinha qualidade e requeria habilidade na execução, dentro das academias a arte produzida por mulheres passou a ser chamada de ‘arte feminina’: nomenclatura diferenciada que relegava posição inferiorizada no campo artístico.

Com o declínio das Academias de Arte, surge na segunda metade do século XIX um movimento de revitalização do trabalho artesanal. Teóricos e artistas passam a questionar a mecanização industrial e a produção em massa nos movimentos *Art Nouveau* e *Arts e Crafts*. No movimento *Art Nouveau* não há recusa ao mundo industrial, as questões versam sobre a revalorização da beleza, aspectos da produção em série e com acabamentos menos sofisticados. O movimento se utilizava dos próprios materiais industrializados, da lógica e da racionalidade das ciências.

Já no *Arts e Crafts* houve uma recriação das artes manuais. A inclinação do movimento foi pela reforma social, considerando questões político-econômicas e levando o movimento a estabelecer uma crítica à sociedade capitalista e à alienação do trabalho. O movimento *Arts e Crafts* assumiu o propósito que incluía a retomada da valorização dos métodos tradicionais e artesanais, o que significaria o fim da distinção entre artista e artesão. Defendia que o artista tivesse domínio de todo o processo de produção de sua obra imprimindo ali a marca pessoal. Esse artista-artesão se tornaria mais tarde o conhecido *designer* (HAUSER, 1998).

Em ambos os casos uma coisa deve ser ressaltada: a concepção hierarquizada de quem faz as obras persistiu no plano das artes. O que ocorreu foi o surgimento de uma nova personagem na figura do '*artista colaborador*': um executor dos desenhos intelectualmente elaborados por outro; um *designer* responsável pelo '*acabamento primoroso*' e detalhado das obras de arte. Neste contexto, as mulheres que trabalharam nos ateliês foram frequentemente nomeadas como colaboradoras.

Segundo Imbroisi e Kubrusly (2011), na esteira da articulação entre arte e artesanato é criada, em 1919, na Alemanha, a *Bauhaus* moderna. Nascida da cooperação entre Academia de Belas Artes e Escola de Artes Aplicadas se constituiu numa escola de artes e design que tentava reativar a nova guilda. “Gropius imaginava uma comunidade em que professores e alunos morariam e trabalhariam juntos” (IMBROISI; KUBRUSLY, 2011, p.18). Gropius, o

fundador da escola, e seu conselho gestor, pretendiam formar novas gerações de artistas sem hierarquias, apenas com funções diferentes. Porém, mesmo naquelas circunstâncias, eles decidiram manter a ordem artística inalterada, direcionando dentro de seus domínios, o ingresso feminino. Os ateliês de tapeçaria e cerâmica continuaram a ser oferecidos às mulheres, por abordarem o trato de materiais leves e tradicionais, em oposição aos considerados industriais, como os de vidro e de metais. De acordo com Simioni (2010, p.07), também “a escola reitera uma tradição histórica, a da associação entre os meios têxteis, as práticas artesanais, a mão de obra feminina e um trabalho mais alienado do que propriamente inventivo”.

No contexto brasileiro, a relação entre arte e artesanato segue rumos próprios de consequências semelhantes. Na colonização, a mão de obra escravizada e abundante de negros e indígenas e sua associação ao trabalho subalternizado, segundo Sonia Carbonell Alvares (2015, p 118), “[...] abalou consideravelmente o prestígio do trabalho manual e criou um forte preconceito social contra os ofícios denominados, nessa época, artes mecânicas.” Posteriormente, com a chegada da família real e perdurando até a república, a autora associa a produção artística brasileira às influências europeias conservadoras e acadêmicas ressaltando que aqui se produziu arte da elite para a elite. A colonialidade do pensamento incorporada pela burguesia local fez da artesanaria brasileira uma manifestação subalternizada.

A separação de gênero na arte traz consequências que desembocam na vida social como um todo. Paulatinamente, foram sendo generificados os objetos de autoria feminina. De acordo com Soraia Mello (2009), na apresentação da obra de Vânia Carneiro de Carvalho, *Gênero e artefato: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material – São Paulo, 1870-1920*, é possível explicar a relação entre cultura material e ambiente doméstico na construção desta generificação a partir do caso paulistano. O foco do seu trabalho é a relação simbiótica que se configura entre os objetos domésticos e a formação de identidades sociais diferenciadas pelo gênero. Através da generificação dos ambientes da casa, das associações entre artesanato e decoração como elementos a serviço do bem-estar familiar, do treinamento corporal da educação para o lar, entre outros aspectos, a autora aponta lugares socialmente determinados à mulher numa leitura histórica de fontes iconográficas que falam do Brasil de 1870 a 1920. Observei que as associações entre gênero e arte identificadas em sua pesquisa ainda estão presentes na contemporaneidade. Aquilo que é difundido como ideia do que é próprio ou pertencente ao universo da mulher, provém dos costumes presentes nas relações sociais de poder e são, portanto, moldados por forças e pressões sociais.

Segundo Simioni (2010), na tradição ocidental a disputa por nomeações e definições do que é arte ou do que não é arte, aliada à importância dos meios artísticos empregados para tais fins, resultou numa construção hierárquica das modalidades artísticas. Estas separações delimitam poderes e instituem lugares diferentemente valorados para, a partir do discurso assim construído, pautar toda a relação da arte e do artesanato, cujos procedimentos de delimitação e controle de exclusão do discurso, segundo Foucault (1999), vão agir de modo a legitimar onde e quem pode falar.

Ao abordar o trabalho artesanal articulado à categoria gênero na minha pesquisa, tive interesse de trazer à cena as mulheres que foram atravessadas por construções sociais que ainda oscilam num movimento pendular entre os espaços produtivo e reprodutivo, que carregam desvalorizações seculares, hierarquizadas no saber colonial. O interesse é descobrir como, de que modo, sob qual pretexto as mulheres o realizam. E lançar um olhar que permita, como discutem Maia e Pereira (2017), perceber a existência de possíveis subversões, no uso de técnicas artesanais classicamente associadas ao papel feminino tradicional, na atividade artesanal como meio de acessar profissionalização, remuneração, expressão artística, ou quaisquer outros motivos apontados em sua relevância. Os autores referem experimentações contemporâneas urbanas nas quais podem ser pensadas subversões feministas através do artesanato, corroborados por Jorge (2014), quando trata do *artesanativismo*. Mas o que é possível depreender do fazer artesanal de mulheres artesãs do interior do estado do Ceará?

Aludindo a um marco na história, aos 10 de dezembro de 1986 foi fundado no estado o Sindicato dos Artesãos Autônomos do Estado do Ceará. Nesse período o governo cearense incluiu o artesanato nos seus planos, conforme Cardoso (2010), como forma de empregabilidade para parte de sua população e meio veiculador de identidade estadual. Visava sua inclusão no mercado contemporâneo como símbolo de modernidade e mudança aliado às tradições e valorização da gente do estado. O que se desenvolveu enquanto política direcionada ao artesanato, segundo Cardoso (2010), foi sua inclusão na lógica mercadológica do consumo turístico. Essa investida governamental trouxe uma aprendizagem comercial, produtiva e estética que se distanciava da realidade social da(o)s artesã(o)s. Também significou a relação alterada destes com o tempo e o volume da produção, com a criação espontânea, enfim com sua relação de trabalho.

Maria Edny S. Lemos (2011) sublinha na sua análise do Programa de Desenvolvimento do Artesanato do Estado do Ceará, preocupações quanto ao modo como é

realizado o artesanato enquanto política pública. A autora avalia que as ações são implantadas sem readequações posteriores, como se os resultados não se relacionassem com as comunidades envolvidas e tivessem aplicabilidade e retorno garantidos. O que de tudo isso se segue, é a contextualização em escala macroscópica do artesanato. Este surge para as mulheres como alternativa possível de inserção produtiva, mas de forma precária. Eu mesma experimentei por um ano esta tradicional atividade laboral e senti que a proximidade com o exercício manual, no lar, em meu contexto de existência, era constantemente questionado como descenso profissional.

De modo geral, para as mulheres das associações estudadas, o artesanato que desenvolvem se enquadra na tipologia de fios e tecidos no contexto nordestino brasileiro. Fora das capitais metropolitanas, elas buscam ocupar posições no mercado de trabalho.

A primeira associação estudada se encontra na sede da cidade polo do Maciço de Baturité. Ali, as mulheres desenvolvem um artesanato de referência cultural, conforme já foi conceituado, com enquadre na tipologia de fios e tecidos.

Em ambas as associações houve significativa presença de relação com a CEARTE e o SEBRAE. Estes foram apontados como atuantes desde o surgimento desses grupos, através da promoção do seu artesanato.

O segundo grupo pesquisado se localiza num distrito há três quilômetros da sede de Aracoíaba. Pertencente à região do Maciço, o município se situa na Sub-região Vales/Sertão. O grupo faz parte de uma associação de moradores, sendo uma espécie de subgrupo produtivo destacado ou diferenciado das demais atividades associativas, embora seu engajamento na comunidade seja evidente. Essas artesãs desenvolviam, igualmente ao grupo anteriormente mencionado, um artesanato de referência cultural, com ênfase no uso de fios e tecidos para produção de bolsas, almofadas, jogos americanos, chaveiros, entre outros itens. No espaço de produção eram montadas e concebidas as peças. Como é uma comunidade acentuadamente católica, havia no meio da tarde, um intervalo para orações, seguido de lanche comunitário. Os aspectos provavelmente decorrentes de matriz religiosa e do passado recente do grupo, as faziam reiterar o desejo de crescer, mas “sem muita ambição” (Rosa).

As vendas e as relações com o SEBRAE e o CEART estavam sendo estabelecidas com a atual configuração grupal há apenas dois anos. Isto significava serem recentes as intervenções institucionais através das quais as artesãs entravam em contato com as noções de

padrões definidos para o mercado turístico que estes órgãos objetivavam atingir. “[...] a CEART é um processo mais difícil: tem que ir lá com a peça; se eles quiserem alguma modificação; volta e depois leva, pra depois receber a encomenda; e tem que ir deixar” (Rosa). Elas pareciam buscar uma adaptação no seu fazer. Até o final da pesquisa de campo, as artesãs estavam priorizando as vendas por encomendas das pessoas próximas da comunidade.

3 – Vidas narradas, vidas imbricadas: as artesãs no Maciço de Baturité.

Nunca compare o seu começo com o meio de alguém.

Monique Evelle²⁴

Minha luta diária é para ser reconhecida como sujeito, impor minha existência numa sociedade que insiste em negá-la.

Djamila Ribeiro²⁵

As mulheres não são passivas nem submissas. A miséria, a opressão, a dominação, por reais que sejam, não bastam para contar a sua história.

Se elas não têm o poder, as mulheres têm, diz-se, poderes.

Michelle Perrot²⁶

A correlação entre o mundo do trabalho, de modo geral, e a esfera artesanal em seu contexto de ocorrência no Maciço de Baturité, especificamente, fez-me depreender que acessar o exercício possível dos poderes laborais das mulheres necessitava de saberes diversos que se articulassem, de perspectivas e olhares não fragmentados que lhes perscrutassem para captar a complexidade de sua forma insistente de existir. Assim o digo porque essa compreensão mobilizou a percepção de um trabalho visível na inclusão do fazer concreto, material de um lado; e outro que ousei chamar de invisível, subjetivo, que corresponderia à forma como intimamente foram arrançadas experiências da vida.

A descrição e compreensão das mulheres nas associações artesanais estudadas foram mediadas pela noção de poder em Foucault (1990,1999). Ela se baseou na formulação microfísica, na possibilidade e ocorrência do poder sendo encontrado em toda parte, nas relações cotidianas, em todos os lugares e instâncias da sociedade.

²⁴ Feminista ativista do grupo *Primavera das Mulheres*, fundadora do projeto *Desabafo Social*, é estudante do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades na UFBA. Frase retirada de exposição oral no evento TEDxSaoPauloSalon, onde narrava sua experiência com o tema do empreendedorismo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ObO3Ifhzl4I> Acesso em 12.05.17

²⁵ Feminista, pesquisadora e mestre em Filosofia Política pela Universidade Federal de São Paulo. Tornou-se conhecida no país por seu ativismo na internet. Disponível em: <http://revistatrip.uol.com.br/tpm/a-luta-de-djamila-ribeiro>

²⁶ Grifos da autora. Os excluídos da história: *operários, mulheres e prisioneiros*, 2006, trechos respectivamente disponíveis nas páginas 212 e 167.

Partindo dessa premissa, busquei identificar, através das falas e das ações concretas das artesãs, indícios de exercícios de poderes. Poderes de mulheres que estão nas oposições, transgressões e/ou resistências frente aos lugares de subalternidade, submissão, invisibilidade. Cessões de poderes pelas mulheres, muito se relacionam aos modelos de papéis de gênero imputados para elas (LOURO, 1997), assimilados em decorrência de persistente ordem patriarcal e dos padrões androcêntricos hegemônicos, ainda presentes na cultura da sociedade brasileira, de maneira geral (SAFFIOTI, 2004).

Busquei discernir, na atividade das mulheres, seja na produção, seja na comercialização artesanal, as possibilidades do exercício de escolhas feitas com autonomia ou não, enfrentamentos das condições socioeconômicas restritivas, negociações de cunho individual e institucional de seu labor frente às demandas do mercado consumidor; também procurei identificar a existência de projetos futuros envolvendo as associações, as próprias existências individuais das artesãs nas atividades e os grupos que integram analisando o sentido de utilização de forças e aprendizagens como um modo de interpretar seus protagonismos.

Ainda dentro dessa perspectiva, de refletir sobre as relações de poder, utilizei articulação com os feminismos. E, de antemão, explico que digo propositalmente feminismos em decorrência da diversidade de posicionamentos e abordagens que esse campo teórico possui, não sendo possível tê-lo uniformizado com o termo no singular.

Procurei me apoiar em dados empíricos para estabelecer reflexões críticas que possibilitassem pensar mulheres que têm atividade artesanal no Maciço de Baturité, sem perder de vista as divergências em torno do trabalho que emancipa mulheres, do prejuízo do seu uso quando incorporado unicamente ao desenvolvimentismo liberal. Busquei a perspectiva de entendimento das narrativas de mulheres artesãs em suas trajetórias, marcadamente na experiência coletiva de construção do seu fazer, para além das determinações de uma economia política como experiências possíveis de mudança de vida.

Desfiei a experiência de campo estabelecendo acordo com Benjamin quando diz que “[...] o narrador retira da experiência o que conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros” (BENJAMIN, 1994, p.201). E como o artesanato feito por mulheres tem sido uma atividade referenciada em minha experiência pessoal desde a infância, seja por aulas de artes manuais, dos primeiros anos escolares de um colégio para meninas, seja na observação desta

prática em membros da família e minha vida profissional, refleti os achados do campo tocando a pele da minha relação com este fazer no decorrer desta narrativa.

Partindo da percepção da realidade focalizada na pesquisa, pretendi conduzir a(o)s leitores pelas veredas do que me foi acontecendo, pois “[...] é no processo de redação de um texto que nosso pensamento caminha, encontrando soluções que dificilmente aparecerão antes da textualização dos dados provenientes da observação sistemática” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2006, p.32) e dos demais recursos metodológicos.

Desta maneira, iniciei pela condução e descrição do percurso até cada associação em suas peculiaridades e proximidades. Da já relatada fase exploratória, resultando na seleção de duas associações, segui a fazer o exercício narrativo e reflexivo sobre a partilha das andanças e descobertas da pesquisadora que estou construindo em mim. Compartilhei do universo artesanal das mulheres em associações voltadas para fim artesanal e fiz contato com suas práticas cotidianas que conjugaram trabalho, luta, resistência, superação de obstáculos, obstruções e também, partilha, beleza, humor e criação diários. Portanto, foi no domínio das relações das mulheres consigo mesmas, nos grupos e com seus eventuais interlocutores que a pesquisa aconteceu.

Das aproximações entre pesquisadora e pesquisadas, mas significativamente também entre artesãs, percebi que acessar trajetórias e vidas artesanamente construídas para a tarefa dissertativa, poderia ser metaforicamente tomado como a elaboração de uma peça em tecido, cuja semelhança se veria na medida em que essa elaboração poderia parecer desde uma costura fina a um alinhavo. De todo modo, os fios que nos ligariam seriam sempre delicados e minhas mãos se moveriam sutilmente pelos retalhos de vida que elas me oferecessem para trabalhar. De minha parte, nesta construção tentei me tornar um aviamento funcional – aquele que tem um porquê de estar ali ao coser algo – e não somente decorativo, mas participando do cotidiano das oficinas de trabalho.

Debrucei-me sobre as temáticas do trabalho artesanal (produção, comercialização), no sentido de estar em grupo, ao realizá-lo para a compreensão de como essas mulheres organizam tais aspectos em suas vidas. Busquei articulá-las para perceber como elas vivenciam e negociam o exercício de seus poderes, controle e autonomia, procurando observar a apropriação pessoal do caminho percorrido e a percorrer por cada uma delas.

Rowlands (1997) fala da experiência das mulheres serem condicionadas de duas maneiras pelo poder: por um sentido de poder abusivo, vivido como fonte de opressão e subordinação, facilmente reconhecido no cotidiano; e um sentido emancipatório, quando uso de *poder* se refere à resistência e ao desafio às fontes de dominação e controle já existentes. Este segundo sentido ocorrendo em diversos níveis, do sutil ao explícito, pode ser considerado um campo de interesse feminista.

As relações de forças marcam as experiências pelo permanente conflito. E todas as relações são relações de força. Aqui, tomam-se conflitos e oposições sem os restringir em oposições binaristas limitantes (WIERINGA, 1997), mas como múltiplas formas de exercício de poder pelos indivíduos participando como agentes e como objetos nos jogos de poder em diversas esferas.

Buscar as experiências das mulheres foi também buscar entender essas forças em exercício como processo. “El proceso puede estar lleno de altibajos, rodeos y barreras. Es diferente para cada individuo o grupo según su contexto e historia, y según la localización de la subordinación em lo personal, familiar, comunitario, nacional, regional y global” (LEÓN, 2013, p.7).

3.1 Acessando os lugares da pesquisa

Tracei como locais privilegiados da pesquisa os espaços das oficinas de trabalho, preponderantemente em seu horário integral de funcionamento, para captar situações, interações, comportamentos que compusessem uma compreensão das artesãs em si e delas nos grupos. Também procurei relacionar os achados das narrativas individuais usando como base da investigação a identificação de como a atividade artesanal entrou em suas vidas, como atuou mediando importância dada ao convívio grupal na associação, suas circunstâncias e usos, o tempo destinado ao artesanato em disputa com aquele reservado à vida familiar e doméstica.

Comecei descrevendo de minha aproximação com os espaços das associações, narrando o que me acometeu aos sentidos, integrando o vivido ao que progressivamente foi sendo elaborado enquanto questionamentos, apontamentos e compreensões ao longo do trabalho. Depois, narrei histórias que remeteram ao surgimento dos grupos artesanais. Essas informações foram obtidas através dos encontros e das conversas no coletivo que

mergulharam em lembranças das atuais integrantes dos grupos para contextualizar e lançar luzes sobre a forma como se vincularam e o que buscaram nesses grupos.

Em seguida, trouxe aspectos atuais da produção, da comercialização e as próprias artesãs em suas características gerais, suas particularidades e o que esses aspectos entrelaçados suscitaram, articulando-os com o enfoque teórico desta dissertação para compreender poderes experimentados e exercidos pelas mulheres.

3.1.1. Onde encontrei pássaros

Ao chegar ao local *Onde encontrei pássaros* percebi que me aproximava de uma localização espacial com características turísticas, pois ali havia uma locomotiva do tipo Maria-fumaça em exposição, construções em estilo antigo (de longe, relativamente preservadas e que poderiam ser reconhecidas como uma espécie de histórico conjunto arquitetônico local). Apenas o prédio principal, local do museu, parecia restaurado ou preservado. Sua sinalização externa era visível identificando a edificação. As portas ficavam abertas todos os dias em horário comercial – segunda a sexta-feira das 9 às 17 horas, e em regime de plantão nos finais de semana e feriados, das 9 às 14 horas²⁷.

O prédio anexo à direita, sede da loja e da oficina artesanal, dava a impressão para quem olhasse da avenida ou mesmo estivesse em frente ao prédio principal, que se tratava de um espaço não utilizado. Embora aos sábados e domingos pela manhã fosse possível encontrar janelas e porta da loja abertas para receber turistas que visitam a região, pensei que sem uma placa indicando o espaço de exposição artesanal, horário de funcionamento, ficaria seu acesso restrito e dependente de indicação dos funcionários do museu. No lugar, o único material de divulgação da região distribuído não trazia referência ao artesanato local, mesmo sendo a loja do anexo apoiada pelo SEBRAE. No *folder* havia referência aos pontos turísticos e de hospedagem vinculados apenas à *Rota Verde do Café*. Também não havia material sobre o artesanato que fosse de divulgação institucional do governo municipal.

Quando fiz minha primeira visita à associação era início do período da tarde e poucas pessoas transitavam nas imediações enfrentando o sol a pino. Havia inclusive meu receio de permanecer sozinha em zonas desconhecidas e hermas – resquícios do medo experimentado

²⁷ Durante o período de realização da pesquisa, o horário de funcionamento da estação não foi alterado. No entanto, de acordo com relatos dos funcionários esse depende de determinações da prefeitura municipal.

nos espaços semelhantes em grandes cidades e que facilmente não nos abandonariam, pois remetiam a possível violência urbana contra mulheres. Moreno (2015) problematiza a mobilidade nas cidades e o poder masculino exercido na esfera pública, ao relacionar a ocorrência de assédio (moral, sexual), violência, com a restrição da circulação de mulheres em espaços públicos, lembrando que “esse poder dos homens significa o acúmulo das mulheres, [e] são ações concretas que limitam o nosso direito de ir e vir com segurança” (p.68).

Fotografia 6 – Galpão da estação ferroviária e corredor da loja e da oficina



Fonte: Acervo da pesquisadora, coletadas em 23.08.17.

Segundo Alemany (2009), nas múltiplas formas que as violências contra as mulheres assumem é possível identificar a expressão do poder androcêntrico ferindo, ameaçando, coagindo a vivência do feminino, agindo diretamente sobre os corpos e subjetividades, privando mulheres da liberdade de ir e vir, nos sentimentos de segurança e autoconfiança.

Águia relata que, certa vez, estranhou o comportamento de um homem que chegou à loja no horário final do expediente e quis entrar. Ela estava só. “É deserto! Eu fico e às vezes me tranco”. Alegando que uma colega levava a chave ao sair e que voltaria em breve, observou que “ele não quis ver nenhum produto pela grade, nem pra disfarçar! Olhou ao redor e foi embora”. Não considerou esse comportamento como típico dos turistas frequentadores e referiu ter sentido medo.

Pra muitas mulheres, estar em espaço público, na rua, na cidade causa insegurança. Há sempre risco de violência. Relaciono a persistente ideologia de controle das mulheres, com a tentativa de produzir suas proteções estar calcada na restrição de suas liberdades.

Cada mulher tem um mapa em sua cabeça com informações que não estão sinalizadas, mas que todas conhecemos. A partir deste mapa mental decidimos, quando é possível, seguir pela rua que queremos, qual é mais iluminada, qual é mais movimentada, a hora que nos sentimos mais seguras para voltar para casa (MORENO, 2015, p.69).

Nessa articulação, vê-se a construção falseada de responsabilização da mulher por sua própria segurança, como controle a ser internalizado por ela mesma, e não como algo a ser garantido pelo poder público na exterioridade dos espaços públicos das cidades.

Corroborou para essa reflexão, ainda, a fala da artesã de *Onde encontrei pássaros* quando comentou a ocorrência de palestra sobre violência contra a mulher em sua cidade, ministrada por Maria da Penha²⁸, em 2016. “Eu fui. As outras não quiseram ir porque disseram que ela é mal vista pelos homens e que podia ter até bala! Eu disse que elas eram do tempo mais antigo que os meus bisavós, que não tem nada a ver” (Águia).

Assim através de suas palavras, vê-se a censura atualizada frente a supressões atávicas da liberdade das mulheres no que remete a sua honra – de ser mal vista, por estar em meio a mulheres mal vistas, *contaminando* todas as outras. E mais, há uma acomodação veiculada de insegurança para as mulheres que se encontram na esfera pública, com a *ideia de que a rua é perigosa!*? Ao circularem livremente, as mulheres *sempre estão sujeitas a perigos*; estar em público *provoca* reações que se elas *não estivessem* ali seriam evitadas – como se sua *segurança* fosse garantida por encarceramento ao mundo privado, do *lar*, pela proteção de pais, maridos, irmãos, enfim, homens. Esse controle discursivo parece ter surtido efeito, pois apenas uma das artesãs compareceu ao evento.

Desse modo, a porta e janelas da loja eram gradeadas, denotando possível reforço à segurança. Para permanecer fora de casa, as artesãs encaravam lutas e disputavam forças também sobre a cidade.

Subindo a rampa de acesso ao anexo, pelo lado oposto à via principal, ficava a primeira sala, onde funcionava a loja. Observei que, à frente, havia um terreno com vegetação alta e pés de bananeiras. Existiam também resquícios dos trilhos da antiga estrada de ferro –

²⁸ Maria da Penha Maia Fernandes, nascida em Fortaleza - CE, é uma liderança nos movimentos de defesa dos direitos das mulheres. Foi vítima emblemática de violência doméstica. Em sete de agosto de 2006 foi sancionada pelo ex-presidente do Brasil Luiz Inácio Lula da Silva a Lei Nº 11.340, popularmente conhecida como “Lei Maria da Penha”, na qual há aumento no rigor das punições às agressões contra a mulher, quando ocorridas no ambiente doméstico ou familiar.

sobre eles, na encruzilhada formada com a passagem que circula o prédio anexo, eram, inclusive, depositadas oferendas religiosas.

Fotografia 7 – Entrada da loja de Onde encontrei pássaros



Fonte: Acervo da pesquisadora, coletadas em 23.08.17.

Na parede, uma pequena placa comemorativa datada de 10 de outubro de 2014 finalmente, indicava a atividade artesanal naquele local. Nomeava as autoridades municipais da época e o apoio do SEBRAE. Minha primeira reflexão foi sobre o significado do respaldo governamental e de agências de fomento à atividade artesanal existir efetivamente, visto as referências das atividades ali desenvolvidas estarem tão discretamente dispostas. Segundo Águia, mesmo a associação existindo há 14 anos, a relação com o local de suas atividades nunca foi oficialmente regulamentada. Não há contrato de cessão ou aluguel do espaço que ela tenha conhecimento desde sua entrada no grupo. No entanto, a conta de energia é paga pela associação: “Fizeram isso aqui, mandaram a gente entrar e pronto!” (Águia).

A sala da loja foi reformada e pintada pelo SEBRAE há três anos, sendo decorada por uma designer de seus quadros. Havia um banner com a marca dessa entidade no centro da sala. E, segundo Águia, não houve custos financeiros para a associação. Percebi que a divulgação da logomarca do SEBRAE aos visitantes do estabelecimento não era entendida ou mencionada como contrapartida ao serviço executado, como valor de troca, pela artesã.

Aspectos de uma relação de dominação presente na ação de *reformar* a loja podiam ser reconhecidos na imposição da *forma* de organização das peças, fazendo o local ser *reconhecido* por consumidores identificados com a estética ali empregada.²⁹ A crítica das artesãs em abrir mão de sua própria concepção de decoração pode ser vistas na seguinte fala de Águia: “Foi o SEBRAE que chamou uma designer que arrumou do jeito dela! O SEBRAE

²⁹ Para melhor compreensão sobre a relação dos consumidores com a(o)s artesã(o)s e suas motivações pelo produto artesanal em acordo com seus diferentes estilos de vida, ver Ramalho (2010).

pagou ela. Ela ficou um tempão aí. Aí quando ela acabou, nós entramo pra *olhar*. Eu já mudei algumas coisa de lugar... pra ficar melhor!” (grifo meu). Como sua participação no momento da decoração não foi requisitada, discordância e resistência surgiram *a posteriori*.

Fotografia 8 – Loja de *Onde encontrei pássaros*.



Fonte: Acervo da pesquisadora, coletadas em 08.04.17.

Havia também a preocupação da associação com a conservação do lugar, a exemplo das ações de capinação em frente à loja e ao ateliê de trabalho; Águia revelou, ainda, inquietação com as manchas no teto e parede da loja, ocasionadas pelas chuvas do início de 2017 – tendo inclusive orçado o reparo. O conserto, porém, foi adiado pela sequência dos acontecimentos.

Em 1º de março de 2017 foi expedido pelo então secretário de cultura municipal e presidente *pro tempore* da Fundação de Cultura e Turismo, ofício³⁰ solicitando desocupação e entrega das chaves das salas da associação de artesãs, em poder da sua presidente. O poder público requisitava os imóveis correspondentes à estação ferroviária no prazo de trinta dias, alegando que promoveria a requalificação do complexo predial. Tal notícia chegou às mãos da artesã num sábado, em pleno horário de funcionamento de vendas aos turistas. O impacto emocional pela experiência vivida diante da ação demandada ficou claro quando Águia me disse: “Fiquei sem saber o que fazer. Fechei tudo e fui pra casa! Rezei para ter uma luz”.

Essa reação inicial pode ser interpretada, segundo Lagarde (2005), como indício de que Águia experimentava a fé como uma forma de apreender o mundo de modo dependente, cativo. Ao discutir poder, a autora chama cativeiros prisões às quais as mulheres estão

³⁰ Ofício de desocupação em anexo.

submetidas, principalmente em sociedades de base ideológica patriarcal, atribuindo ao *outro* o poder de governar suas vidas. E isso pode ser visto na atitude primeira de Águia, colocando-se em *espera* por uma intervenção divina que viria ao seu socorro.

A autora também fala sobre perceber que além dos vários sentidos que esses cativeiros podem assumir, aquela(e)s estão submetida(o)s não estão despossuídos de poder, e podem exercê-lo em outro contexto. “Es decir, quienes se encuentran sometidos al poder em ciertos aspectos de la vida, contradictoriamente dominan a su vez a otros grupos o individuos, em otros aspectos” (LAGARDE, 2005, p.156). Ou conforme Águia: “Com minhas mãos mesmo eu não tiro nada! Pode ser que eu chegue e teja tudo na linha [férrea], mas eu mesma não tiro! Vai ter que ter um jeito!”.

Durante essa narrativa, a carga afetiva reativa era intensa. Sua confusão e fuga inicial, no entanto, foi transformada em agência, ou seja, em capacidade de escolher, definir, dentre opções, metas e propósitos de ação segundo oportunidades e possibilidades individuais e estruturais (LEÓN, 2013, p.4). Preocupada, mas não entregue, a artesã recorreu à fé e também as suas redes de relações pessoais. Assumindo o papel de liderança frente às outras associadas, que pareciam não saber como agir, mobilizou contatos políticos locais e com pares na região: primeiro, contactou com uma representante da câmara municipal com a qual dizia ter parceria. A vereadora propôs articular uma fala da artesã na câmara municipal. Sua ideia era pedir apoio político ao grupo de oposição ao governo municipal; segundo, antes até do agendamento da audiência, Águia entrou em contato com a primeira dama do município. Esta se comprometeu a ajudar montando uma reunião com as partes envolvidas para resolver a questão. Enquanto tudo isso se desenrolava a artesã compartilhava com as pessoas que conhecia as notícias sobre o que estava se passando: “Até hoje essa reunião não aconteceu... bem que me disseram que eu esperasse deitada!” E completou: “Eu não gosto de briga. Se precisar brigar, a gente briga! Mas eu não gosto”.

Embora suas palavras aparentemente amenizassem a intenção de conflito, aparentemente, a postura e tom de voz denotavam firmeza diante da situação e disposição de luta contra o domínio governamental. Ficou também evidente que dividir o ocorrido com a(o)s outra(o)s artesã(o)s tornou-se uma estratégia de ação e divulgação de problemas comuns a toda(o)s que atuavam na área. A estratégia de resistência contra as ações governamentais visavam a tornar mais efetivas a mobilização coletiva, e, se possível, conseguir adesões

solidárias: “Todo mundo tá sabendo! Quando fui à reunião em Guaramiranga, perguntaram como estão as coisas” (Águia).

Naquele dia, ao voltar do campo de pesquisa, em estado solidário à preocupação com a situação das artesãs e tomada pelo registro escrito de minhas observações, de algum modo, também fiz uma reflexão de fé que chamei *Hora Ação*:

Prefeitura nossa que estais no breu
sacrificado fica o vosso povo.
Uma voz resistindo ao medo
diz: quero espaço na nossa cidade,
assim como respeito aos direitos meus!
O suor nosso de cada dia
está na artesanania de hoje.
Percebais as vossas manobras
assim como nós percebemos
e não deixaremos ao léu!
Também não nos tireis desta estação,
mas reformai o local!
Assim seja.

Voltando ao ofício, a gestão do patrimônio incluiria limpeza, conserto e recuperação dos prédios que se destinariam à sede da secretaria, biblioteca pública, salão de artes plásticas e cinema, que corresponderiam ao “[...] real interesse artístico, cultural e turístico” (trecho do ofício de desocupação). A menção de um salão permanente que abrigaria pintura, fotografia e desenho chamou a atenção por sequer referir-se ao artesanato ora desenvolvido no local. A direção do empreendimento apontada pelo ofício indicava a exclusão do artesanato do campo das manifestações artísticas ali contempladas.

A ambiguidade quanto ao interesse do município pelo artesanato local ficou patente na veiculação de um vídeo promocional feito pelo governo do estado em 2016. Em comemoração ao aniversário da cidade de Baturité, o vídeo mostra o hino municipal, pontos turísticos e imagens representativas do povo e dos costumes. Apresenta também quatro tomadas de imagens do artesanato.

Na perspectiva desenvolvimentista, entre outras características, existe uma vinculação entre crescimento econômico, cultura e serviços, porém, a consequência disso é menor disponibilidade de espaços públicos articulando esses três aspectos e maior direcionamento para espaços privatizados pagos. Tal empreendimento, posto como alternativa de funcionamento para os lugares, traduz-se em mercantilização das cidades (MORENO, 2015) e pode ser associado a esse tipo de projeto da prefeitura de Baturité – pois, à exceção da biblioteca, o ofício só indicava a gentrificação do espaço.

No final da edificação anexa à estação – última sala – ficava a oficina de produção de *Onde encontrei pássaros*. Primeiro e último lugares: no início, lugar público da venda, do negócio, da publicidade; e o lugar derradeiro, escondido – ainda privado, difícil de ser visto?! – do trabalho executado pelas mãos das mulheres-artesãs.

O espaço total da oficina era constituído de banheiro, pequena sala interna que servia como depósito de materiais e cozinha improvisada para lanches, e a sala da frente onde era realizada a produção artesanal. É preciso ressaltar que no local de produção também se acumulava e guardava materiais. Nele havia duas escrivaninhas de trabalho, seis cadeiras, três mesinhas de apoio cobertas de objetos, uma estante de ferro igualmente repleta de objetos, uma televisão antiga, dois ventiladores (um funcionando e outro precisando de conserto), um relógio de parede, quadros decorativos, enfeites ganhos pelas artesãs, experimentos artesanais decorrentes de cursos ou criações próprias e todas as ferramentas artesanais de uso diário: agulhas, tesouras, fita métrica, tintas, linhas, fibras, estrutura retangular de madeira utilizada como tear, miudezas, embalagens, caixas com peças prontas ou a finalizar e dar acabamento.

Nesse espaço apinhado, de pouca ventilação, as mulheres-artesãs-pássaros deixavam voar a imaginação criativa, posavam as mãos em objetos que se transformavam em outros e cantavam suas histórias, permitindo-me compartilhar de seu ninho. Compartilhar e conviver: dois verbos, para mim, fundamentais na pesquisa por envolverem *consentimento*.

3.1.2. Onde encontrei flores

Meu segundo espaço de pesquisa se constituiu por *Onde encontrei flores*. Para chegar a este local enfrentei outro percurso: obviamente estabeleci outra experiência. Já não se tratava de uma edificação na cidade. Eu adentrava a localidade saindo da estrada estadual sem muitas referências quanto ao endereço que eu procurava. Eu tinha um rumo, um nome de

associação comunitária e muita disposição para encontrar as artesãs do lugar. Passando por simpáticos informantes que me apontavam, com convicção, o mesmo caminho de uma rua, que à exceção da escola municipal, era eminentemente residencial. Essa, também lugar da associação, parecia do conhecimento de todos.

Fotografia 9 – Rua de acesso a *Onde encontrei flores*.



Fonte: Acervo da pesquisadora, coletadas em 16.08.17.

Era início da tarde e havia poucos passantes na via calçada de pedras, empoeirada. Ao passar em frente as casas, alguns olhares me acompanharam através de varandas ou meias-portas tão tradicionais no interior cearense. Primeiro, senti um impacto de desconforto nesses olhares, depois, refleti que naquele momento eu personificava a *estrangeira*. Uma invasora?! E é preciso saber o que desejam estrangeiros quando adentram um lugar?! Brandão (2007), explicando como fazer um trabalho de pesquisa em campo, fala que chegar a um lugar sem ser requisitado, lançar perguntas e extrair dados é realizar um trabalho invasor. Para que isso não ocorra, sugere que a forma de adentrar o campo seja a de *contaminar-se* com o local por meio do puro contato, com envolvimento – diferentemente do trabalho *espontaneísta*.

O que eu buscava empreender naquele lugar só faria sentido se conseguisse superar o estranhamento entre os que ali estavam e eu; se fugisse de qualquer impressão de pensamento racional dominante de pesquisadora, de alguém que viria perscrutar a vida das pessoas. Pois

La colonialidad del ser y de la alteridad implica la sujeción de los sujetos, por eso se nos aleja de nosotros mismos y de los otros. El poder fractura la alteridad, pues si somos con los otros, resulta necesario evitar esse encuentro. Se construye un imaginário de la alteridad como radical exterioridad de la “otredad” frente a la “mismidad”. Lo outro es lo extraño, lo lejano, lo peligroso, lo amenazante, lo que debe ser controlado y dominado. Pero como enseña la sabiduría Nahual, “Yo soy tu; tú eres yo; y juntos somos Dios”; de ahí que la alteridad no sea sino el encuentro entre la mismidad y la otredad, puesto que inevitablemente el outro habita em

nosotros, y nosotros habitamos inexorablemente en el otro: no podemos ser sin los otros. Es en el encuentro afectivo que la mismidad y la otredad se vuelven un nosotros, así podemos pensar y luchar por horizontes compartidos de existência (ARIAS, 2010, p.88).

A compreensão da afirmativa acima contribuiu para dissolver apreensões relativas ao conhecimento que eu buscava no campo em minha inserção. Mesmo sendo artesã, eu não era uma delas. Mas não sendo uma delas, ainda assim, poderíamos desenvolver certa proximidade.

Nessa tarde, cheguei ao portão que dava entrada ao salão do grupo de artesãs. Era uma propriedade dividida entre outras construções. A sala que as mulheres se reuniam para produzir suas peças possuía condições estruturais boas. Era um espaço amplo com bancos em madeira, cadeiras de plástico encaixadas umas nas outras – isto sempre para facilitar a acomodação de mais pessoas – uma mesa de trabalho, uma estante de ferro com materiais diversos, duas máquinas de costura (sendo que apenas uma funcionava), uma máquina overloque³¹, mostruário de projetos em desenvolvimento e as ferramentas artesanais de uso diário: agulhas, tesouras, fita métrica, aviamentos e linhas.

À direita do salão de produção havia uma pequena sala onde o espaço era reservado à loja do grupo – mesmo não tendo sido inaugurada, oficialmente. Dentro dela havia três expositores (um de vidro, dois outros aramados) e duas prateleiras com artigos de suas produções. No lado de fora, um varanda enfeitada com cadeiras deixavam o ambiente convidativo. O grupo informou que havia o plano para utilização da área externa e coberta da loja como futuro espaço de reforço à leitura para crianças, através de uma pequena biblioteca.

Fotografia 10 – Imagens da loja *Onde encontrei flores*.



Fonte: Acervo da pesquisadora, coletadas em 16.08.17.

³¹ Especialmente utilizada para dar acabamento, a máquina corta e costura ao mesmo tempo. Ideal para fechamentos em vários tecidos, como: tecidos elásticos, lingerie, flanelinha, algodão entre outros.

Esses dois lugares *onde encontrei* mulheres reunidas, *flores* ou *pássaros*, para produzir artesanato, seriam espaços onde privilegiadamente eu buscava participar de seus cotidianos. Pois constituíam os ambientes onde se desenvolviam as relações e as atividades diárias de trabalho que eu queria pesquisar.

Durante as tardes nas oficinas desenvolviam-se momentos onde comíamos junto o lanche da tarde, rezávamos juntas (quando havia a pausa para essa prática), assistíamos à televisão, e escutávamos músicas no celular. Brandão (2007) falava da importância de estabelecer um nível de contato e convivência que incluía “[...] sentir como é que o lugar é, como é que as pessoas são, como é que eu me deixo envolver. Isso é muito bom, porque faz com que a gente entre pela porta da frente e entre devagar” (p. 14). E essas práticas foram me incluindo no cenário das oficinas. Ali, procurei ver as mulheres trabalhando, o que falavam e como se comportavam com os outros e entre si, buscando entender o que estava acontecendo. Aos poucos, fui percebendo o local de trabalho, em ambos os grupos, com suas peculiaridades.

Primeira, como um lugar onde sempre esteve presente o calor:

“Vou providenciar um ventilador. Esse bicho aí, não funciona não, esse ventilador? É de lascar! Tem hora que...” (Calopsita);

“Nós agonia mesmo! E é porque essa janela tá aberta. Fica aqui sem a janela aberta... Ei aqui não é quente, quente é lá na loja! A gente só falta morrer lá na loja! Não sei porquê é.” (Águia);

“Fecha aí essa janela que o sol tá queimando minhas costa!” (Flor de Laranjeira);

“Ave Maria, bem que podia chover pra aliviar um pouquinho...” (Margarida).

Se nas oficinas havia a *temperatura* quase desumana, correspondente às condições físicas de trabalho, também havia a *têmpera* da acolhida humana que aquecia os encontros numa outra condicionalidade de vida:

“Senta mais aqui pra porta que corre um ventim...” (Rosa);

“Você faz parte da família [*onde encontrei pássaros*]!” (Águia);

“Eu acho que você já percebeu às vezes você chega, a gente tá conversando coisas das nossas famílias, a gente não para. A gente continua dizendo porque a gente vê que você

veio, você dá a sua palavra, dá sua sugestão neh?! Você não veio aqui e foi embora, você sempre, sempre, tá aqui! (Rosa);

“Ei, vem para cá, vem ficar aqui em casa enquanto as meninas chegam aí. Vem. Vem ficar aqui. Sai da rua e vem aqui para minha casa! Não repara, a casa é simples, de taipa...” (Jasmim).

No dia que Jasmim me convidou para entrar em sua casa, eu havia chegado bem antes da hora em que começavam os trabalhos e me sentei num tronco-banco no outro lado da rua, do salão de trabalho.

Por intermédio de observações concluí: a alma aquecida com gestos de cuidado parece aliviar o corpo dos incômodos do dia.

Segunda peculiaridade, como um lugar onde sempre esteve presente o ensinar e principalmente, o aprender lições.

Nas oficinas havia o exercício de habilidades e aptidões para produzir, criar e gerir. Nesse sentido de aprendizagem, capacidade para fazer algo que ampliasse destreza, linguagens, protocolos e modos de fazer algo funcionar. Percebi nas oficinas ambientes onde se exerciam o que Rowlands (1997) chama de *poder para*: o tipo de poder estimulante à atividade das pessoas envolvidas. “Um aspecto de este ‘poder para’ es el tipo de liderazgo que surge del deseo de ver a um grupo alcanzar aquello de lo que es capaz” (p.220).

Ali, elas me falavam e transmitiam técnicas, como fuxico e pintura em tecido, que utilizavam em seu cotidiano. Quando se tratava de técnica, a crítica construtiva e o rigor era algo presente:

- “Olha você vai dobrando a pontinha assim e dando o ponto assim, na mesma distância. Deixa eu ver como ficou... assim fica muito aberto, é melhor começar de novo! É assim ó” (Águia)

- “Ela é dura! Se num tiver bem feito ela diz logo! (Rolinha)

- “Eu digo a verdade logo. Não fico falando por trás!” (Águia)

Ou ainda, na transmissão que compartilhava o próprio aprendizado recém adquirido:

Primeiro passo, pega o pano coloca na talba. Pega um uma vasilha com água, aí você escolhe a cor e pega e passa. Passa na mão. Aí deixa um ladinho limpo e outro

com tinta. Aí deixa ficar e pinta. Aí vai pintando as cores que você gosta. Vai tentando aí! Depois coloca para enxugar e pronto. A pessoa segura o pincel em pé se botar deitado vai fazer assim - aí não fica tão bom não - aí a pessoa tem que pintar em pé [o pincel] para poder fazer o barulhinho [barulho do seu pincel raspando no tecido] e não borrar. Aí, todo mundo sabe pintar! Só não sabe fazer o contorno. O contorno é que dá a pintura! Geralmente, o primeiro passo do contorno tem que ser com pincel limpinho, a pontinha zero. As coisas que podem fazer o contorno - preto ou branco e outras cores. O preto e o branco que precisa sempre ser usado nas pinturas, nem que seja só uma bolinha! Você for fazer você coloca uma branco, outra preta, para realçar o desenho. Só realça se tiver preto ou branco. (Jandaia)

E mais, também podiam ser ideias discutidas acerca do que estava sendo produzido naquele instante, ou sobre o que fariam no futuro.

“o que a gente vai fazer pros homens? É difícil... a gente precisa pensar nisso!” (Rosa).

“que tal chaveiro?!” (Margarida).

Enfim, as oficinas tornavam-se lugares onde ouvíamos e falávamos umas com as outras sobre a vida, sobre nossas vidas. De certo, mais ouvi que falei. Mas sentadas ali, próximas em lugares quase habituais nessas tardes, eu senti novamente a reconfortante sensação de estar convivendo em grupo artesanal – e essa experiência voltou a mim como uma onda de memória àquilo que compartilhei outrora quando iniciei no artesanato. Quero dizer que há aspectos nessa atividade, além de toda sua importância cultural e econômica, que para mim, eram eminentemente relacional e de crescimento pessoal. Observando, anotando em meu caderno de campo, descrevendo, sistematizando o conhecimento, fui aos poucos amadurecendo os caminhos da pesquisa. O que acontecia e como as pessoas pensavam, sentiam e agiam, iriam compor junto, com as entrevistas, a problematização dos poderes femininos, suas práticas, presenças e ausências no fazer artesanal dessas mulheres.

Gostaria de explicitar que considero a ideia de experiências que rompem o isolamento das mulheres que trabalham de modo individual, e, exclusivamente em suas casas com o artesanato – para buscarem um fazer coletivo e relacional entre si – um potencial *processo* de conquista dos exercícios de poder de cunho emancipatório. Sob a perspectiva feminista deve-se primar por emancipações que remetam à coletividade, - não que emancipações não possam ser vistas ou ocorrerem no âmbito individual e particular, mas *grupos* são locais privilegiados, em que cada participante afeta e é afetado pelo conjunto, conforme Ribeiro (1994) trazendo, assim, maior sentido de mudança dos indivíduos com suas permanências coletivas. A importância disto foi, para mim, conforme salienta o autor, perceber o grupo como um microcosmo onde o cotidiano acontece.

3.2 Acessando histórias na pesquisa

A formação dos grupos artesanais sempre se revestiu de importância para mim, porque muitas vezes entender o modo como se dá a criação de um grupo revela seus objetivos iniciais de constituição. Também evidencia os tipos de vínculos entre seus membros e dá pistas sobre as transformações mais ou menos significativas que foram sofrendo ao longo de sua existência, fornecendo material, inclusive, para se pensar sua permanência e manutenção. A memória e o conhecimento desses fatos aparecem sempre subordinados à relação que apresentam com as atuais pessoas envolvidas na pesquisa. A construção da história dos grupos só reforçou a relevância metodológica das narrativas de percurso biográfico, pois proporcionou através da *provocação* da entrevista a *reorganização* dos eventos da própria vida dessas mulheres. Como afirmam Pellanda e Gustsack (2015, p.49), “nós nos tornamos autoconscientes ao poder refletir sobre nós através das descrições que fazemos de nós mesmos”.

Sobre *Onde encontrei pássaros* colhi informações que, inicialmente considerei vagas e com datas imprecisas. Pareceu inusitado o tema das origens da associação e de sua adesão: “Eu não lembro. Devia ter anotado... quando eu entrei... Mas eu não sabia que ia ser entrevistada” (risos) (Maracanã).

Naquele instante, a inquietação com a dificuldade de lembrar não foi a única informação transmitida. A postura corporal e sorriso denotavam também certo orgulho, pois davam a entender a importância desses eventos em sua vida e na vida das outras artesãs; que os fatos que envolviam sua vida eram conteúdo de interesse e registro. Assim, a lacuna até então despercebida se preencheu com a vontade de saber e se converteu em autoinvestigação.

Fundada em 2004, registrada em 2005 como a associação de empreendedores artesãos, já existia enquanto grupo de atividades artesanais há mais de dois anos. A princípio, foi ligada à associação do bairro dos pequenos agricultores no município. Antigos integrantes, inicialmente homens e mulheres, através de mutirão, limparam e ajeitaram o prédio da estação ferroviária e ocuparam o lugar com a produção de artesanato.

O prédio vivia abandonado e os associados fizeram um mutirão. Quem era da associação veio para limpar e ajeitar o prédio. Diz que todo mundo veio pra cá. Eu cheguei aqui em 2003. Já tava tudo bonitinho só que não era registrada ainda. [...] A associação foi registrada em 2005, mas só que meu nome não entrou no registro. Porque era só pros mais antigo. O nome da [Águia] não entrou nessa data. Foi. Eu entrei em janeiro. Eu vim fazer um curso em janeiro de 2003. [...] Mas eu não entrei.

Foi na hora do registro, para registrar a associação, foi aí que eu não entrei. Mas em 2003 mesmo eu já era (sic) (Águia).

Frequentar o grupo e ser registrada na associação não significou a mesma noção de pertencimento. Como aparece na fala de Águia, sentir-se integrante precedeu ao ingresso formal com a carteirinha de associada. A documentação constituída, posteriormente, não adia o convívio ou a aprendizagem.

Por sua vez, Beija-flor buscava em Águia, na qualidade de remanescente mais próxima a(o)s fundadores, certo respaldo de sua presença.

Em 200... como é meu Deus?! Diz aí [Águia] eu não me lembro, não! Eu sei que faz pouco tempo que eu tô aqui. Não é muito não. Eu fui das últimas que entrei. Foi 2012, parece. 2012... Olha aí, sei não! Quando foi [Águia]? sei que faz uns 4 anos, eu acho. Eu fui das últimas que entrei. [...] Essas outras que conviveram da época da [Águia], nós não convivemos com nenhuma delas... (Beija-flor).

A artesã falava como se o fato de ser das últimas a ingressar no grupo, não a colocasse como participante da história, denotando certo descompromisso. Beija-flor parecia confortável com isso, ao mesmo tempo, que, contraditoriamente, demonstrava irritação quanto ao fato de não saber sobre esse assunto. Há aproximadamente cinco anos, esse núcleo de artesãs mantinha o funcionamento e a produção. Antes disso, artesã(o)s saíram alegando perda de interesse em participarem juntas, mudaram de cidade e outras apresentaram difíceis condições de saúde - conforme me foi relatado; algumas, ainda, permaneceram com os nomes no registro da associação, embora não mais tenham comparecido às atividades regulares.

Para constituição do presente grupo, umas artesãs contataram com outras: Andorinha convidou Calopsita e, esta, naquele momento, ensinava Jandaia. Rolinha veio a convite de uma antiga integrante e Beija-flor entrou no período em que sua filha saía para outro trabalho. Como sintetizou Águia: “Aqui a maioria tudo preencheu a vaga um do outro!”. Apenas Maracanã aproximou-se por conta própria: “Eu passava aqui e via elas por aqui. Eu mesmo tive de passar aqui, conversar com elas... aí, até que enfim elas me convidaram! Aí eu tô aqui! Eu vim e gostei. Até que gostei!”(sic)

É importante ressaltar que quase todas as integrantes de *Onde encontrei pássaros* entraram no grupo quando este já possuía um local de funcionamento de produção e venda definidos, onde as parcerias com o SEBRAE e CEART já tinham sido estabelecidas ao longo do tempo, assim como o uso da palha da bananeira já tinha se firmado como matéria prima preponderante em sua linha de produtos. Isso indicava possível adesão passiva, ou seja, talvez

nada precisasse ser alterado num projeto que já tinha seus contornos definidos e funcionava antes que elas viessem participar.

Corroborava para essa menor participação no funcionamento geral da associação, o fato de muitas vezes preferirem estar lá sob a condução de Águia, sua atual presidente.

Agora tem horas que elas ficam esperando eu ligar, pra chamar. Aí eu não chamo. Porque elas não sabem que é pra vir? Eu não tô aqui todo dia? Não tô aqui de domingo a domingo? E elas não. Só é de segunda a sexta, segunda a sábado. É porque elas não quer vir? Porque fica esperando... aí diz “Não, eu não fui porque eu pensei que tu não tava lá!” Não, você não sabe que eu to aqui todo dia?! Aí elas ficam esperando... Tipo assim, elas querem que eu “Ei pessoal!!” Não, não chamo não. Sabe que tem que vir, venha! Mas dizer: cê tá?! Se ficou certo... Mas é porque eu sou assim mesmo. Eu acho que não precisa chamar (Águia).

Apesar de ter comentado entre risos, Águia demonstrava insatisfação com a situação. Também indicava não desejar assumir papel de autoridade que age sobre as outras artesãs. Embora exercesse claramente liderança sobre as demais, dava indícios de promover nessas relações um espaço de ruptura de dependência ou pouca agência. Demonstrava seu compromisso com o trabalho artesanal na tentativa de influenciar as outras. Calopsita apontou esse reconhecimento: “Acho de todas, que ama mesmo, é a Águia! Ela se dedica!” – revelando admiração pela amiga e concepção de que ser artesã pressupunha se envolver de modo mais profundo com a atividade.

Já a situação de constituição de grupo foi diferente de *Onde encontrei flores*. Inicialmente, não foi em torno de uma atividade artesanal que o grupo foi formado.

Nós iniciamos primeiro não foi nem com o grupo das bordadeiras, nós iniciamos com o grupo de mulheres. A gente se reunia, uma vez por semana, para falar dos nossos problemas. O grupo era aqui debaixo dos pés de árvore. Aqui. E a gente conversava a respeito da nossa situação, dos problema de saúde. Toda semana a gente traz um tema para discutir a respeito da saúde né da gente. Só participava mulheres e era só essa rua aqui. Foi em 2010. Foi quando eu voltei a ser agente de saúde daqui, em 2010 (Rosa).

Também na origem do grupo existiu uma influência religiosa proveniente do trabalho das Comunidades Eclesiais de Base - CEBS³², que contribui na formação de seus membros.

Eu acredito assim, nós somos felizes e bem fortificadas, porque antes da associação nós já tinha a comunidade [religiosa]. A gente teve essa experiência de tocar no outro, de saber o que o outro sente, de olho no olho, para poder criar a associação. A associação não partiu da nossa comunidade partiu dos políticos foram eles que vieram (Rosa).

³² CEBS são comunidades formadas por pessoas pertencentes a uma mesma igreja, que moram numa mesma região e motivadas pela fé lutam por melhores meios condições de vida e sobrevivência. Disponível em http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/freibetto/livro_betto_o_que_e_cebs.pdf Acesso em: 21.10.2017

Flor de Laranjeira relatou que as forças políticas municipais começaram suas aproximações na localidade oferecendo a instalação de uma farmácia comunitária. Para tal, incluiu o treinamento dela e de Rosa, durante um mês no hospital da cidade, para aplicação de injeção, fazer curativos de pequeno porte, verificar pressão arterial, “tudo isso, hein, porque em vez de ir lá para a rua [sede do município], já tinha aqui quem dê essa ajuda para eles. E a gente ir de lá para cá garantir” (Flor de Laranjeira). A assistência na distribuição de medicação descentralizava e possibilitava maior agilidade a esse tipo de serviço. Também através dos políticos foi incentivada a formalização da associação comunitária. As mulheres demonstraram ter uma visão clara quanto às intenções das *manobras* dessas ações governamentais no sentido de dominação do grupo:

- “Não sabe é nós que eles estavam querendo era se aproveitar do nosso voto, né?! Só que assim, o que eles trouxeram nós não deixamos escapar, que era Associação” (Flor de Laranjeira).

- “[...] o interesse deles, com certeza, é para ver se botava cabresto na gente, né? Só que a gente nunca deixou cair. A gente nunca mais pediu ajuda a eles para nada, pra mandar coisar documento, pra mandar registrar ata. Daí para frente é a associação quem faz” (Rosa).

- “Aqui eles deram só o pontapé. Porque em muitas comunidades, a maioria das comunidades, foi criada a associação nessa época. E são poucas as comunidades que continuam a associação, porque se não se organizar não vai para frente” (Margarida).

Depreende-se dessas relações entre as forças políticas e a comunidade, que a exploração vigente na forma de providências assistenciais não passou despercebida. No entanto, a aceitação dos *pequenos benefícios* foi incorporada como uma estratégia de conquista de melhorias sem se reverter em plena submissão. Assim, os *favores* não foram tomados como objetos de dívida, mas como acesso a recurso que era direito da comunidade.

O grupo das agricultoras saiu de debaixo das árvores para dentro da associação de moradores. Apesar de não se registrarem, independentemente, o grupo até criou umas fichas como uma espécie de cadastro.

Eu ainda tenho lá em casa essas fichas das mulheres agricultoras [...] Aí uma vez por mês a gente dava uma contribuiçãozinha. A gente guardava por que na hora, por exemplo, se eu precisar de comprar um remédio e eu não tinha como comprar, aí eu ia lá no grupo e tirava e comprava e depois eu repor lá. Ali a gente pegava aquelas coisinha, ali a gente vendia. A gente fazia festinha no dia das mulheres... A gente comemorou! (Flor de Laranjeira).

Além de participarem destas reuniões, Flor de laranjeira e Rosa também faziam pinturas em tecido que vendiam na forma de pano de prato e colchas de cama. A dupla identificou nessa atividade uma oportunidade de crescimento: “Mas a gente tinha sempre o pensamento da gente aumentar, que outras mulheres pudessem entrar” (Rosa).

Em 2013 foi ofertada, pela Secretaria de trabalho e desenvolvimento social municipal, em parceria com a CEART, uma capacitação tecnológica e de gestão de negócio visando à promoção do artesanato bordado à mão. Naquele momento, o grupo contava com cerca de 20 mulheres. Elas passaram a se reunir na capela da comunidade para a execução dos trabalhos.

Nesse primeiro ano de atividade artesanal houve apoio à produção com a cessão de máquina de costura e materiais que garantissem o início do negócio. Como não possuíam espaço próprio, tudo foi distribuído entre as casas de algumas integrantes. As relações entre as artesãs decorrentes desta prática foram narradas, para mim, sob a forma de segredo: ou seja, naquele momento foi solicitado o desligamento do gravador e todas as referências feitas em tom de voz mais baixo que o até ali desenvolvido. As artesãs se entreolhavam e balançavam a cabeça confirmando as falas umas das outras. O que parecia constrangê-las era o fato de contar como algumas mulheres haviam procedido. Primeiro, apontaram que aquelas que tinham mais habilidades de costura não dividiram seu saber com as demais. Segundo, alegaram que essas mesmas artesãs estratificaram tarefas e detiveram o poder sobre a distribuição dos insumos. Terceiro, que elas dispuseram da existência do grupo de bordadeiras como ferramenta para obtenção de recursos financeiros, sem repassar os ganhos apurados.

Porque ficava só na mão de duas, três e a gente não via nada. Não retornava. É tanto que ficava só o nome para gente procurar prefeito para pedir dinheiro. Para pedir dinheiro para comprar coisas que estão faltando... e a gente não sabia para onde é que tava indo... Até hoje a gente não sabe né?! (Rosa).

Ficou claro, durante essa conversa, que as artesãs entenderam haver uma hierarquização nas relações, uma gestão não compartilhada e a criação de um clima de desconfiança no grupo - principalmente sobre as questões financeiras. Das desistências, desinteresses e divergências, durante o período de produção na capela, houve a separação de parte das bordadeiras: “Lá mesmo, algumas já saíram... se desgostaram...” (Rosa).

Batliwala (2013) discute mitos de gênero observados a partir da experiência na Índia para compor reflexões feministas ao avaliar ações de desenvolvimento para mulheres.

Ressalta que deslocar recursos econômicos para as mãos das mulheres não seria suficiente para enfraquecer as relações opressoras de poder e papéis de gênero tradicionais. Apoiar lideranças femininas no desenvolvimento local e incrementar o papel das mulheres na economia familiar poderia ser logo convertido em instrumentos da agenda neoliberal. Investir no empreendedorismo e liderança das mulheres, necessariamente, não levaria a mudanças no campo político e ideológico de combate à exploração delas. Para Batliwala (2013), tirar partido para fins econômicos e políticos das qualidades que nascem das lutas de mulheres pela sobrevivência, ao invés de um comprometimento no sentido da sua autonomia, constitui o erro – e embora reconheça, assim como Kabeer (2013b), a importância de acesso a recursos econômicos para as mulheres dentro de perspectiva de emancipação de gênero.

Em 2014, após a produção de uma coleção de produtos, uma técnica da CEART, que acompanhou o desenrolar do curso de capacitação, solicitou a criação de uma identificação nominal, uma marca para o grupo. “Até então a gente não tinha o nome do grupo. A gente só se reunia e fazia o trabalho, mas não tinha o nome” (Flor de Laranjeira).

[...] eles pediram para gente contar a história da comunidade. Aí ela percebeu que a nossa força maior era mais na parte religiosa, que todo mundo queria falar... Falava da capela, de São Francisco, falava das reuniões, das festas... Aí depois, ela trouxe vários nomes que se identificavam com o que a gente tinha falado e a gente... não escolheu nem esse nome [em uso]... A gente escolhemos outro nome, e ela foi quem disse: *Gente, mas eu achei esse aqui muito bonito. Eu acho que tem tudo a ver com vocês*. Aí, a gente foi e aceitou (Rosa).

Foi uma coisa assim... Fio... Não sei o quê. Depois eu vou procurar! Era outro nomezinho (Flor de Laranjeira) [Referindo-se à opção descartada].

A relação de autoridade do discurso produzido por especialistas, neste caso, o discurso da profissional de assessoria da CEART, que interpreta as falas daquelas que vivem e contam suas experiências vividas e impõe vontades travestidas de democracia. Através do convencimento e da legitimação social, posições técnicas instituem a ordem do discurso, repensando processos de exclusão social (FOULCAULT, 1999). Apesar de trazer opções, a técnica que conduziu o processo de eleição rejeitou a escolha feita pelo grupo quando esta não correspondia a de seu desejo.

As mulheres que possuíam o conhecimento da própria história e liberdade de compartilhá-la ou não, pareceram abrir mão disso sem perceber a violência contida nessas relações de poder quando de modo submisso disseram *aceitar* tal intervenção. O apagamento de suas escolhas se refletiu no momento da entrevista através do silêncio geral após a pergunta que fiz sobre qual opção teria sido a primeira. Assim, o próprio uso do diminutivo

nomezinho para se referir à escolha enquanto buscava o dado em sua memória, denotava a interpretação dele como algo menor e, portanto, descartável.

À época da criação do nome do grupo das bordadeiras houve também a mudança de local de reunião. Através de doação em dinheiro (do pai de Rosa), e do trabalho de empreiteiro (do marido de Orquídea), foi construído o salão onde é feita a produção artesanal e para onde foi realocado o material outrora disperso nas casas das antigas participantes. As cinco integrantes revelaram que nesse início “[...] ficaram as que sabiam menos bordar. Mas nós fomos tentando e aprendendo” (Rosa). “Muitas pessoas que já tiveram aqui mermo neh, eu acho que torceram muito pra que isso aqui se acabasse! Mas até hoje, graças a Deus, a gente continua mantendo o nosso grupozim. E na graça de Deus, Deus vai dando força. E a gente vai continuando até...” (Flor de laranjeira).

A narrativa das experiências vividas na criação e transformação do grupo provocou, nas mulheres, a oportunidade de relembrar os acontecimentos que elas mesmas promoveram e outros sobre os quais não tiveram domínio (JOSSO, 2007). Ao pensar sobre essa experiência, definiram:

A gente tava pensando em fazer um livro com a história do grupo, neh! Um livro todo bordado, neh! Aí a gente tá esperando que essas outras, as meninas que fizeram as carteirinhas [futuras novas integrantes], elas assim diga assim: *eu vou pra lá todo dia*. Porque só nós não dá, neh?! É pouca gente! Mas assim, a nossa intenção depois é construir a nossa história! A história do grupo, neh. Como foi que começou, as nossas dificuldades... Ser tudo bordado neh, tecido. Um livro não pra vender, mas pra gente mostrar neh e se alguém quiser neh! (Rosa).

O plano que compartilharam, apontava para a força de resistência contida em sua concepção e da conscientização de preservar a própria trajetória. A valorização de seu percurso até então era uma meta, mas já vislumbrando incluir as mulheres que se incorporariam ao grupo no futuro próximo. Seria um recorte temporal numa história que poderia não ter fim.

3.2.1 Aspectos da produção

Compreender como as mulheres estavam situadas no trabalho artesanal, definindo espaços de autonomia no exercício (ou não) de autoridade foi o objetivo primordial das observações nas oficinas de trabalho. As tardes de convivência e experiências conjuntas se converteram em oportunidades naturais de registro de comportamentos e atitudes do

desenrolar das ações e efeitos concernentes a usos dos poderes nestes contextos. Perceber a lógica através da qual as mulheres dividiam o trabalho da produção, como a atividade era feita, as relações que se estabeleciam entre elas com outras pessoas envolvidas na atividade foram fundamentais em minha análise do artesanato como sendo uma prática também contribuinte, positiva, de processos de trabalho feminino.

Durante as visitas realizadas às oficinas de trabalho das artesãs percebi que a forma como elas se dispunham espacialmente nas salas era um exercício de constância, pois permaneciam quase sempre nos mesmos locais. Havia lugares costumeiros, de preferência que as deixavam confortáveis ou simplesmente áreas já marcadas pela disposição dos materiais mais utilizados. O lugar das mulheres nestes espaços físicos pode ser pensado como autodeterminados, circulares, relacionais, funcionais, enfim, falam um pouco de cada uma delas.

Assim, Águia sempre sentava em frente à porta de *Onde encontrei pássaros*. Como membro presente todos os dias da semana na oficina e com maior assiduidade, fazia sentido que se posicionasse no acesso principal à oficina. Ela estava sempre lá, recebendo quem chegasse, interagindo com passantes, respondendo enquanto presidente às questões formais da associação. Muitas vezes chegando primeiro e saindo por último, ou, por vezes, até estando sozinha, Águia sentia insegurança em ficar em outro lugar senão *de olho na porta*. Revelou inclusive ter desenvolvido um sistema de alerta quanto à proximidade de pessoas ao local, bastante criativo e inusitado. Era um sistema felino de segurança, isto é, em torno do galpão existiam filhotes de gatos abandonados, assim como animais adultos. Águia alimentava e dava água a eles. Em troca, deitados em frente ao portão da oficina, erguiam as orelhas ou mesmo saíam correndo sempre que alguém chegava ao local. Desse modo, ela sempre sabia, antecipadamente, quando alguém se aproximava.

Das demais participantes, Rolinha, considerada por Águia seu braço direito, frequentemente se sentava do outro lado da sua mesa de trabalho. Seu status também correspondia ao fato de que dominava muitos processos com a palha da bananeira.

Calopsita, sempre próxima às tintas e tecidos que costumava decorar, ficava sentada na outra mesa disponível para o trabalho, dentro da oficina. Sua forma de estar ali correspondia a uma atitude mais reservada.

Maracanã e Beija-Flor, no entanto, poucas vezes *pousaram* num só lugar. Em algumas ocasiões, sentavam ao redor das demais artesãs ou na passagem da porta, por outras ficavam do lado de fora, - ou como costumavam dizer “tomando uma brisa”. Suas inquietações e múltiplos lugares de estar tinham correspondência na forma como atuavam em diversas etapas de produção. Como se dedicavam a mais de uma técnica, Maracanã e Beija-Flor estavam sempre auxiliando as demais onde quer que fosse necessário. De todos os ângulos visíveis havia clara ligação entre todas elas.

Onde encontrei flores observei também haver constâncias na disposição de espaços de trabalho. Elas sempre sentavam em círculo. Como o ambiente era de maior tamanho, as conversas tinham um tom de voz mais elevado, os corpos ficavam mais relaxados com pés distendidos sobre banquetas. Quando uma ensinava uma técnica ou detalhe de bordado à outra, o círculo se tornava mais fechado e se sentavam mais próximas. Esta disposição favorecia a horizontalização das relações de ensino-aprendizagem e o encontro face a face. Quando uma delas trazia uma novidade ao grupo, a apresentação era feita em gestos ampliados para que todas ficassem atentas, favorecendo a expressividade, e, indiretamente, diminuindo a timidez (mesmo que internamente).

A repartição feita por elas mesmas das tarefas respeitava a dimensão relacional do trabalho, conformando-se às habilidades e *know-how* para o exercício da prática de produção. Como apenas Águia sabia lidar com o tear improvisado, a ela cabia confeccionar a base da maioria das peças nele tecidas. Maracanã ajudava Beija-Flor a trabalhar a fibra da bananeira tecendo cordões mais grossos, além de também dominar o crochê. Rolinha trabalhava o caule para extrair a fibra, também tecia e trançava a palha em vários produtos, fazia crochê e fuxico, além de bordar. Calopsita era a única responsável pela pintura em tecido, mas devido o interesse apresentado por Jandaia sobre essa técnica, passou também a ensinar a aprendiz seus fundamentos. Embora soubesse bordar e fazer fuxico, Calopsita não trabalhava com a palha da bananeira. Todas davam acabamento e finalizavam as peças.

As artesãs, exceto Águia, não usavam o tear. Ele era uma versão incompleta da ferramenta original, por isso, necessitava em seu uso que se ficasse medindo frequentemente a distância entre os filamentos da composição e ajustando as fibras. Tal procedimento causava resistência ao uso: “Já tentei ensinar, mas elas parece que não querem... então, elas fazem as outras coisas, cestos bolsas e caixas porque tem uma medida. Aí fica mais fácil! (Águia). Maracanã confirmou o desinteresse por esse tipo de processo no tear. Mas também fez

questão de explicar que seu trabalho com crochê tinha aspecto semelhante. O crochê também exigia o uso de precisão, concentração, contagem e observância da regularidade dos pontos. Ela queria deixar claro que possuía essas habilidades, sem representar sua recusa como impossibilidade técnica em fazê-lo.

Onde encontrei flores havia também, gerenciamento igual da produção:

A gente se divide assim... porque tem umas que tem mais habilidades de alguns artesanatos neh?! Tem mais habilidade, faz mais rápido, quando tem encomenda fica mais responsável pela aquela parte neh e as outras, já tem habilidades noutra já vão fazendo. Mas assim, a gente geralmente faz juntas (Rosa).

O fator que preponderava nas práticas do ateliê era o componente da preferência por determinadas atividades artesanais na divisão produtiva. Naquele contexto, elas vivenciavam a autodeterminação de seu fazer. No entanto, algumas tensões podiam ser percebidas. Jasmim disse que “[...] na verdade é só ela [Flor de laranjeira] que costura e corta, mesmo. Fica tudo pra ela, a gente nunca se bota assim para costurar. Eu, pelo menos, morro de medo de quebrar a máquina!” Deste modo, ressaltava a necessidade de se desenvolver outras funções como demonstração de insatisfação. O fato de algumas artesãs ficarem exclusivamente em determinadas atividades técnicas não deixava de representar maior poder interno no grupo.

O regime de intensidade do trabalho, por vezes, foi observado nas produções artesanais. O tempo do trabalho que, marcadamente, estaria sob o controle das artesãs, era passível de mudanças. Lima (2005) fala que por tradição o objeto artesanal participaria de um mundo com ritmo diferente daquele que comanda o mundo capitalista. No entanto, lidar com a comercialização traz ao artesanato as exigências do mercado onde compra, venda, oferta, procura, impõem outra relação com o tempo ao artesão e à artesã. Também indica que não é preciso submeter o artesão ou desconsiderar suas necessidades. A melhor ação de preservação cultural do artesanato poderia ser realizada, segundo o autor, através do trabalho de educação patrimonial junto ao consumidor, que passaria a compreender o sentido do ritmo artesanal.

A produção por demanda pode revelar relações de formas diversas entre as partes envolvidas. De modo exemplar, Águia refere encomenda feita de urgência por uma “mulher da CEART”; o produto era uma passadeira de chão em fibra de bananeira, medindo um metro e meio por cinquenta centímetros, que precisava ser feita no tear. Como somente ela sabe manusear tal ferramenta, não havia como dividir a tarefa ou receber auxílio das colegas de associação.

Faço assim, deixo tudo perto de mim para facilitar. Quando deu 4 horas da manhã eu tinha terminado. Olhei para cama e deu uma vontade de deitar... eu tava cansada! Mas não podia. Tomei banho, fiz café, tomei e fui para Fortaleza. Do centro peguei um táxi pro SEBRAE e cheguei antes de abrir. Quando ela [funcionária] chegou disse “Olha quem disse que não dava para fazer!... Vou pagar você logo! Isso vai ficar aqui e é para o catálogo”. Às vezes, as pessoas acham que é assim! E pedem em cima da hora! (Águia).

Na relação conflituosa entre interesse financeiro e exploração de suas forças de trabalho, viu-se a ação de um poder dominante subalternizando, mercantilizando a artesã e sua produção. O jogo de manipulação apareceu para a artesã ao ser desafiada em sua capacidade de dar conta do pedido feito em um tempo exíguo, como uma espécie de teste pela contratante da encomenda. Ela se enredou no jogo e buscou a afirmação de sua competência executando a produção como se fora uma máquina. “Se assim não o fizerem, se não demonstrarem essas ‘aptidões’, (‘vontade’, ‘disposição’ e ‘desejo’), trabalhadores serão substituídos por outros que demonstrem ‘perfil’ e ‘atributos’ para aceitar esses ‘novos desafios’” (ANTUNES, 2009, p.130).

Tendo sido percebido o abuso pela imposição da pressa, a pronta remuneração oferecida frente à redução dos tempos de processo de trabalho não parecia ser vista como retorno suficiente ao esforço empreendido. No entanto, em relações de dependência financeira o poder de negociação sobre as condições para o trabalho é diminuído para a classe que vive do trabalho (ANTUNES, 2009). Fato constatado não apenas nos vínculos empregatícios formais, mas também nas prestações de serviços informais. Tipo de relação que se aproxima ao que foi relatado.

Na trajetória de *Onde encontrei flores* percebi que foi dado início à incorporação de padrões rígidos de qualidade na produção, acarretando mudanças nos procedimentos para execução das peças. A relação com as variações e imperfeições constituintes do artesanato, e que lhe conferem imprevisibilidade, sensibilidade, humanidade do fazer livre, cedeu lugar à incorporação da crítica e da vigilância racionais (PAZ, 2006). O que antes era feito estava bom e era aceito pelo grupo, transformou-se à medida que foram sendo *capacitadas* através de cursos de formação técnica.

As avaliações feitas por profissionais-instrutores, as observações dos responsáveis pelo ingresso de produtos na CEART trouxeram outras percepções sobre o resultado final daquilo que apresentavam. Isto também exigiu a progressiva elaboração psicológica das artesãs iniciantes quanto às críticas. Os *defeitos* ou *imperfeições* dos produtos que faziam não eram *defeitos* ou *imperfeições* delas mesmas enquanto pessoas. Eles marcavam a separação de

suas peças e da expressão de si através destas. Assim, as diferenças se tornaram erros e não singularidades. O refazer constante das peças não era associado ao aprimoramento orgulhoso, como processo de capacitação prolongado e cheio de significados para o artífice (SENNETT, 2015). As dificuldades e incompletudes não foram estimulantes do trabalho desenvolvido ao longo do tempo, mas uma imposição vinda de fora que, ao lidar com o produto do trabalho apenas como mercadoria, negligenciava os sentimentos envolvidos naquele fazer.

Nas duas associações conheci as chamadas *coleções*³³ já finalizadas e também em processos de elaboração de novas. Presenciei a ação de designers junto às artesãs trazendo temas e dando ideias de artigos artesanais. Eram situações onde se apresentavam como aplicar as criações, que fomentadas nas intervenções produtivas serviriam como novos produtos para momentos específicos de exposição e venda. Por exemplo, foram produzidas a coleção *Café* (apresentada em 2016 no 1º Salão do Artesanato dentro da Fio Maciço – Feira de Oportunidades do Maciço de Baturité³⁴) e a coleção *Em Cartaz*³⁵ (no showroom de 2017 do Projeto Brasil Original na Casa Cor Ceará³⁶ e na Fio Maciço). Eram ideias e elaborações trazidas por designers consultoras que apresentavam um determinado conceito e articulavam a execução concreta desta concepção às técnicas artesanais desenvolvidas nos grupos de mulheres.

Evidenciava-se, nesses momentos, a relação entre aquelas que pensavam o trabalho e aquelas que o executavam. Um plano conceitual de artesanato era elaborado pela designer e materializado pelas artesãs. A compreensão das motivações pelas escolhas dos símbolos selecionados - como café ou cinema, por exemplo - do esquema de cores e do tipo de objetos aos quais seriam aplicados, nem sempre eram claras para as executoras das peças.

Figura 11 – Imagens de coleções.

³³ Ver descrição de artesanato de referência cultural no segundo capítulo.

³⁴ Evento anual realizado pelo SEBRAE para fomentar negócios na região. A coleção *Café* era formada de bolsas, chaveiros e almofadas decoradas com grãos de café em bordados.

³⁵ A coleção *Em Cartaz* era formada de tapete, almofada, porta controle remoto e banquetas estofadas decoradas com referências gráficas que remetem ao formato de película filmica.

³⁶ Mostra de arquitetura, design de interiores e paisagismo. É um evento das empresas do Grupo Abril.



Fonte: Acervo da pesquisadora, coletadas respectivamente em 15.09.17 e 09.09.17.

Materializado, independente da compreensão de seu significado, o artesanato era feito de forma subalterna pelas artesãs. Havia um atravessamento cultural de valores e signos pregados como importantes e significativos para a designer em dado momento, que pareciam distantes da realidade das artesãs – mas, mesmo assim, aplicados. A leitura de mercado era entregue de forma traduzida – codificada e decodificada – sem que as artesãs participassem como iguais nesse processo. As ideias eram trazidas de fora, como demandas vinculadas aos consumidores que as artesãs não tinham referência, mas que lhes serviam como compradores que viriam satisfazer às necessidades econômicas do grupo.

Na tensão dessa relação de forças ainda existia outro contraponto: a inabilidade em técnicas artesanais da designer. Isto não lhe permitia *demonstrar* as ideias nos materiais disponíveis e a colocava em posição de dependência das artesãs. A reversibilidade das posições aqui presentes explicitou a circulação do *poder sobre*. Se *poder sobre* (ROWLANDS, 1997) é aquele que para se manifestar em uma pessoa é retirado em outra, o conflito que se apresentava explícito ou latente trazia à tona distintas intencionalidades. As artesãs não queriam se comprometer com um trabalho que não entendiam como fazer, e a designer não podia descartá-las, pois não tinha como realizá-lo ela mesma. Como desenvolvedoras de projetos, as designers precisavam da adesão das participantes *ao projeto* – e isto era buscado com bastante afinco.

O que eu estou é instigando vocês [...] eu tô instigando a vocês, *a gente*, a tentar dar uma solução que vai ficar mais parecido com que é! Com o que *a gente* quer representar. Não é que não vai ficar bonito. Bonito vai ficar! Mas talvez não fique parecido com um filme! E não é o que *a gente* quer. E aí o que eu estou querendo fazer é... Será que *a gente* tem outra solução de fazer isso?! (Designer, itálico meu).

As diferenças entre designers e artesãs também apareciam na interação verbal. Por vezes, percebi que as artesãs demonstravam impaciência com a demora nas *explicações*, assim como nas decisões estéticas claras, mas que de toda forma não estavam em suas mãos. As designers, por sua vez, reclamavam que as artesãs não diziam o que estavam *pensando* sobre o trabalho.

Concomitantemente a esses processos, presenciei momentos em que a produção das associações ocorria independente das consultoras em artesanato. Fora das *coleções* eram utilizados como fontes de inspiração programas de artesanato na televisão e pesquisas em sites na internet, experimentando uma maior variedade de objetos. Percebi, ainda, que quando executavam trabalhos manuais inspirados nesses veículos sempre buscavam certo viés de singularidade, fugindo da cópia.

O desenvolvimento das redes sociais que divulgavam e difundiam os trabalhos manuais e artesanais podiam ser tomados em três vias: primeiro, enquanto democratização e socialização do acesso a técnicas, ideias e materiais de uso artesanal; segundo, como ampliação de vendas e contatos para esse fim; terceiro, sendo meio de veiculação expressiva das mulheres e seus fazeres manuais, incluindo o que Jorge (2014) denomina de artesanativismo – espécie de conciliação entre artesanato e ativismo feminista que contesta a arte canônica e transporta a sua herança leiga e caseira para o espaço público, ampliando debates políticos e incluindo setores sociais no ostracismo, com o auxílio das comunidades digitais. Não à toa, ambos os grupos pesquisados possuem postagens no facebook sobre produtos, eventos e suas realizações.

Durante o período da pesquisa, a produção, fosse vinculada a encomendas, desenvolvimento de produtos novos ou transformação dos já existentes, era contínua. Em nenhum momento presenciei as artesãs se reunirem e não trabalharem com seus artesanatos. Inclusive, no período de falecimento do pai de uma delas, houve reunião das demais que disseram fazê-lo para “não deixar a peteca cair” (Flor de Laranjeira).

Durante a produção era possível observar o desgaste físico que a atividade artesanal trazia em seu bojo. O corpo era exigido tanto no manuseio das tranças, que requeria amarrações reforçadas da palha, como na precisão dos leves contornos de tinta e nos muitos pontos com a linha para bordar. Costas, pescoço, visão e articulações eram muito exigidas. E o que dizer das mãos que manipulam a bananeira? Nas palavras de Beija-Flor, “os dedos

queimam pra fazer a costura!” – enquanto meu olhar registrava a tortura na haste da agulha e na postura da sua usuária.

Por outro lado, as mulheres também revelaram que em suas histórias de vida havia quadros clínicos anteriores a interferir em seus afazeres, sem serem decorrentes da prática artesanal.

Porque tem hora que eu não aguento. Eu faço as coisas em casa e sinto os meus problemas, né. E às vezes eu não tenho nem vontade de vir, né. Mas, graças a Deus vai dando... Quando eu não aguentar mais... (risos) Às vezes, é difícil vir porque a pessoa não tá bem neh, de saúde. Às vezes, eu sento aqui na cadeira e só falto não aguentar! Levei uma queda lá na capela e fiquei com esse problema. Faz tempo!! Mas já tá com mais de 2 anos. Às vezes, é dolorido os meus quartos. Às vezes eu sinto dor nas juntas, no joelho, problema de reumatismo... Eu tomo comprimido e passa, mas às vezes ... Eu tô aqui levando... Até quando eu aguentar... (Orquídea).

Flor de laranjeira também falava dos problemas de saúde:

Eu não posso pegar muita frieza neh, nem andar muito. Porque esse meu problema, além de... eu não me lembro... [nome] artrite reumática! Vê isso aqui ó! É porque é inchado aqui por debaixo. Aí fica dolorido e incha. Ó isso aqui é inchado! E isso é porque eu tomo os remédios, óia! E existe, assim, que nem às vezes eu digo pras menina aqui: *vocês tem que aprender a costurar, porque tem tempo que eu vou... que eu não vou conseguir fazer!* Pois é, porque in cá eu digo assim, hoje em dia eu digo que eu agradeço a Deus todo dia e toda hora. Cada segundo eu tô agradecendo a Deus quando eu termino de fazer minhas tarefa! Eu digo: *Graaaaaças a Deus, Senhor muito obrigado porque rá consegui terminar mais uma tarefa!* Coisa que a tempos atrás, aí eu não conseguia fazer. E hoje, graças a Deus, faço. Porque por causa desse problema, porque ele incha, eu tô tomando os remédios. Graças a Deus, só faz inchar. Mas se eu não tiver tomando, quando não dá pra comprar, que eu passo tempo sem tomar, aí fica assim. Aí fica tudo vermelho e dói que eu não aguento fazer nada! Aí eu não gosto muito de tá saindo assim pros canto não (Flor de laranjeira, itálico meu).

E mais, para algumas delas as dificuldades eram, ainda, de ordem emocional. Beija-flor ficava “pra baixo, meio ruim...”; Rolinha pegava medicamentos no Centro de Atenção Psicossocial - CAPS³⁷; Maracanã disse que às vezes sentia uma perturbação na cabeça: “Mas não sou louca! Quando eu tô assim, não acerto fazer crochê e vou pra casa! Quando passa a agonia, tudo volta...” [a capacidade de fazer crochê]; Águia disse que entrou no artesanato para sair da depressão provocada pela morte da mãe:

Porque quando ela faleceu eu passei 15 dia deitada, 15 dia dentro numa rede. Aí tudo isso foi por causa que minha mãe tinha falecido e eu vivia muito triste eu não... a minha... assim... toda hora eu ficava assim, sabe, com aquela tristeza com aquela coisa?! Quando você perde alguém que você gosta e se você não tiver alguma ocupação na sua mente, você dá depressão. Eu acho! Ói quando a minha mãe faleceu se eu não tivesse me dedicado a alguma coisa eu acho que hoje em dia eu era uma pessoa doente!

³⁷ O Centro de Atenção Psicossocial é uma unidade de saúde básica que oferece serviços psiquiátricos e psicológicos, entre outros, atuando na promoção e tratamento da saúde mental à população.

Acrescente-se ao acima exposto que, ao longo de 2016 e meados de 2017, os muitos casos de chikungunya na região também interferiram na saúde das artesãs, pois quase todas foram acometidas em maior ou menor grau de intensidade pela doença. As mulheres carregavam dores nominadas e talvez inomináveis no seu dia a dia. E os momentos na oficina revelavam a necessidade de falarem como se sentiam. Geralmente, para os incômodos físicos, as recomendações e trocas de receitas circulavam livremente; para sofrimentos da alma, percebi que recorriam à escuta e acolhida mútua.

3.2.2 Aspectos da comercialização

Um importante fator para o artesanato é a venda, determinando muitas vezes, a continuidade do trabalho, aquisição de insumos e remuneração de profissionais, inclusive influenciando a permanência nessa atividade. Por isso, observar onde são disponibilizados os produtos, os processos de divulgação, circulação destes, a forma como se dá o envolvimento para a venda, igualmente como são enfrentados os entraves comerciais e desenvolvidas as estratégias de negócios possibilitam balizar a análise do que podem as mulheres neste quesito.

Os dois grupos pesquisados também objetivavam crescer quanto aos aspectos financeiros. As mulheres buscavam através daquilo que realizavam obter incremento na renda familiar. Diferentemente da *invisibilidade* social de sua contribuição financeira quando realizam trabalhos domésticos e de cuidados, a obtenção monetária concreta assumia a função de tornar *aparente* seu trabalho com artesanato.

Quanto ao local de disponibilização para venda, a loja de *Onde encontrei pássaros* era um espaço já estabelecido de comercialização com funcionamento aos finais de semana. Águia ficava sempre atenta ao calendário festivo da região. Avisada pelo SEBRAE sobre caravanas de turistas vinculadas à *Rota verde do café*, Águia telefonava e pedia o auxílio de Rolinha e Beija-Flor quando o fluxo de pessoas na loja era grande. Para Rolinha e Beija-Flor, assumir o funcionamento da loja era raro, pois se diziam tímidas e “sem jeito”, além de alegarem medo motivado pelos assaltos ocorridos no museu da estação. As duas ficavam sós no lugar apenas quando Águia viajava. Já Calopsita e Maracanã não se sentiam bem realizando vendas ou em situações de contato face a face com o público. Praticamente, nenhuma vez ficaram na loja.

Fotografia 12 – Imagens de turistas e da comunidade.



Fonte: Acervo da pesquisadora, coletadas respectivamente em 27.08.17 e 04.10.17

A relação direta com a clientela assumia uma importante estratégia para as vendas. “Como tagarela que eu sou, às vezes, dá pra vender, dá pra conversar com o pessoal. Interagir com as pessoas que vem, é como funciona” (Margarida). Segundo Águia, era preciso deixar a pessoa ou grupo à vontade para olhar o artesanato. Depois, estabelecia-se comunicação perguntando sobre origem, natureza da visita, o clima entre outras temáticas ocasionais e somente depois, apresentar as peças e falar sobre a palha. Ela me revelou que o interesse pelas pessoas superava as vendas e gratificava seus esforços na loja. O desenvolvimento de uma abordagem preponderantemente relacional, que buscava estabelecer o vínculo emocional à frente do comercial, parecia estar presente na atividade.

As peças de *coleções* dificultavam a venda para as pessoas do município, pois tinham elevados preços e seus itens não faziam parte dos objetos utilizados cotidianamente, voltadas para os turistas. “As pessoas daqui não valorizam o trabalho. Só vêm pra trazer alguém de fora. E nem entram, ficam ali... [apontava para a calçada externa da loja]. Parece que tem alguma coisa contagiosa” (Águia). O curioso foi também observar que o poder aquisitivo ou o interesse de turistas que presenciei entrando e interagindo com os produtos na loja artesãs-pássaros, não fazia com que comprassem peças das *coleções*. Elas eram mais admiradas que adquiridas. “O pessoal tão procurando muito saber o que é? Lembrança de... [nome da cidade], com o nome lembrança! A gente não tem quase nada...” disse Águia, refletindo sobre as vendas e seu público. A venda, quando centrada nas coleções, gerava dependência da CEART como parceiro primordial de escoamento da produção.

Percebendo o mesmo problema, a estratégia de ação de *Onde encontrei flores* foi alterada.

A gente percebe aqui assim, a almofada bordada, a gente vendeu e vende muito. Mas, eles usam mais essas, essas almofadas que eles mesmos faz. Essas almofadas de retalho neh, mal feita ou bem feita, eles fazem, neh. Mas assim, essas almofadas bordadas de capitonê não usa. Só que eles querem assim: “Faça um bordado que não saia tão caro.” Então, muitas vezes a gente faz neh. Porque dá pra vender pelo que a gente vê que dá pra eles pagarem. Essas almofadas cheias de detalhe, essas coisas, a gente já vê que tem dificuldade de vender aqui. a gente consegue vender muito essas bolsinhas assim pequena neh, mas essas bolsas grandes [...]fica cara pra elas. E, às vezes, a gente ainda diz assim, quando é uma pessoa que a gente conhece, então pode pagar de duas vezes. Facilita neh?! Então fica assim, nem a gente perde, nem eles perdem. Dá pra vender aqui na comunidade. Mas se a gente fizer essas coisas! (Rosa).

Essas bolsinha que ela tá fazendo tem é muita saidinha. Só que é baratinha essas coisa pequenininhas! Porque é pequenininho, é minizinhos né! Aí vende muita dela. Só é a fretezinha. Eu acho que os trabalho manuais, porque esse deles são muito mais coisado, muito mais detalhista, muito mais criterioso, eu acho que o pessoal não tem muito condições pra comprar (Margarida).

Então, definindo como estratégia principal para suas vendas o contato particular com pessoas do entorno, as artesãs-flores elaboraram produtos com certa diversificação para encomendas. A percepção da menor quantidade de trabalho e de material empregados nos produtos para a comunidade marcava diferenças socioeconômicas entre os consumidores locais e os da capital.

Onde encontrei pássaros participava de feiras artesanais regionais periodicamente, mas Águia relatou que há tempos atrás - não soube precisar quando - também frequentou feiras nacionais: “Eu fui uma feira no Rio [de Janeiro] e levei três volumes de coisas. Vendi tudinho! Só voltei com as minhas roupas. As caixas joguei fora. Só voltou a mala” (Águia). A produção de artesanato da associação apresentava respostas comerciais mais fortes do público de outros centros.

A necessidade de tornar flexível o acesso aos produtos fez com em 2017 a associação adquirisse uma máquina para cartão de crédito, passando a vender não somente em espécie. Por um lado, isto permitiu maior autonomia nos negócios, por outro, maior a dificuldade da remuneração não ser imediata nesse tipo de transação, significando certo lapso de tempo entre a venda e o recebimento: “A gente ainda não viu a cor do dinheiro” (Águia).

Outra forma de gerar encomendas e vendas para *coleções* eram as participações em rodadas de negócios promovidas pelo SEBRAE. Nelas se encontravam, em horários e dia marcados, compradores lojistas e associações artesanais para fazerem contratos. Havia durante a negociação apresentação de mostruário de produtos para encomenda. Águia revelou ser uma tendência subversiva da(o)s artesã(o)s a venda dessas unidades-amostra: “O SEBRAE não quer que a gente venda lá, mas os outros levam e vendem. Eu também vendi

tudo! Eu me arrependi de não ter levado mais!” (Sorriu). A artesã agiu a seu favor, mesmo assumindo riscos perante regras que não lhe beneficiavam. Apresentou capacidade de alterar o procedimento esperado e rever posições desvantajosas. Burlar o estabelecido foi um recurso que garantiu dinheiro imediato para custear a matéria prima necessária para viabilizar novas encomendas.

Em termos de vendas em feiras, *Onde encontrei flores* possuía experiências comuns às de *Onde encontrei pássaros*, mas também outras bem diferentes. Enquanto esta possuía relações estreitas com o SEBRAE e larga experiência no manejo dessa relação, aquela iniciava há pouco tempo um percurso de fortalecimento grupal e de projeção do artesanato como atividade rentável.

Em sua primeira participação na feira, Fio Maciço 2016, *Onde encontrei flores* expôs produtos mediante pagamento de espaço no *stand* com dinheiro retirado de suas reservas, porém, o valor foi maior que o arrecadado nas vendas. Inicialmente o que parecia uma tentativa de acompanhar um ritmo marcadamente capitalista e empreendedor de negócios, converteu-se em lição sobre os conhecimentos necessários ao grupo. A associação passou a refletir sobre quais investimentos desejariam fazer, sobre a natureza das oportunidades oferecidas e os objetivos buscavam alcançar.

É. Eu sei que foi pago 200 reais que era do estande, o espacinho lá. E também nesse de pagar, que se fosse pagar, fosse o meno assim só uma intera! Porque tem deles, grupo grande, que tem condições que tira aquilo dali, investe neh, na coisa. Mas grupin assim pequeno, neh?! Porque tem grupos e grupos. Têm grupos que já estavam há muito tempo assim né?! Faz de tudo, vende pra loja, pra vitrine, pra todo canto... Mas têm condição de pagar aquilo ali! Mesmo que não recupere no mesmo dia, mas tem condições. E nós, não! Nós só vende pra um tatin de pessoas que é daqui. Não dá pra tirar o ganho da gente e pra viagem e pagar espaço lá. Porque eu acho que a gente já deu um passo muito grande. Porque ela [Rosa] disse que quando era lá em baixo só fazia produzir e nunca tirava nada pra elas. E depois que ela passou pra cá que foi começando a dar os frutos. Porque a primeira vez quando eu entrei já tinham começado a repartir neh! Já tinha entrado[dinheiro], já tava dando pra repartir. Aí foi aumentando aos pouquinhos. Não é muito. Mas também a gente vem, conversa... tem toda aquela outra parte que faz bem pra gente. (Jasmim)

Assim, as artesãs não avaliaram a situação apenas pelo fator negativo de seu prejuízo financeiro, mas refletiram ter sido a participação no evento mais uma forma de atingir maior número de pessoas em termos de divulgação e propaganda, que exatamente em vendas. Concluíram que o investimento em transporte, tempo, alimentação, propiciou acréscimo de experiência pessoal e favoreceu a convivência com outra(o)s artesã(o)s da região.

A experiência nas feiras pode ser considerada como multifacetada. Primeiro ao exigir preparação e separação daquilo que iriam apresentar, buscando a adequação à realidade do público a quem se destinam os produtos. Depois, fazer a etiquetagem das peças, providenciar embalagens, decidir se levariam apenas produtos novos ou uma mescla com artigos antigos. Havia, ainda, o desconhecimento sobre a precificação. Segundo Rosa, o curso promovido pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Rural – SENAR intitulado “Com licença eu vou à luta³⁸!”, viria a trazer novas perspectivas quanto à forma de calcular os preços:

Eh, a gente tinha uma mania, antes desse curso, de ganhar. Porque a gente ganha muito nesse curso, a gente ganha tecido, ganha linha, a gente que recebe e a gente tinha uma mania de dizer assim: *essa peça aqui, vamo usar essa linha, vamo usar esse tecido, quanto é que a gente cobre disso aqui? Não, a linha nós já ganhamos, o tecido nós já ganhamos, a basta cobrar só tanto neh?! Então assim, a gente percebeu que no curso, mesmo a gente ganhando essas coisas neh, mas a gente tem que botar como se a gente tivesse comprando. Porque vai chegar um dia que há necessidade de comprar, neh. Então a gente tem que tá preparado. Então ajuda muito nessa questão da gente planejar assim, que a gente não planejava neh. Então assim, todos os produtos que a gente faz aí, esses bordados que a gente tá fazendo que é essas bolsas pequenas, a gente fez o quê? a gente sentamos, vimo o quê? *Quantas bolsas dá um metro? Quanto é o metro do pano? Quantas bolsas dá? Quantos botão pega?* A gente fez, faz todo o orçamento neh agora. E que de primeiro, a gente não tinha, não fazia neh. Então assim, eu percebi que já mudou neh, a cabeça! Então às vezes quando eu digo *Gente, isso aqui? As meninas já diz! E quanto foi o tecido? Quanto foi a linha? E quanto tempo passou pra fazer?* Então já é aquela preocupação, neh. Então, eu acho assim, o curso ele ajudou neh (Itálico meu).*

A feira demandava a presença das artesãs horas antes da abertura, pois era um tempo necessário para equacionar a organização da disposição dos produtos (diante das configurações do stand ou espaço destinado a cada participante), verificando a disponibilidade de suporte como mesa, prateleiras, expositores, cadeiras e, ainda, o tipo de circulação e acesso das pessoas aos produtos. No encerramento da exposição, os profissionais também tinham de destinar um tempo para acondicionar o material, seja até o dia seguinte (quando a feira era prolongada), seja para o transporte final (quando esta tinha acabado): “Eu acho perigoso... eu achei... mais tarde da noite né, 12 horas! Teve uma vez que já tava guardando, que ainda tava rolando lá. E a gente decidiu vim porque já tava tarde e é tudo escuro de noite na pista” (Jasmim). Essas experiências propiciaram aprendizagens cognitivas, físicas e emocionais, além das demandas técnicas presentes numa exposição artesanal.

Foi a primeira feira. Eu achei bom, legal! Porque querendo ou não é uma saída. A gente que não sai pra nenhum canto. Eu venho, porque eu não tenho a oportunidade de sair assim muito pra rua de noite. E se eu sair é pra casa de parente. Já pra lá eu nunca tinha ido, de noite pra cidade... nem festa, nem nada. Achei interessante...

³⁸ O curso é destinado às mulheres do setor rural e versa a respeito do empreendedorismo. Sobre o SENAR e sua atuação ver <http://www.senar.org.br>

diferente... nunca tinha visto neh?! Achei legal participar! Fiquei nas duas vezes. Antes de começar a gente deu uma volta, mas quando abriu mesmo a parte lá das pessoas entrar, eu fiquei ajudando. Saí na hora da... da oficina³⁹. A minha menina fez também. Ela foi na última noite também. Eu tenho meus quadro... guardei tudim... o meu espelho... E eu fiz. Eu gosto de fazer. Se eu pudesse eu tava toda nessas oficina. Eu acho muito interessante, muito legal a oportunidade. Humrrum... Eu acho bom, muito bom aprender!... Eu acho bom oficina. Se tivesse mais oficina pras pessoas fazer na hora, treinar, eu acho que... eu tenho certeza que ia ser muito produtivo aprender coisas diferentes! É muito é bom você tá aprendendo coisa! (Jasmim).

Para a maioria das integrantes do grupo essa foi uma oportunidade de vivenciar diferentes aspectos relativos ao fazer artesanal como a interação com o público desconhecido, com horário diferenciado de trabalho (a saber, no período da noite), deslocamento para espaços fora da cidade, enfim, mudanças em suas rotinas laborais e pessoais, ampliando experiências e capacidades de enfrentar situações novas.

Em relato sobre a ocasião de participação na feira de artesanato, em Fortaleza-CE (2017) as mulheres de *Onde encontrei flores* referiram como importante terem recebido dicas de artesãs mais antigas na atividade quanto às expectativas de vendas, dicas técnicas – quando as mais experientes orientavam as novatas mantendo a perspectiva de um compartilhar entre iguais.

Porque a primeira vez que eu fui pra uma e sem saber de nada. E procurando saber dicas neh? Eu assim... *onde é que compra? Onde é mais barato? Como fica o tecido mais assim?* E elas me ajudaram! Isso foi bom, saber que elas são assim neh, disposta a ajudar. Isso é bom porque tem muita gente que vai e só quer pra si neh. Mas, não. Eu vi que elas também procuram ajudar. Acho muito bom isso. Tem gente que é a vida toda artesã neh? E, e é bom pra gente ouvir neh, sentar, ouvir e aceitar as críticas neh? Porque muitas chegaram a dizer: “Olha isso aqui que tá errado aqui”. “Você faz assim!”. *Ó mulher que coisa boa!* E aceitar neh saber que você pode melhorar e passar né pras meninas... Aí eu trouxe tudo e falei com elas. E graças a Deus el/ nós neh tamos melhorando. Tem que ter esse preparo pra ir pra feira, tem que ter. Tem que ter porque, às vezes, aqui a que tá ao lado, vende muito mais coisa que você. E se você não tiver... como, por exemplo, eu fui. A do lado vendeu mais do que eu. *Eu valha meu Deus!!* Aí ela olhou assim: “Não mulher, tem calma!” Ela notou que eu fiquei assim *Ai meu deus, por quê?...* Mas aí, eu fiquei assim, um pouco triste, mas a gente tem que melhorar. Vamo ver o que é que nós vamos melhorar aqui, pra chamar, encher os olhos de quem vê *Olha, que coisa legal!* Pois é, senão a gente fica triste. Assim, por não vender. Mas foi bom pra gente aprender. Cada dia mais, a gente vai aprendendo (Hortência).

O relato de Hortência indica que a troca de vivências entre mulheres em situações semelhantes amplia a capacidade de influenciarem positivamente umas às outras.

Outra experiência relatada por *Onde encontrei flores*, decorrente da Feira Fio Maciço 2016, foi o contato do SEBRAE para disponibilização dos produtos da coleção *Cafê*

³⁹ Durante o evento da Feira Fio Maciço (2016) foram oferecidas gratuitamente oficinas de artesanato em quadros com bordado e enfeites para espelhos.

vinculados em pontos da rota turística desse órgão. O grupo entendeu como vantajosa a questão de não haver necessidade de deslocamento de um de seus membros para acompanhar as vendas *in loco*. Entretanto, a experiência se revelou problemática, pois conforme alegou Rosa houve dificuldade em reaver os produtos quando solicitado e que não houve prestação de conta de alguns itens ausentes: “Parece que eles não valorizam a gente” disse. E quando convidada para nova exposição promovida pelo órgão ao custo de R\$ 400,00 a inscrição, decidiu não aceitar dizendo: “Não quero inimizade ou romper com eles, mas não vou dar mais importância”. Sua fala demonstrava frustração (quanto ao descaso da primeira situação), desconfiança (quanto a ter de aceitar todos os convites) e sensação de ser usada mais que assessorada ou ajudada no segundo caso.

Eventos da comunidade, festas religiosas, datas comemorativas também eram oportunidades de “botar uma banca com nossos produtos” (Rosa). As reuniões da associação de moradores, que ocorriam no salão da oficina favoreciam a abertura da lojinha - ainda não oficialmente inaugurada.

Por fim, o grupo se utilizava da internet como instrumento de divulgação e contato de encomendas (via *facebook*). Isto demonstrou a disposição em criar alternativas de venda em contraposição à elitização dos produtos artesanais voltados para as coleções fomentadas por designers, praticando ofertas de trabalhos manuais mais compatíveis em termos de poder aquisitivo com os amigos da rede social.

3.2.3 Aspectos grupais e individuais

Neste tópico, apresento a mescla dos achados das narrativas individuais e aqueles provenientes da experiência grupal. Trouxe condensados dados sobre as mulheres que entrei em contato nas duas associações. Escolhi não trabalhar com descrições do tipo ficha individual porque a relação que estabelecemos não me permitiu isolá-las, mesmo que sob a justificativa de formatação textual. O pessoal e o relacional grupal surgiram de modo indissociável com a ideia de se compreender exercícios de poderes.

O sentido de acessar as histórias individuais das artesãs se deveu à perspectiva de não as tratar uniformemente, *essencializando-as*. Lagarde (2005, p.79) diz que “las mujeres comparten como género la misma condición genérica, pero difieren em cuanto a sus situaciones de vida y en los grados y niveles de la opresión” – pois são *mulheres* com

histórias únicas e particulares, por mais que dimensões sociais e culturais lhes constituam similaridades com toda outra *mulher*. Buscando o que “[...] hace de subjetividad una síntese creativa exclusiva, y de su vida um hecho único, finito, irrepitable” (LAGARDE, 2005, p.84), discorri sobre como as artesãs se situavam pessoalmente nos grupos, traçando objetivos, definindo motivações, estabelecendo comunicação, tomando decisões, liderando, enfim, exercendo seu modo de ser nos relacionamentos ali presentes.

Recorri às entrevistas semiestruturadas para obtenção das narrativas. Elas foram realizadas no ambiente onde ocorriam as atividades artesanais, fossem na área externa da oficina, dentro ou na varanda da loja. O tempo disponibilizado para a realização dessas entrevistas sempre foi o período da tarde. Nesses momentos, elas paravam de fazer artesanato para falarem de si mesmas pois, conforme alertaram, não havia outro instante para isso ou outro lugar em que não fossem interrompidas. Percebi ser o tempo e o espaço do artesanato um tipo de parênteses ou hiato em suas vidas repletas de atravessamentos e obrigações familiares. No contexto do ateliê, desobrigadas daquele tipo de relação, elas decidiam *se, quando e como* atenderiam à minha solicitação de entrevista.

A contradição de liberdade sendo exercida dentro desses limites me remeteu aos contextos possíveis de exercer escolhas de que fala Kabeer (2013b). A autora destaca que quando se observa mulheres se autogerindo e determinando o que fazem, a depender do contexto, deve-se considerar isso como uma conquista. Pois, o que para algumas mulheres pode parecer banal, como marcar conversas, ter horas vagas para falar de si, para outras poderia ser um luxo quanto ao uso do tempo, ou ainda, um desafio enquanto exposição partilhada de si.

Deste modo, reconheci nas delimitações de tempo e lugar para a realização das entrevistas uma afirmação de espaços de poder das mulheres. Tomando como base essa compreensão, refleti sobre os voos de aproximação e afastamento da *passarada*, as aberturas e fechamentos *florais*.

No processo dos encontros, algumas artesãs-aves pousaram e cantaram suas histórias sem constrangimentos, outras mais fugidias saltaram de galho em galho dificultando o registro de suas presenças. Então, decidi que a *ornitologia*⁴⁰, que pretendia desenvolver,

⁴⁰ Estudo das aves a partir de sua distribuição territorial, das condições e peculiaridades de seu meio, dos costumes e modo de vida, de sua organização e como se distinguem umas das outras. Disponível em: <http://biologo.com.br/bio/ornitologia/> Acesso: 04.11.17

respeitaria cada um desses movimentos por elas assumidos com maior ou menor consciência de seus mecanismos de defesa. Apesar de certas recusas eu não utilizaria da gaiola científica para me lançar sobre elas capturando informações a qualquer custo. Algumas recusas, reticências e aceites já davam o tom plural das mulheres.

O grupo das artesãs de *Onde encontrei pássaros*, que conheci efetivamente, possuía idade que variava de 50 a 64 anos. Duas eram casadas, uma separada e duas solteiras. Todas possuíam pelo menos um filho. Apenas duas delas moravam sós. As demais com pelo menos um parente. Todas eram católicas. Uma artesã era analfabeta e as outras possuíam baixa escolaridade: apenas uma possuía o que hoje corresponde ao ensino médio.

Os rendimentos auferidos com o artesanato somavam-se a benefícios sociais adquiridos. Uma delas era pensionista, duas aposentadas e as outras recebiam o benefício de garantia-safra⁴¹. Era certo que os rendimentos elencados não constituíam renda suficiente para indivíduos ou famílias proverem seu sustento e a complementação advinda das vendas com artesanato era um fator para o engajamento na associação. No entanto, a existência de um fio condutor da permanência na atividade não se sustentaria apenas na questão financeira, pois a arrecadação era inconstante.

Por sua vez, nas andanças pelo jardim das *flores*, percebi o colorido, conheci certos espinhos e vi desabrochar pequenas pétalas. Entrevi o potencial de botões que buscavam se abrir plenamente e o esforço de cada uma em polinizar a terra que habitavam.

Onde encontrei flores era constituído de mulheres casadas, e apenas uma separada. O grupo se autodenominava como de *donas de casa*. Elas possuíam idade entre 30 e 54 anos, moravam com os maridos e possuíam pelo menos um filho. A única do grupo que era separada morava com os pais idosos. Quanto à escolaridade, três apresentavam o ensino fundamental e duas o ensino médio. Apenas uma delas possuía renda individual por ocupação profissional diversa (era funcionária municipal). Uma administrava a aposentadoria dos familiares e as demais dependiam financeiramente dos maridos. Essa realidade de dependência e escassez financeira tornava-se um objetivo declarado a superar com o trabalho artesanal.

⁴¹ Garantia-Safra é uma ação do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF) voltada para os agricultores familiares que vivem em região majoritariamente semiárida e que sofrem perda sistemática de safra por motivo de seca ou excesso de chuvas, com pagamento de benefício. Disponível em: <http://www.mda.gov.br/sitemda/secretaria/saf-garantia/sobre-o-programa> Acesso: 05.11.07

Busquei ouvir de todas elas as relações antecedentes e atuais com o artesanato, as técnicas, aprendizados e experiências que a atividade havia lhes proporcionado. De igual modo, procurei entender como elas desenvolviam e exerciam seus poderes nas relações pessoais, familiares e profissionais. Investiguei seus planos futuros partindo das trajetórias compartilhadas até então, que, conforme Wieringa (1997), apontam parâmetros indicativos gerais para se pensar as mudanças que as mulheres podem experimentar e manifestar como uso de poderes em seus diversos níveis de possibilidade. Mas, confesso ter sido difícil essa tarefa de alimentar palavras, fertilizar imagens e verbos, em ambos os grupos. Refletir sobre a experiência de grupo no contexto das associações também foi fundamental para o entendimento da forma como as mulheres, através da produção e da comercialização puderam interagir, influenciar, motivar, recorrer a subterfúgios e estratégias, ousar, reagir e aprender umas com as outras, e com outros interlocutores – incluindo a mim mesma.

Em termos grupais, as artesãs formavam coletivos de contato direto e constante entre os membros, que, de modo geral, cumpriam o objetivo comum de produzir artesanato. A rotina em ambos os grupos, compreendia a convivência não apenas das artesãs, mas também de familiares. Presenciei estas visitas. Na maioria delas eram passados rápidos recados acerca da vida doméstica, mas também havia aqueles que permaneciam na oficina por todo período da tarde.

Embora atravessado por essas presenças, o espaço da oficina, sendo separado da casa de cada uma delas, era um fator que ajudava a demarcar certa separação no tempo do trabalho artesanal e do trabalho reprodutivo, ou ainda, do tempo para elas mesmas e para os demais. De toda forma, atrasos, ausências ou saídas antecipadas sempre tinham relação com demandas domésticas e familiares. Por exemplo: “Hoje Orquídea não vem! Vai lavar roupa” (Flor de Laranjeira); ou ainda, Jasmim trabalhava em um bordado quando sua filha de 4 anos apareceu na oficina. Mesmo morando na casa em frente, o fato pareceu surpreender a mãe que deixara a criança aos cuidados do pai. Por aproximadamente uma hora Jasmim se ausentou da oficina, retornando em seguida na companhia da filha banhada, alimentada - conforme explicou - e munida de lápis de cor e papel para ficar com o grupo até quando a mãe estivesse presente. Àquela ocasião Jasmim parecia contrariada. As outras mulheres disseram que ela podia fazer isso sempre, mas ela retrucava afirmando não gostar da situação e que a criança ficaria quieta por pouco tempo. Era seu modo de informar que, provavelmente, sairia tão logo a criança necessitasse. Diante da dificuldade de compartilhar os cuidados dos filhos satisfatoriamente com o marido e a necessidade de executar seu trabalho integralmente, era evidente que a

mulher vivenciava um conflito interior. Isto era traduzido na tensão gerada ao tentar conciliar as duas atividades.

Considerando o acima exposto, identifiquei dificuldades, em Jasmim, no expressar das frustrações diante do grupo. Ela frequentemente permanecia calada, não pedia sugestões, embora também interagisse e parecesse à vontade com as companheiras. Disse: “Pois é, elas são muito legais! Ninguém ofende ninguém! Ninguém anda com ignorância com ninguém! Todo mundo se respeita. Tem suas diferenças...mas não vai atingir, nem ofender ninguém!”

De modo geral, as outras artesãs de *Onde encontrei flores* eram bem mais falantes. Margarida discutia temas em destaque na mídia. Rosa, Hortência e Flor de Laranjeira assuntos referentes às encomendas. Orquídea era a brincalhona do grupo, parecendo aliviar as tensões constantemente fazendo piadas. Disse-me que se eu quisesse mesmo fazer parte do grupo tinha que “aguentar as brincadeiras!” E, sobre assuntos gerais a conversa corria livremente.

Quando tratavam de questões familiares era percebido certo receio e cautela na escolha das palavras, assim como frequentes justificativas de cunho religioso (mediando comentários, autocensura e conselhos). Preocupações, insatisfações e divergências de opiniões eram expressas durante uma conversa, mas era clara a inclinação de suprimir ou aliviar os conflitos através da busca por harmonia e cooperação final.

A experiência da prática religiosa comum indicava servir de sustentação e contribuir para a coesão do grupo.

Na associação *Onde encontrei pássaros* a comunicação também era direta. Elas trocavam impressões e opiniões sobre o trabalho. Às vezes, passavam um tempo apenas caladas assistindo televisão. Ao longo de nossa convivência, percebi que os assuntos familiares não eram muito mencionados.

Bloqueios emocionais e dificuldades de expressão ficavam circunscritos às relações que elas atribuíam como formais ou com pessoas desconhecidas. Calopsita era bastante silenciosa, parecia não gostar de dar ou pedir sugestões. No entanto, demonstrava estar atenta ao que se passava. Beija-Flor contou que diante de perguntas diretas costumava *travar*: “Se for uma conversa normal, natural, até pode ser...” As demais eram um pouco mais comunicativas. Águia era o centro da verbalização grupal, contando histórias, piadas ou comentando notícias. Muitas vezes mobilizava a fala e instigava as outras a darem opiniões e explicar em fatos – ao identificar pausas e indecisões rapidamente retomava a narrativa.

O curioso foi perceber como as outras artesãs jogavam com essa característica. Se por um lado Águia se destacava e exercia preponderantemente o espaço da fala, explicando, orientando, esclarecendo, por outro, as demais se utilizavam desse quesito sempre que

queriam escapar de situações críticas de fala onde eram solicitadas a dar informações, opiniões ou sugestões. Tentavam, claramente envolviam Águia no que diziam: ao verbalizarem dúvidas, pediam para Águia detalhar ou confirmar alguma coisa. Sabiam que a partir desse estímulo a outra se manifestaria. Não havia apenas uma complementaridade passiva na relação, mas certo aprisionamento de Águia na posição de porta-voz do grupo pela manobra estratégica das outras integrantes do coletivo.

Contudo, não era somente em relação à comunicação que Águia assumia posição central. Ela exercia claramente o papel da liderança sobre o grupo com a motivação para a atividade artesanal. E formalmente, presidente da associação, Águia dava confiança ao grupo sobre ações na distribuição de tarefas e captação de novos contratos de vendas. Informalmente, era também um eixo, ponto a partir do qual havia incentivo à participação em capacitações e cursos para o crescimento profissional e pessoal – como na ocasião em que fez um curso que não era do seu interesse, só para mostrar apoio às outras mulheres.

Minha querida, eu nunca na vida tinha pegado um pincel! Aí teve esse curso de pintura. Aí as meninas disseram: *Vamo, vamo! Vai ser bom!* Aí veio dez vagas pra nós. Dez não, cinco vagas. [Calopsita] foi, mas não ficou até o final não. Eu voltei só pros outro. Eu não ia não, mas aí na hora... *Por que tu não vai? Também não sei [pintar]... O quê, nós vamos tu não vai?! Aí para não deixar a turma, aí eu não ir, aí eu fui, né?! Eu não gosto não de pintura. Não. Não me interessa pintura não. Não é minha praia não. Aí eu fui e fiz. Tanto que na hora eu não sabia nem pegar no pincel igual a criança quando pegar na caneta pela primeira vez! E, meu Deus o que é que eu faço?!...* (Águia, itálico meu).

Águia tinha certa percepção da dependência quanto à sua liderança. Para influenciar a independência e o engajamento das outras artesãs, ela costumava recorrer à criação de momentos que pudessem induzir novas aprendizagens e atitudes. Na situação de atendimento ao público, por exemplo, dizia já ter forçado as outras artesãs a solucionarem questões, por elas mesmas, desaparecendo do local de venda por alguns momentos; ou ainda, insistindo que Rolinha ministrasse oficina sobre enfeite de caderno com a palha da bananeira. Diante das competências técnicas já adquiridas, Águia achava ser possível Rolinha repassar esses processos e enfrentar a baixa autoestima e o sentimento de inadequação que sentia.

No grupo, a exposição e aceitação das ideias podiam ser observadas sob o ângulo dos assuntos artesanais e dos pessoais. Quanto aos temas artesanais, a maior parte das decisões tomadas era discutida pelo coletivo. Mesmo que não fossem consensuais eram salvaguardadas as falas e argumentações, pois havia horizontalidade na comunicação das análises individuais. Uma diferença de participação nas decisões, (ou mesmo opiniões) evidenciava-se, no entanto, as mesmas eram feitas na presença de outras pessoas (não membros do grupo). Em minhas primeiras vezes presente às oficinas, por exemplo, percebi que as artesãs se entreolhavam,

usando frases truncadas ou incompletas para se comunicarem. Com a continuação de minhas participações, passei a perceber mudanças – inclusive ao ser solicitada para opinar sobre os assuntos em pauta no dia.

Quando da reunião inicial para definição da coleção *Em Cartaz* com a designer consultora, *Onde encontrei pássaros* apresentou reação distanciada. À exceção de Águia, todas se mantinham caladas sem demonstrar interesse na reunião; Rolinha, Calopsita e Beija-Flor não falavam ou esboçavam qualquer reação, lidando com o estresse desse tipo de encontro de modo evasivo, por vezes, aparentando sonolência; Maracanã parecia incomodada com a situação em que era *exigida* uma posição para que o trabalho pudesse ser encaminhado, mas contribuía na discussão, no entanto, acabada a reunião e dirigindo-se à oficina, todas começaram a falar bastante do encontro – demonstraram não se sentirem à vontade para expressar suas dúvidas e opiniões diante da figura de suposta autoridade da designer, enquanto promotora do projeto da coleção.

Depreende-se que, para essas mulheres, o confronto entre falar e calar passou por condicionamento sociocultural de submissão que não se apresentou apenas na relação com o masculino-dominante, mas, fundamentalmente, foi internalizada: reapresentando-se nas situações que envolviam relação de dominação de quaisquer formas, mesmo entre mulheres.

Onde encontrei flores também foi possível identificar lideranças, no entanto, a tendência era de mais participação compartilhada das integrantes do grupo. Em termos de poder havia posições distribuídas de acordo com funções que equilibravam as relações, porém Rosa e Flor de Laranjeira, presentes desde o surgimento do grupo de mulheres, tornaram-se figuras centrais de coesão. Estas inclusive, declaravam como uma das metas de *Onde encontrei flores* ampliar o número de participantes. A motivação era duplamente apontada como forma de crescimento para o trabalho e como modo de integrar mais mulheres no processo de apoio frente às dificuldades cotidianas. Ressalte-se que essa ampliação se submeteria à aprovação de todas, para tentar evitarem o ingresso de pessoas que viessem a desagregá-las. Pensavam fazê-lo através de convites refletidos pelo grupo. No caso de *Onde encontrei pássaros*, ao longo da pesquisa, nunca houve menção à inclusão de novas integrantes.

Quanto aos assuntos pessoais, o espaço compartilhado também servia para apoio mútuo, desabafos e troca de conselhos entre as artesãs. Embora em *Onde encontrei pássaros* as relações fossem claramente de amizade, havia menos referências aos sentimentos individuais.

Em *Onde encontrei flores* existia um lugar frequente de acolhimento à expressão mais direta dos sentimentos, sem abrirem mão da cautela quanto à possibilidade de serem intrusivas: “Problemas em casa... a gente sabe o que é, mas ela não diz! Como a gente pode ajudar?...” (Flor de laranjeira). Para Rosa, uma das integrantes tinha um “casamento abusivo”, mas isto era falado com discrição entre elas. Disse: “Aos poucos, ela está se soltando. Uma vez ela ia dizer alguma coisa de si com as outras, olhou para os lados como quem procura e disse, *Não tem nenhum homem não, né?! essa mulher tinha que se valorizar! Ela é bonita e tem que gostar dela mesma!*” Margarida revelou na entrevista ter uma relação muito conflituosa com o marido há muitos anos, iniciando, tratamento contra depressão que não deu continuidade porque ele a proibiu. Afirmou, contudo, que a convivência com o grupo de artesanato trouxe-lhe mudanças.

Porque eu me sentia muito triste, chorava. Teve época que eu achava que se eu morresse ia resolver os problema. Assim, muitas vezes parece, não, e foi muitas vezes, meu marido me inibiu de ser eu mesma, tá entendendo? Fui botando na minha cabeça que o problema era eu tá entendendo? Chegou uma época da minha vida que ele batia em mim. Chegou um dia que eu enfrentei ele: *Se você bater em mim, amanhã eu vou na delegacia!* Mas, às vezes, a pancada em si - quando ele dá oportunidade, eu digo - às vezes, as pancada em si, um corte, é menos dolorido do que uma palavra que a pessoa diz com a outra, tá entendendo?! Eh, aí eu comecei a não ficar mais calada! Não ficar mais aceitando tudo que ele dizia. Ai antigamente eu não debatia. Eu por mim eu ficava... às vezes eu via as coisa daquele jeito eu era capaz de chorar. E teve uma época que eu não aceitei não, neh (Itálico meu).

Segundo Rosa, as demais companheiras de grupo também tentavam trabalhar autoestima de Margarida.

Como eu sou da área da saúde e eu passava na casa eu via a maneira que era tratada pelo marido, que sempre baixou a cabeça. Aí a gente começou a colocar essa questão aqui. Não falando do nome da pessoa neh, mas dizendo o que acontecia assim assim assim. Tinha visto na televisão, entrevista no rádio assim, mulher assim, assim... E a pessoa a partir daí começou a ver que a gente queria ajudar e se abriu pra gente. Assim, contou realmente o que tinha passado e o que passava. E a gente começou a dar conselho. A dizer faça assim, aja dessa forma. E hoje, a pessoa - a gente percebe - que a pessoa chega é alegre, é feliz, neh. Totalmente diferente do que quando chegou no grupo neh. Então assim, eu acho que que aju/ eu tenho certeza que essa maneira que a gente tá conduzindo o grupo tá ajudando! Não só na área do artesanato, mas também na área do convívio familiar delas (Rosa).

Margarida viveu e vive um processo de conscientização e superação de sua condição de vítima de violência, que oscilou entre resistência e submissão, mas que ela definiu assim: “Eu senti - muita gente diz - que eu já melhorei!”; depois lamentou: “Eu disse que com 40 eu ia tá diferente neh, mas não consegui”; e seguiu: “É que eu digo assim que aquela bobinha de antigamente morreu e eu nasci outra. A cada ano que passa dos 40 eu vou melhorando!”, para

referir em seguida que “aqui a gente acha graça que é só! Nós, assim, parece que no dia a dia a gente conversa, a gente acha graça que a vida não é tão...”

Percebi que no grupo havia uma preocupação de fortalecimento pessoal, inclusive pela fé, para o enfrentamento das situações no cotidiano. As mulheres queriam encontrar formas de envolverem os homens nessa dinâmica por entenderem que, desse modo, contribuiriam na mudança de suas atitudes: “A gente tem que trazer eles para cá e a gente vai começar lá pela igreja” (Rosa); “pra amansar!” (Flor de laranjeira); “é como se a gente fosse os pilar de tudo, neh! De tudo neh. [...] A gente diz assim, a gente tem força, porque se a gente não tivesse a gente não tinha chegado até aqui né!! Mas era bom que eles fosse também com a gente” (Rosa).

Dentro das questões das mulheres, pensar em poder requereu estabelecer um olhar que dimensionou os achados da pesquisa em três níveis: individual, relacional, coletivo. O nível individual dizendo respeito ao potencial de cuidarem de si mesmas, decidirem, liderarem, aumentarem sua força interior, desenvolverem autoestima, autonomia, e, também, consciência da situação de subordinação de gênero em que podiam se encontrar. A forma e o ritmo em que se posicionaram como agente de seu próprio crescimento variou na medida do acesso e das barreiras aos exercícios de poder em suas vidas – nestes termos, as lutas deram-se contra padrões já estabelecidos. A ação do fazer artesanal moveu rigidezes físicas e psicológicas por ter impulsionado experimentações mais amplas de aprendizagens cognitivas e motoras ao se dedicarem a atividades diferentes das cotidianas exercidas no lar; essa ação ampliou a satisfação pessoal pelo ato de elaborarem e mostrarem criações nas peças produzidas, fortalecendo a capacidade de enfrentar situações adversas e criando alternativa ao hábito do fazer servil no lar.

O nível relacional envolveu os vínculos e as relações de poder cujas mulheres foram inseridas, levando em consideração influências familiares, educacionais, condicionamentos, valores, crenças religiosas. Portanto, também foram lutas que dependeram do social e se desenvolveram nas interações. Tiveram no contexto grupal apoio e incentivo, condições necessárias e importantes para ampliarem potencialidades ligadas a habilidades e saberes, fazendo-as, capazes de saírem do âmbito *doméstico*!

O nível coletivo deu-se nas amplas conquistas e lutas políticas, envolvendo aspectos como bem estar, segurança econômica e reconhecimento social - tanto individual quanto

coletivo para as mulheres. Significou ampliada consciência crítica para a participação social, buscando transformar e influenciar, em nível governamental, os direitos das mulheres.

[...] a produção ou criação feminina, pela experiência de aprendizagem e da prática artesanal, significa instrumento útil para a sobrevivência econômica e para a autonomia social, mas também, ao mesmo tempo, constitui-se expressão, enquanto propicia a afirmação das identidades e concede visibilidade aos sujeitos antes escondidos na sombra do labor, sem produto aparente. O útil e o inútil se combinam, pois, no trabalho das mãos artesãs e, por elas, além da produção para a sobrevivência e autonomia, cria-se no convívio a condição da afirmação e do reconhecimento, ou seja, da construção da identidade e das identidades. Nesse processo se esclarece que o objeto útil é capaz de expressar e identificar a subjetividade que o produz, enquanto o belo se redescobre como utensílio (EGGERT, 2011, p.8).

Nos aspectos observados e compartilhados na pesquisa, percebi indícios que apontam para o artesanato como algo significativo na vida dessas mulheres - seja em termos de ocupação, seja como componente de suas relações pessoais. A experiência do trabalho realizado em grupo pareceu agregar qualidades positivas às vidas dessas artesãs como o compartilhamento de situações existenciais semelhantes.

Considerações Finais

Para mudar é preciso aprender, é preciso entender. Mas a felicidade de entender não substitui a felicidade de sentir, que é maior do que entender sem sentir, ou aprender sem sentir.

Bader B. Sawaia⁴²

O vivido não se fantasia qual um baile de máscaras, através de adjetivos, substantivos e verbos. O vivido se adjetiva, substantiva-se, move-se no verbo e se exclama na pontuação.

Ana Maria Loffredo⁴³

Pensar supõe entrar nos desejos, vendo o possível e o impossível, para depois poder trabalhar na direção de fazer provável algo do possível.

Alicia Fernández⁴⁴

As mulheres integradas ao trabalho assalariado, no momento em que se desmantelou o Estado de Bem-Estar social, assumiram condições muito aquém dos homens em termos de prestígios e direitos. A reestruturação neoliberal direcionou-lhes para determinadas profissões e postos de trabalho utilizando-se do que poderia se chamar de generificação de capacidades. A inserção laboral de mulheres não desfez a divisão sexual do trabalho, de fato, a emancipação incorporada na ideia do ingresso na esfera pública via trabalho remunerado, trouxe para as mulheres ganhos, mas também efetivo acúmulo de atividades - pois essas passaram a se sobrecarregar com horas dispensadas em casa e fora de casa, o que, por vezes, pode significar piores condições de qualidade na vida.

Em nível macroscópico de análise, políticas de direitos humanos, quando não colocam em pauta, questões relativas ao cuidado com a vida exercido através do trabalho reprodutivo feminino, atuam – segundo visão feminista – apenas no sentido de mitigarem as desigualdades e não de desmantelá-las.

Por sua vez, forças sociais e ideológicas de ordem patriarcal, a serviço do capitalismo, impostam ordenamentos discursivos de controle político-econômico que naturalizam disposições de gênero e geram efeitos cotidianos de exploração.

Uma leitura feminista das condições de empregabilidade, uso do tempo e da força de trabalho recoloca a questão das diferenças entre os sexos, dos papéis de gênero e das

⁴² A consciência em construção no trabalho de construção da existência, 1988, p 280.

⁴³ A cara e o rosto: *ensaio sobre gestalt terapia*, 1994, p.114.

⁴⁴ Os idiomas do aprendente, 2001, p.78.

expectativas sobre os mesmos como uma via de discussão, conscientização, problematização do assunto.

A precária situação atual de empregabilidade na região interiorana do Ceará dá poucas oportunidades às mulheres maduras⁴⁵ sem formais qualificações profissionais ou elevada escolaridade. Às vezes, atividades menos tecnológicas – na contramão daquelas atualmente valorizadas em tempos de reestruturação do trabalho – como as dos fazeres manuais e artesanais se tornam alternativas de ocupação e remuneração. Mas essa “opção” significa sair ou permanecer na exclusão-opressão de gênero quanto ao trabalho?

Neste estudo, vi que apesar de criarem e exercerem poderes de oposição à dominação, as artesãs ainda são enredadas nas malhas da subalternidade. O que me fez lembrar Margarida quando disse: “Se a vaca - ou o touro - soubesse o poder que ele tem não se segurava dentro do curral!” Foi preciso olhar além do financeiro (sem desconsiderá-lo) para incluir na análise a percepção das condições concretas dos recursos disponíveis e entender como se dão processos de emancipação e resistência das artesãs no Maciço de Baturité, acessando as pessoas e considerando as microrrelações existentes.

Provenientes da agricultura e donas de casa, as mulheres protagonistas dessa pesquisa, não tinham em suas histórias pessoais tradição em técnicas de artesanato. Algumas acessaram noções básicas de costura em transmissões geracionais provenientes da educação de gênero, mas não aplicavam esses conhecimentos fora do uso doméstico. Foram nas experiências em torno de capacitações para negócios que elas passaram a introduzir o artesanato como um trabalho. Deste modo, as artesãs tiveram suas atuações também vinculadas a agências como SEBRAE e CEART. A vinculação com tais instituições fizeram as mulheres transitarem em duas esferas do artesanato: enquanto meio de adquirir recursos financeiros necessários e complementares à renda de suas famílias, como um “negócio empreendedor” e associado ao turismo na região; e como oportunidade de crescimento pessoal, criação e uso de suas habilidades com valorização e sentido social.

Em ambos os casos, foi possível identificar aspectos divergentemente contributivos ao protagonismo e autonomia para estas mulheres. Como contribuição de consequências criticáveis, encontrei a influência do SEBRAE e da CEART estabelecendo relações sobremaneira mercantis aos produtos e ao trabalho das artesãs. Abriam-se mercados e

⁴⁵ Considero “maduras” as mulheres acima de metade da expectativa de vida das brasileiras, que é em média de 75,5 anos, segundo dado do IBGE de 2015. Informação disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br>

vendas, porém as intervenções implantadas findaram monitorando e regulando as ações das artesãs, padronizando seus produtos e alterando o saber-fazer dessas profissionais.

Como consequência favorável, percebi que também ações de fomento da atividade do artesanato realizadas por estes órgãos constituíram um fator agregador para as mulheres, fortalecido na criação de associações, circunstâncias de trabalho e de conquistas financeiras - algo desejado por todas elas. As ações de fomento propiciaram estimulação à atividade artesanal através de cursos e feiras, o que viria ao encontro de anseios das artesãs, já que muitas relataram que a ausência de incentivos financeiros tornou-se a maior dificuldade para atuarem no setor: de certa forma, elas encararam esses recursos como atrativos.

Essas relações paradoxais também se encontraram nos usos dos poderes. As intervenções no desenvolvimento de produtos artesanais, feitas nos grupos por *designers*, eram, segundo as próprias profissionais, instigações à criatividade e soluções de problemas, exercidas através de discursos e práticas de subordinação dos saberes das artesãs. Por sua vez, as mulheres resistiram e se insurgiram contra esses discursos e práticas à medida que produziram e venderam suas invenções pessoais fora da tutela dos órgãos promotores de comércio das *coleções* artesanais; ou ainda, quando escamotearam suas opiniões estéticas e técnicas nas novas elaborações. Em resumo: o interesse estratégico em manter esse vínculo com as instituições não impossibilitou as artesãs de se esquivarem do mesmo vínculo quando lhes fosse conveniente.

Como fator de independência e autonomia, os grupos recorreram às redes sociais. Através destas divulgaram e difundiram trabalhos manuais e artesanais. Também usufruíram democraticamente do acesso a técnicas com dicas de “passo a passo”, ideias e materiais de uso artesanal, ampliando fontes de informação, vendas e contatos. Por fim, utilizaram esses recursos como forma de controle social, onde puderam acompanhar ações políticas para o setor artesanal e oportunidades existentes para diferentes grupos - participando em comunidades e grupos locais.

Houve pontos relevantes no fazer artesanal dessas associações que também mantiveram correspondência - como locais de aprendizagens novas e uso da criatividade, o que consistiu em aquisições e exercícios cognitivos importantes para as artesãs. O *Poder Para* que amplia e alarga horizontes através de aprendizagens, esteve presente para essas mulheres - do momento em que aprenderam como contabilizar custos de produção a como organizar itens para venda em feiras; do instante em que mediarão suas vidas de trabalho duro com o

prazer de conhecer novos lugares, culturas e pessoas ao desafio de saírem do universo restrito dos lares para negociarem posições em outras relações sociais.

Os espaços onde faziam o artesanato também se constituíam em lugares para si. Nesses, durante parte do dia, abriram-se tempos diferenciados das atividades desenvolvidas no lar, momentos em que aquilo que faziam dizia respeito as suas vontades e só se tornavam “obrigações” à medida de seus compromissos, com o que desejavam produzir. As oficinas foram espaços de exercício de autonomia e onde definiam estratégias a seu favor.

O *Poder de dentro* que diz respeito à autoconfiança, autoestima e autovalorização, e que fora rebaixado através de uma miríade de experiências ao longo das trajetórias de vida das artesãs. Foi a primeira instância de poder vivenciada de modo positivo entre elas, de modo a influenciá-las em cada uma de suas conquistas. Esses processos em construção se alimentaram também das respostas externas de reconhecimento positivo dos trabalhos produzidos.

A oportunidade de vivenciar uma rede de apoio, que surgiu da convivência, da partilha de situações e problemas comuns, assim como da construção de ambiente de confiança para expressão de opiniões, desabafos e aconselhamentos mútuos, constituiu uma forma de *Poder Com*. Este poder foi desenvolvido através da solidariedade, de senso comunitário, tornando significativa a rede de apoio psicoemocional entre as artesãs. A chance do encontro das mulheres e o lidar com suas vicissitudes pessoais, possibilitou a oportunidade da percepção das lutas comuns, podendo vir a se constituir em espaço para engajamentos sociais e políticos. Ao se dirigirem a um local determinado e fora de suas próprias residências houve acentuação da condição de saída do mundo privado para um ingresso na esfera pública via trabalho com artesanato. Através deste, houve acesso à renda, em contraposição ao trabalho doméstico que além de invisibilizado, não oferece valor monetário por sua feitura. Auferir renda e exercer atividade visível, neste contexto, assumiu indícios emancipatórios, pois permitiu às mulheres decidirem em que gastar o dinheiro ganho e também assumirem seu protagonismo.

O viés de acesso a recursos econômicos revelou que a mobilização das habilidades femininas para mulheres de pouca escolaridade vai além do trabalho doméstico e de cuidados. A “especialização” na costura, por exemplo, proveniente da educação de gênero ligada muitas vezes ao trabalho reprodutivo serviu como passaporte alternativo para o trabalho produtivo. Ou nas palavras de Jasmim, “se você tem uma coisa e utilizar de outra forma, ou fazer de

outra forma para lhe servir, eu acho muito interessante!” Essa *nova* costura pode suturar algumas desigualdades.

Assim, ao realizar este trabalho dissertativo, procurei contribuir para a afirmação positiva de pesquisas interdisciplinares rigorosas, éticas e compromissadas com o conhecimento produzido em favor da vida. Pude aprender muito sobre mulheres, trabalho e artesanato cognitiva e emocionalmente. Percebi que o trabalho de pesquisa pode ser muito enriquecedor quando feito de encontros para aprender, entender e sentir – como refere Sawaia – pois assim se pode mudar. E mudar significou, para mim, ter posto idealizações em perspectiva. A vivência com o campo de pesquisa foi muito rica, inclusive em contrastes: ora eu me via encantada com o que presenciava no trabalho das mulheres, ora desacreditava do futuro do artesanato local diante de tantas dificuldades em termos de recursos. Mas Andorinha me disse, certa vez, que se “aqui não tem artesanato, mas tem artesãs. É isso aí! O principal tem!” E eu me conectei com o pensamento, com a reflexão do possível – como indicou Alicia Fernadéz – para me fazer convicta que há muito ainda que se discutir articulando gênero, artesanato e trabalho no Maciço de Baturité, e em outros lugares.

Fiquei convicta de que registrar as experiências de artesãs concatenando a criação de artesanaria à produção material e de vida contribuiu para os grupos pesquisados. Esse registro procurou respaldar suas lutas, contribuindo para permanecerem ativas e operando no segmento – via difusão social sob a modalidade de discurso acadêmico; mas, principalmente, pela importância quanto ao papel de impulsionar o exercício autorreflexivo às mulheres-sujeitos, no sentido de buscar autoconscientização – maior possibilidade de transformar mudanças cotidianas em emancipação de mulheres, de fato.

Encerro *minha* narrativa entendendo que o caráter pedagógico e terapêutico da atividade artesanal em grupo pode ser uma via de atuação feminista. Este será o desafio, em termos de projeto, para o doutoramento: tornar possível trabalhar a temática do artesanato em ambientes educativos como instrumento mediador e emancipatório de ressignificação das situações de violência nos cativeros de mulheres (LAGARDE, 2005). Afinal, como pássaros, flores ou quaisquer outras formas de existir, a vida precisa se fazer com liberdade.

Referências

ALEGRE, Maria Sylvia Porto. **Arte e Ofício de Artesão: história e trajetórias de um meio de sobrevivência**. 239f. Tese (Doutorado em Antropologia) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1988.

_____. **Mãos de mestre: itinerários da arte e da tradição**. São Paulo: Maltese, 1994.

ALEMANY, Carme. Violências. IN: HIRATA, H; LABORIE, F; LE DOARÉ, H; SENOTIER, D (orgs.) **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Ed. UNESP, 2009, p.271-276.

ALVARES, Sonia Carbonell. **Maragogipinho - as vozes do barro: práxis educativa em culturas populares**. 375f. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015.

ALVIM, Maria Rosilene Barbosa. Artesanato, tradição e mudança social: um estudo a partir da 'arte do ouro de Juazeiro do Norte'. IN: RIBEIRO, Berta G. [et al.]. **O artesanato tradicional e seu papel na sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: FUNARTE, Instituto Nacional do Folclore, 1983.

ANTUNES, Ricardo. **Os Sentidos do Trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

_____. **Adeus ao trabalho? : ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. 15ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ARIAS, Patricio Guerrero. **Corazonar el sentido de las epistemologías dominantes desde las sabidurías insurgentes, para construir sentido outro de la existência**. CALLE14, vol. 4, n. 5, jul/dez de 2010, p. 83-94.

ARTESANATO CEARENSE: *tradição que se renova*. SEBRAE - CE. Fortaleza: Gráfica e Editora Comercial, 2014.

BARBOSA, Ana Mae. **Mulheres, artesanato, design**. Trama Interdisciplinar, São Paulo, v. 7, n.1, jan/abr. 2016, p.233-248.

BATISTA, J. L. C.; GUIMARÃES, J. R. **A gestão do trabalho, do homem e da vida a partir do pensamento de Michel Foucault**. Kínesis, vol. 1, nº 2, Outubro de 2009, p. 124-133.

BATLIWALA, S.; DHANRAJ, D. **Os mitos de gênero que instrumentalizam as mulheres: uma visão da "linha de frente" indiana**. Revista Feminismos, Salvador, v.1, n.1, jan/abr de 2013, s.p. Disponível em: www.feminismos.neim.ufba.br Acesso: 09.06.17

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O. ; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo: Saraiva, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002.

_____. **Ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia**. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

BRANDÃO, C. R. **Reflexões sobre como fazer trabalho de campo**. Sociedade e Cultura, v.10, n. 1, jan/jun de 2007, p.11-27.

BRUSCHINI, Maria Cristina. **Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos.** Cadernos de Pesquisa, v.37, n.132, set/dez de 2007, p.537-572.

BRUSCHINI, M. C.; LOMBARDI, M. R. **A Bipolaridade do trabalho feminino no Brasil contemporâneo.** Cadernos de Pesquisa, n. 110, julho de 2000, p. 67-104.

BUENO, Belmira Oliveira. **O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores:** a questão da subjetividade. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.28, n.1, jan./jun. 2002, p. 11-30.

CANCLINI, Néstor Garcia. **As Culturas populares no Capitalismo.** São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. **Culturas Híbridas:** estratégias para entrar e sair da Modernidade. São Paulo, EdUSP, 1997.

CASTRO, A. M.; EGGERT, E. **A Tecelagem Manual em Minas Gerais: elementos para uma análise feminista da produção artesanal.** Revista Latino-americana de Geografia e Gênero, Ponta Grossa: v. 6, n. 1, jan. / jul. de 2015, p. 114 - 126.

CARDOSO, F. T. **Artesanato no Ceará contemporâneo de 1987 até 2002.** 2010. 130 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2010.

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. **O trabalho do antropólogo.** Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 2006.

CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Gênero e artefato:** o sistema doméstico na perspectiva da cultura material. São Paulo, 1870-1920. EdUSP, 2008.

CERQUEIRA, Valdenice M. Melo de. **Narrativa:** a ampliação do olhar acadêmico a serviço da pesquisa. EmRede – Revista de Educação à Distância, vol.1, n.1, 2014. Disponível em: <<http://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/12>. > Acesso em: 26 de maio de 2016.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais:** evolução e desafios. Revista Portuguesa de Educação, Braga: Universidade do Minho, vol.16, n. 2, 2006.

CODO, W. Um diagnóstico do trabalho: em busca do prazer. IN: TAMAYO, A.; BORGES-ANDRADE, J. E. CODO, W. (orgs.) **Trabalho, organizações e cultura.** Coletâneas da ANPPEP, vol. 1, n.11, setembro, São Paulo: Yangraf, 1996, p. 36-55.

_____. O fazer e a consciência. IN: LANE, S. e CODO, W. (orgs.) **Psicologia social: o homem em movimento.** 13ª ed. 4ª impressão. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 48-57.

_____. **Por uma psicologia do trabalho: ensaios recolhidos.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

CORNWALL, Andrea. **Apresentação: trilhas do empoderamento de mulheres.** Revista Feminismos, Salvador: vol. 1, n. 2, mai/ago de 2013, p. 2-8. Disponível em: www.feminismos.neim.ufba.br Acesso: 09.06.17.

CUNHA, A. G. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa.** 2ª ed. 14ª impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DAL ROSSO, Sadi. **Mais trabalho!**: a intensificação do labor na sociedade contemporânea. São Paulo: Boitempo, 2008.

DELGADO, Lucila de A. N. **História oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DIAS, C. Melo. **“Olhar com Olhos de Ver”**. Revista portuguesa de pedagogia, Coimbra: Universidade de Coimbra, n.43-1, jan. de 2009, p. 175-188. Disponível em: <<http://iduc.uc.pt/index.php/rppedagogia/article/view/1265>>. Acesso em: 07.05.2017.

EGGERT, E. (org.) **Processos educativos no fazer artesanal de mulheres do Rio Grande do Sul**. 1ª ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011.

FACHONE, Savana L. **Design e artesanato**: o sentido do fazer manual na contemporaneidade. 2012. 113f. Dissertação (Mestrado em Design) Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2012.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução do coletivo Sycorax, 2004**. Disponível em: <<http://coletivosycorax.org/indice/>> Acesso em: 14 de dez. 2016.

FERNANDÉZ, Alicia **Os idiomas do aprendente**. Porto Alegre: Artemed, 2001, p.78 Disponível em: <http://groups.google.com.br/group/digitalsource> Acesso: 21.02.2017.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. IN: NÓVOA, António; FINGER, Matthias. **O método (auto)biográfico e formação**. Natal: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010, p.35-57.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

_____. Sujeito e Poder. IN: DREYFUS, Hubert L. e RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Tradução: Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-249. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/89334324/Michel-Foucault-O-Sujeito-e-o-Poder>>. Acesso em: 12.07.17

_____. **A Ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

_____. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

_____. **Em defesa da sociedade: curso no College de France (1975-1976)**. 1ª ed. 4ª impressão, São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 36ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

FRASER, N. **Repensando o reconhecimento**. Revista Enfoques: revista semestral eletrônica dos alunos do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia da UFRJ, Rio de Janeiro, v.9, n.1, agosto 2010, p.114-128.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas Ciências Sociais, IN: JANTSCH, Ari Paulo; BIANCHETTI, Lucídio. **Interdisciplinaridade: além da filosofia do sujeito**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995, p.25-49.

GALEFFI, Dante A. O Rigor nas pesquisas qualitativas: *uma abordagem fenomenológica em chave transdisciplinar*. IN: MACEDO, Roberto Sidnei. **Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa: educação e ciências humanas**. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 13-73.

GOMBRICH, E. H. **A história da arte**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

HAUSER, A. **História social da arte e da literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. **Novas configurações da divisão sexual do trabalho**. Cadernos de Pesquisa, v. 37, nº 132, set/dez de 2007, p. 595 - 609.

HIRATA, H. Reorganização da produção e transformações do trabalho: uma nova divisão sexual? IN: BRUCHINI, C; UNBEHAUM, S. G. **Gênero, democracia e sociedade brasileira**. São Paulo: FCC: Ed.34, 2002, p. 339-355.

_____. Gênero, classe e raça: Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. Revista Tempo Social, São Paulo, vol. 26, n.1, 2014, p. 61 - 73.

HYCNER, R. **De pessoa a pessoa: psicoterapia dialógica**. São Paulo: Summus, 1995.

IMBROISI, Renato e KUBRUSLY, Maria Emilia. **Desenho de Fibra**. Artesanato Têxtil no Brasil. Rio de Janeiro: SENAC Nacional, 2011. Disponível em: <http://www.youblisher.com/p/197238-Desenho-de-Fibra/> Acesso em: 29.03.2017.

JORGE, Inês, P. G. **A teia de Penélope: encontros e desencontros entre a arte e o artesanato na época contemporânea**. 2014. 151f. Dissertação (Mestrado em História da Arte) Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2014.

JOSSO, Marie-Christine. **A transformação de si a partir da narração de histórias de vida**. Revista Educação, Porto Alegre, ano XXX, n. 3, set./dez de 2007, p. 413-438.

_____. **Experiência de vida e formação**. 2ªed. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista narrativa. IN: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (orgs.) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 9ªed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011, p. 90-113.

KABEER, Naila. (2013a) **Desde as contribuições feministas, para um quadro analítico: as desigualdades de gênero em uma perspectiva institucional**. Revista Feminismos, v.1, nº1, jan/abr de 2013, s/p. Disponível em: www.feminismos.neim.ufba.br Acesso em: 09.06.2017.

_____. (2013b) **Contextualizando as trilhas econômicas do empoderamento de mulheres: resultados de um programa de pesquisa em diferentes países**. Revista Feminismos, v.1, nº2, mai/ago de 2013, s/p. Disponível em: www.feminismos.neim.ufba.br Acesso em: 09.06.2017.

KERGOAT, Danièle. Compreender as lutas das mulheres por sua emancipação pessoal e coletiva. IN: MORENO, Renata (org.). **Feminismo, economia e política: debates para a construção da igualdade e autonomia das mulheres**. São Paulo: SOF Sempre Viva Organização Feminista, 2014, p. 11-21.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. 5ªed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.

LARGARDE Y DE LOS RÍOS, Marcela. **Los cautiveros de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas.** 4ª Ed. México: UNAM, 2005.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação, IN: SILVA, Tomaz Tadeu. **O sujeito da educação.** Petrópolis: Vozes, 1994, p. 35-86.

LEMOS, Maria Edny S. **O Artesanato como alternativa de trabalho e renda: subsídios para avaliação do Programa Estadual de Desenvolvimento do Artesanato no município de Aquiraz – CE.** 2011. 111f Dissertação (Mestrado em Avaliação de Políticas Públicas) – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2011.

LEÓN, Magdalena. **Poder y empoderamiento de las mujeres.** Bogotá, 2013. Disponível em: <https://mujeresforjadorasdesdesarrollo.files.wordpress.com/2013/11/m-lec3b3n-versic3b3n-final-nov-10-2013.pdf> Acesso:18.02.17

LIMA, Ricardo Gomes. **Artesanato de tradição: cinco pontos em discussão.** Cadernos ArteSol, 2005, p.13-26.

_____. **Artesanato e arte popular: duas faces de uma mesma moeda?** Disponível em: http://www.cnfcp.gov.br/pdf/Artesanato/Artesanato_e_Arte_Pop/CNFCP_Artesanato_Arte_Popular_Gomes_Lima.pdf Acesso em: 20.02.2017

_____. **Artesanato em debate: entrevista.** Entrevistador: Paulo Keller. Revista Pós Ciências Sociais. São Luís: Universidade Federal do Maranhão, Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, v. 8, n. 15, jan./jun. 2011, p. 187- 210.

LOFFREDO, A. **A cara e o rosto: ensaio sobre gestalt terapia.** São Paulo: Ed. Escuta, 1994.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

_____. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas.** Pro-Posições, v.19, n.2 (56), maio/ago. 2008, p. 7-23.

MAIA, S. Glícia M.; PEREIRA, F. Vítor. Bordado: uma subversão possível. IN: FILHO, A. V. S; RAMOS, J. F. P.; FRANCO, R. K. G. (orgs.) **Ensaio Interdisciplinares em Humanidades.** Fortaleza: EdUECE, 2017, p. 284-304.

MATOS, Marlise. **Teorias de gênero ou teorias e gênero? Se e como os estudos de gênero e feministas se transformaram em um campo novo para as ciências.** Revista Estudos Feministas, v.16, n.2, Florianópolis: mai-ago de 2008, p. 333-357.

MEDEIROS, P. P. S. **Grandes expressões filosóficas: conhecendo a ti mesmo.** 2ª ed. Roraima: Editora Pégaso, 2015, p.34. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=wzq4CgAAQBAJ&pg=PA34&lpg=PA34&dq=#v=onepage&q&f=false> Acesso em: 12.05.17.

MELLO, Soraia C. de. **Gênero, artefato e a constituição do lar: o caso paulistano.** Revista Proa, vol. 1, nº 2, 2009, p.279-283.

MINAYO, Maria Cecília. **Pesquisa social.** São Paulo: Vozes, 2004.

MORAES, Roque. **Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva.** *Ciência e Educação*, vol.9, n.2, 2003, p.191-211.

MORENO, R. Entre o capital e a vida: pistas para uma reflexão feminista sobre as cidades. IN: **Reflexões e práticas feministas.** MORENO, Renata (org.) São Paulo: SOF, 2015, p.43-74.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MOSCOVICI, Fela. *Desenvolvimento interpessoal: treinamento em grupo.* 17ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

OLINDA, ERCÍLIA M. B.; ARAÚJO, A. O. Narrativas de vida tecidas na pesquisa com jovens a partir de procedimentos individuais e coletivos. IN: **Pesquisa qualitativa: formação e experiências.** SALES, C. M. V.; ALMEIDA, N. R. O. (orgs.) Curitiba: CRV, 2016, p.231-246.

PAZ, Octavio. **O Uso e a contemplação.** Raiz, Edição nº 3, out. 2006. Disponível em: <http://revistaraiz.uol.com.br/portal/index.php?option=com_content&task=view&id=102&Itemid=116> Acesso em: 25 de dez. 2016.

PELLANDA, Nize M. C.; GUSTSACK, Felipe Autonnarrativas e invenção de si. IN: **Arte que inventa afetos.** GORCZEWSKI, Deisimer (org.). Fortaleza: Imprensa Universitária, 2015, p. 39-54.

PINSK, Carla Bassanezi. **Estudos de Gênero e História Social.** Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 17(1): 296, janeiro-abril, 2009, p.159-189.

PLANO TERRITORIAL DE DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL: *território cidadania Maciço de Baturité - MDA/SDT/CONSAD.* Fortaleza: Instituto Agropolos do Ceará, 2010.

PROGRAMA DO ARTESANATO BRASILEIRO. **Base conceitual do artesanato brasileiro.** Ministério do Desenvolvimento, indústria e comércio exterior: Brasília, 2012.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. IN: PRIORE, Mary Del (org.). **História das mulheres no Brasil.** 9ª ed. São Paulo: Contexto, 2010, p.578-606.

RAMALHO, Juliana P. **“Você não está comprando banana”:** *significados e consumo do artesanato do Vale do Jequitinhonha.* ArtCultura, Uberlândia, v. 14, n. 24, jan.-jun. 2012, p. 205-218.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais.** São Carlos: Claraluz, 2005.

RIBEIRO, J. Ponciano. **Gestalt-terapia: o processo grupal: uma abordagem fenomenológica da teoria do campo e holística.** São Paulo: Summus, 1994.

ROCHA, Custódia. **Relações de gênero, relações de poder: de uma cidadania instituída e excludente a uma cidadania comunicativa e instituinte.** Comunicação e Cidadania – Actas do 5º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação 6-8 de Setembro de

2007, Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho, p.1720-1728.

RORIZ, Priscilla C. O. **O trabalho do artesão e suas interfaces culturais-econômicas**. 2010. 199f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

ROWLANDS, Jo. Empoderamiento y mujeres rurales en Honduras: un modelo para el desarrollo, IN: LEÓN, Magdalena de (comp.). **Poder y empoderamiento de las mujeres**. Bogotá, Coedición del Tercer Mundo Editores, Fondo de Documentación Mujer Y Genero de la Universidad Nacional de Colombia, 1997, p. 213-245.

SAFFIOTI, Heleieth. **Do artesanal ao industrial: a exploração da mulher**. São Paulo: Hucitec, 1981.

_____. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. São Paulo: Livraria Quatro Artes Editora, 1969.

_____. Diferença ou indiferença: gênero, raça/etnia, classe social. IN: GODINHO, Tatau; SILVEIRA, M.L (org.). **Políticas públicas e igualdade de gênero**. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, Cadernos da Coordenadoria Especial da Mulher, 8, 2004, p 35-42.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes**. Novos estud. - CEBRAP, São Paulo, n. 79, nov. 2007, p. 71-94. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002007000300004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 de mar. 2017.

SAWAIA, B. B. **A consciência em construção no trabalho de construção da existência**. 329f. Tomo I, Tese (Doutorado em Psicologia Social) Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 1988.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS (SEBRAE) - Termo de referência: *atuação do Sistema SEBRAE no artesanato*. Brasília: SEBRAE, 2010.

SENNETT, R. **O artífice**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Revista Educação & Realidade. Porto Alegre: v.20, n.2, jul-dez. 1995.

SIMIONI, Ana Paula. **Bordado e transgressão: questões de gênero na arte de Rosana Paulino e Rosana Palazyan**. Revista Proa, vol. 1, n. 2, 2010, p.1-20.

SILVA, Márcia A. **Abordagem sobre trabalho artesanal em histórias de vida de mulheres**. Educar em Revista. Curitiba, n. 55, jan-mar, 2015, p. 247-260.

_____. **Alinhavando, bordando e costurando... possibilidades emancipatórias de trajetórias de trabalho de mulheres artesãs em uma cooperativa popular de Pelotas**. 2010. 181f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Vale do Rio dos Sinos/Unisinos, São Leopoldo, 2010.

SORJ, Bila. Trabalho, gênero e família: quais políticas sociais? IN: GODINHO, T.; SILVEIRA, M. L. **Políticas públicas e igualdade de gênero**. São Paulo: Cadernos da Coordenadoria Especial da Mulher 8, 2004, p. 143-148.

SOUZA, Terezinha M. S. **Emoções e capital: as mulheres no novo padrão de acumulação capitalista**. 2006. 353f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

THIRY-CHERQUES, H. R. **Foucault e a gestão do trabalho**. Revista Estudos de Administração e Sociedade v.2, n.1, 2017, p. 8-20.

VIEIRA, Geruza S. O. **Artesanato: identidade e trabalho**. 2014. 180f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

WIERINGA, Saskia E. Uma reflexión sobre el poder y la medición del empoderamiento de género del PNUD. IN: LEÓN, Magdalena. (comp.) **Poder y Empoderamiento de las Mujeres**. Bogotá, Coedición del Tercer Mundo Editores, Fondo de Documentación Mujer Y Genero de la Universidad Nacional de Colombia, 1997, p. 147-172.

Entrevistas das artesãs:

ÁGUIA. **Entrevista**. [10.09.17]. Entrevistadora: Santana Glícia Menezes Maia. Baturité, 2017. 1 arquivo. Mp3 (1h 26'38'').

ANDORINHA. **Entrevista**. [29.08.17]. Entrevistadora: Santana Glícia Menezes Maia. Baturité, 2017. 1 arquivo. Mp3 (27'38'').

BEIJA-FLOR. **Entrevista**. [14.08.17]. Entrevistadora: Santana Glícia Menezes Maia. Baturité, 2017. 1 arquivo. Mp3 (20'06'').

CALOPSITA. **Entrevista**. [14.08.17]. Entrevistadora: Santana Glícia Menezes Maia. Baturité, 2017. 1 arquivo. Mp3 (12'49'').

FLOR DE LARANJEIRA. **Entrevista**. [31.05.17]. Entrevistadora: Santana Glícia Menezes Maia. Aracoiaba, 2017. 1 arquivo. Mp3 (26'42'').

HORTÊNCIA. **Entrevista**. [30.05.17]. Entrevistadora: Santana Glícia Menezes Maia. Aracoiaba, 2017. 1 arquivo. Mp3 (30'37'').

JANDAIA. **Entrevista**. [29.08.17]. Entrevistadora: Santana Glícia Menezes Maia. Baturité, 2017. 1 arquivo. Mp3 (09'21'').

JASMIM. **Entrevista**. [31.05.17]. Entrevistadora: Santana Glícia Menezes Maia. Aracoiaba, 2017. 1 arquivo. Mp3 (51'41'').

MARACANÃ. **Entrevista**. [23.08.17]. Entrevistadora: Santana Glícia Menezes Maia. Baturité, 2017. 1 arquivo. Mp3 (27'50'').

MARGARIDA. **Entrevista**. [06.09.17]. Entrevistadora: Santana Glícia Menezes Maia. Aracoiaba, 2017. 1 arquivo. Mp3 (1h 22'46'').

ORQUÍDEA. **Entrevista**. [30.05.17]. Entrevistadora: Santana Glícia Menezes Maia. Aracoiaba, 2017. 1 arquivo. Mp3 (11'33'').

ROLINHA. **Entrevista**. [23.08.17]. Entrevistadora: Santana Glícia Menezes Maia. Baturité, 2017. 1 arquivo. Mp3 (42'01'').

ROSA. **Entrevista**. [16.08.17]. Entrevistadora: Santana Glícia Menezes Maia. Aracoiaba, 2017. 1 arquivo. Mp3 (34'35'').

ANEXO 1 – Roteiro de entrevista semiestruturada

1. Narre para mim um pouco sobre sua trajetória de vida e o modo como o artesanato fez e faz parte dela.
2. Como você começou a fazer parte desta associação/grupo? (tempo; motivações etc).
3. Fale como é o seu dia a dia na associação (produção/comercialização; divisão de tarefa; criação das peças).
4. Como as pessoas acham e/ou falam sobre o que você faz? (família; amiga (o)s; vizinhança)
5. Fale como são suas outras atividades diárias? (tempo; diversidade)
6. O que significa para você fazer artesanato?
7. Que tipo de facilidades você encontra na atividade artesanal?
8. Que tipo de dificuldades você encontra na atividade artesanal?
9. Como você vê/imagina o seu futuro? Nele, onde fica o artesanato?

ANEXO 2 – Ofício de desocupação


Prefeitura Municipal de Baturité
Secretaria de Cultura

Ofício nº 27/2017 Baturité, 1º de março de 2017.

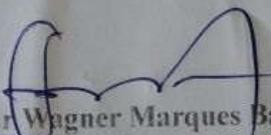
Ilma Sra.
Artesã XXXXXXXXXXXXX

Tendo em vista a premente necessidade de requalificação e reorganização dos prédios do imóvel denominado *Estação Ferroviária de Baturité* (Museu, Armazéns, Garagem, Depósito de Máquinas e Escritório), sede da Fundação de Cultura e Turismo, e agora também da Secretaria de Cultura, solicito a desocupação e a entrega das chaves das salas ora ocupadas por Vossa Senhoria, **até o próximo dia 30 de março**, para que possam ser iniciados os serviços de limpeza, conserto, recuperação e adaptação dos prédios em referência.

Esclareço, mais, que a reorganização dos espaços em questão é indispensável para o funcionamento adequado dos setores administrativos e finalísticos da Secretaria de Cultura do Município, dentro dos seus novos parâmetros de programas e projetos, mas deve-se também à necessidade urgente do cumprimento do compromisso firmado com a Secretaria de Cultura do Estado, através do seu Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas, para a imediata mudança e reinstalação da *Biblioteca Pública Menezes Pimentel*, que se encontra em local totalmente insalubre e inapropriado, bem como para a montagem de um salão permanente de artes plásticas e visuais (pintura, desenho e fotografia), além de uma sala de Cinema, tendo em vista as atividades que serão realizadas em comemoração ao centenário de fundação do *Grupo Severiano Ribeiro*, em julho deste ano, evento de nosso real interesse artístico, cultural e turístico, com alcance nacional, por ser um empreendimento iniciado e ainda hoje mantido pela ilustre família de origem baturiteense.

Na expectativa de contar com o pronto atendimento ao ora solicitado, agradeço antecipadamente a atenção dispensada, firmando-me

cordialmente,


Cesar Wagner Marques Barreto
Chefe de Gabinete do Prefeito,
Secretário de Cultura/Presidente da Fundação de Cultura e Turismo - respondendo